

OBSERVAR E INTERVIR NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA DE FORMA A COMPREENDER AS
POTENCIALIDADES DO BRINCAR NO ESPAÇO DA
CASINHA

Relatório de Práticas de Ensino Supervisionada

Ana Sofia Henriques Sebastião

Trabalho realizado sob a orientação de

Joana Alexandra Soares de Freitas Luís

Joana Filipa da Costa Bernardo

Leiria, julho de 2025

Mestrado em Educação Pré-Escolar

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

À minha família mais próxima que sempre considerou o meu percurso para me tornar educadora de infância, com algo engraçado, mas de grande importância, e especialmente à minha mãe que foi a pessoa que mais se mostrou orgulhosa de mim, que mais me apoiou e me deu carinho.

Às minhas amigas e colegas que sempre me aconselharam da melhor forma, ouviram os meus desabafos, festejaram comigo as minhas conquistas e que também sofreram comigo.

À Escola Superior de Educação e Ciências Sociais que tão bem me recebeu e à simpatia e cumplicidade dos professores, em especial à professora Joana Bernardo que ao longo de três semestres sempre acreditou em mim, mesmo em momentos em que nem eu mesma acreditava, e à professora Joana Luís por aceitar orientar este relatório.

À educadora cooperante que fez-me sentir em casa dentro da sua sala, que me permitiu errar e aprender com os meus erros, sem nunca me cortar as asas ou deixar de confiar em mim.

E por último, mas não menos importante às crianças que tornaram tudo isto possível e que sempre serão o elemento principal na minha vida.

A todas estas pessoas estou muito grata.

RESUMO

Este relatório foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, no âmbito da Unidade Curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância. O mesmo é constituído por duas partes: a dimensão reflexiva (subdividida em três capítulos, que relatam e analisam três momentos de Prática Pedagógica (PP) que permitiram a realização de uma viagem pelo crescimento pessoal e profissional da mestranda) e a dimensão investigativa (que integra um enquadramento teórico, um estudo empírico realizado durante uma das PP, a apresentação e discussão de resultados desse mesmo estudo e as respetivas conclusões).

A investigação teve como questão de partida, “*Quais as potencialidades do espaço da casinha para um grupo de crianças de jardim de infância da rede pública da região de Leiria?*”. Os objetivos de investigação foram os seguintes: i) refletir sobre possíveis alterações no espaço da casinha; ii) conhecer a perspetiva da educadora e das crianças face a possíveis alterações no espaço da casinha; e iii) compreender o tipo de brinquedos usados e as brincadeiras realizadas na área da casinha antes e após a intervenção realizada; Recorreu-se a diversas técnicas e instrumentos de recolha de dados para realizar este estudo, a saber: i) observações participante na área da casinha e registo de notas de campo; ii) conversas com as crianças; iii) e entrevista à educadora cooperante. Os resultados do estudo realizado revelam que o espaço da casinha tem potencialidades. O brincar no espaço da casinha antes e após uma reestruturação do mesmo proporcionou a participação das crianças e momentos de brincadeira diversos. As brincadeiras promoveram o faz-de-conta/jogo-simbólico, através da representação de diversos papéis, por parte das crianças. Por fim, o faz-de-conta permitiu a comunicação e a socialização das crianças (noção de empatia, partilha e responsabilidade), a realização de aprendizagens significativas, e proporcionou momentos de segurança e felicidade às crianças.

Palavras-chave

Área da casinha, Brincar, Educação de Infância, Espaços Educativos, Transformação de áreas.

ABSTRACT

This report was prepared as part of the Master's in Early Childhood Education, at the Polytechnic Institute of Leiria's School of Education and Social Sciences, within the context of the Curricular Unit of Pedagogical Practice in Early Childhood Education. It consists of two parts: the reflective dimension (divided into three chapters, which recount and analyse three moments of Pedagogical Practice (PP) that allowed for a journey through the personal and professional growth of the master's student) and the investigative dimension (which includes a theoretical framework, an empirical study conducted during one of the PPs, the presentation and discussion of the results of that study and the respective conclusions).

The research started with the question, "What are the potentialities of the playhouse space for a group of kindergarten children from the public network in the Leiria region?" The research objectives were as follows: i) to reflect on possible changes in the playhouse space; ii) to understand the perspectives of the educator and the children regarding possible changes in the playhouse space; and iii) to comprehend the types of toys used and the games played in the playhouse area before and after the intervention; Various techniques and data collection instruments were used to conduct this study, namely: i) participant observations in the playhouse area and field note recording; ii) conversations with the children; and iii) interview with the collaborating educator. The results of the study reveal that the playhouse space has potentialities. Playing in the playhouse space before and after its restructuring allowed for children's participation and various play moments. The games promoted pretend play/symbolic play, through the representation of various roles by the children. Finally, pretend play enabled communication and socialisation among the children (notions of empathy, sharing, and responsibility), facilitated meaningful learning, and provided moments of safety and happiness for the children.

Keywords

Early Childhood Education, Educational Space, Play, Playhouse area, Transformation of areas.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	v
Índice Geral	vi
Índice de Figuras	x
Índice de Tabelas	xi
Abreviaturas.....	xii
Introdução	1
Parte I- Dimensão Reflexiva.....	2
Capítulo 1- Prática Pedagógica em Educação de Infância- Creche.....	2
1.1 Caracterização do contexto educativo e do grupo de crianças	2
1.2 Primeiras observações e progressos ao nível de escrita e pesquisa	6
1.3 Dificuldades e obstáculos sentidos	7
1.4 Expectativas para a prática pedagógica seguinte e preocupações com a investigação	8
Capítulo 2- Prática Pedagógica em Educação de Infância- JI I.....	9
2. 1 Caracterização do contexto educativo e do grupo de crianças	9
2.2 Primeiras impressões	12
2. 3 Intervenções e objetivos com o projeto das abelhas.....	14
2.4 Aspetos menos positivos e positivos da prática pedagógica	15
Menos positivos.....	15
Positivos	16
Capítulo 3- Prática Pedagógica em Educação de Infância- JI II	18

3.1 Caracterização do contexto educativo e do grupo de crianças	18
3.2 Primeiras impressões	20
3.3 Intenções iniciais e objetivos cumpridos	21
3.4 Aspectos menos positivos e positivos da prática pedagógica	22
Menos positivos.....	22
Positivos	23
3.5 Aprendizagens e superações	23
Parte II- Dimensão Investigativa-Observar e intervir dando voz às crianças na reestruturação do espaço da casinha	25
Capítulo 1- O brincar e intervir na casinha.....	25
1.1 Definição do brincar	25
1.1.1 Faz-de-conta e jogo simbólico.....	26
1.1.2 A importância do brincar	27
1.2 Espaço educativo: O que é?.....	29
1.2.1 A participação e voz da criança no ambiente educativo.....	29
1.2.2 Constituição do espaço da casinha	31
1.2.3 O brinquedo	32
1.2.4 Tipos de brincar no espaço da casinha	33
Capítulo 2- Investigação	34
2.1 Pertinência do Estudo e Questão de Partida da Investigação	34
2.2 Objetivos da Investigação.....	35
2.3 Contexto do Estudo e Participantes	35
2.4 Paradigma de Investigação	39
2.5 Método.....	40
2.6 Técnicas e Instrumentos de Recolha e Análise de Dados	40

2.7 Procedimentos do Estudo	43
2.7.1 Cronograma da investigação	43
2.7.2 Proposta de reestruturação da área da casinha	45
2.7.3 Plano após a reestruturação do espaço da casinha.....	52
Capítulo 3- Apresentação e Discussão de resultados	53
3.1 Conceções sobre o brincar na casinha	53
3.1.1 Perspetiva das crianças sobre o brincar na casinha	53
3.1.2 A perspetiva da educadora cooperante acerca do brincar na casinha.....	54
3.2 As brincadeiras e os brinquedos do espaço da casinha	56
3.3 A voz das crianças na reestruturação do espaço da casinha	61
3.4 mudanças-chave no espaço da casinha.....	62
3.5 mudanças-chave no espaço da casinha na voz dos participantes do estudo.....	68
Considerações Finais	71
Capítulo 5- Limitações do estudo.....	73
Capítulo 6- Melhorias para Futuros Estudos	74
Conclusão do relatório.....	76
Referências Bibliográficas.....	78
Apêndices	83
Apêndice 1- Primeiro modelo de planificação	83
Apêndice 2- Segundo modelo de planificação	87
Apêndice 3- Planificação do segundo momento de prática pedagógica	92
Apêndice 4- Planificação do terceiro momento de prática pedagógica.....	100
Apêndice 5- Tabela para caracterização dos contextos de prática pedagógica	115
Apêndice 6- Autorização para a investigação	117
Apêndice 7- Inventário do espaço da casinha (antes da reestruturação).....	118
Apêndice 8- Autorização para a entrevista à educadora cooperante	126

Apêndice 9- Guião de entrevista à educadora cooperante.....	128
Apêndice 10- Transcrição da entrevista à educadora cooperante.....	133
Apêndice 11- Guião da conversa com grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha	149
Apêndice 12- Transcrição da conversa com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha.....	151
Apêndice 13- Guião da conversa com grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha.....	169
Apêndice 14- Transcrição da conversa com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha.....	171
Apêndice 15- Registos de observação do espaço da casinha	185
Apêndice 16- Comunicado às famílias para pedido de recursos para o Espaço da Casinha	221
Apêndice 17- Lista de preenchimento de recursos para o espaço da casinha	222
Apêndice 18-Inventário do espaço da casinha (depois da reestruturação).....	223

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Planta da sala	36
Figura 2- Área da casinha.....	37
Figura 3- Área da garagem/construções	38
Figura 4- Área dos jogos de mesa	38
Figura 5- Área dos fantoches.....	38
Figura 6- Área do tapete e do quadro de giz.....	38
Figura 7- Quadro de presenças e contagem de crianças	38
Figura 8- Fotografia do frigorífico da DO.....	48
Figura 9- Fotografia do frigorífico do FP	48
Figura 10- Fotografia do frigorífico da SC.....	48
Figura 11- Fotografia do frigorífico do IT.....	48
Figura 12- Planta do espaço da casinha.....	51
Figura 13- Proposta de planta do espaço da casinha	51

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1-Cronograma da investigação	44
---	----

ABREVIATURAS

UC- Unidade Curricular

PP- Prática Pedagógica

PES- Prática de Ensino Supervisionada

PCG- Projeto Curricular de Grupo

PAP- Prova de Aptidão Profissional

OPC- Orientações Pedagógicas para Creche

OCEPE- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

NEE- Necessidades Educativas Especiais

MEPE- Mestrado em Educação Pré-Escolar

JJ- Jardim de Infância

A.T.L- Atividades de Tempos Livres

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi construído com base nos anos letivos 2023/2024 e 2024/2025, no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática Pedagógica em Educação de Infância (PP), correspondente ao Mestrado em Educação Pré-Escolar (MEPE) da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

Este documento é composto por duas partes com relação entre si, que correspondem à dimensão reflexiva e dimensão investigativa, respetivamente.

Na primeira parte estão registados momentos de reflexão (três capítulos), inerentes aos três momentos de PP (primeiramente em creche, depois num jardim de infância da rede privada e, por fim, num jardim de infância da rede pública) que decorreram ao longo dos três semestres do mestrado.

Na segunda parte apresenta-se um estudo realizado no âmbito da PP Jardim de Infância II, num contexto de Jardim de Infância da rede pública. A concretização da investigação ocorreu ao longo do terceiro e último momento de PP. Esta parte é composta por seis capítulos: o enquadramento teórico, o estudo empírico, a apresentação e discussão de resultados, as considerações finais, as limitações do estudo e as melhorias para futuros estudos.

A investigação realizada surgiu do interesse de compreender mais sobre as potencialidades do brincar, em específico na área da casinha. A questão de partida, foi a seguinte: *“Quais as potencialidades do espaço da casinha para um grupo de crianças de jardim de infância da rede pública da região de Leiria?”*. Os objetivos de investigação foram três, sendo eles: I) Refletir sobre possíveis alterações no espaço da casinha; II) Conhecer a perspetiva da educadora e das crianças face a possíveis alterações no espaço da casinha; III) Compreender o tipo de brinquedos usados e as brincadeiras realizadas na área da casinha antes e após a intervenção realizada.

Os participantes do estudo foram as crianças pertencentes ao grupo onde se realizou a PP. Este estudo teve como propósito compreender melhor o espaço da casinha, discutindo sobre o mesmo com o grupo de crianças e com a educadora cooperante, de forma a melhor potenciar o espaço, adequando-o às necessidades e interesses das crianças.

PARTE I- DIMENSÃO REFLEXIVA

O relatório da Prática de Ensino Supervisionada (PES) que se apresenta divide-se em duas partes: a dimensão reflexiva e a dimensão investigativa. A primeira parte foi escrita com o propósito de contextualizar as instituições, as salas e os grupos de crianças, assim como, de refletir acerca dos três momentos de Prática Pedagógica em Educação de Infância, vividos ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar (MEPE).

O primeiro momento de PP passou-se em contexto de creche na rede privada e os seguintes foram realizados em contexto de jardim de infância, primeiramente na rede privada e depois na rede pública, respetivamente. Ao longo dos momentos referidos ocorreram aprendizagens que emergiram tanto de momentos positivos como de momentos menos positivos.

Cada capítulo apresentado corresponde a um momento de prática pedagógica (PP). Em cada um deles: são narradas as primeiras observações e intervenções da mestranda; é feita referência às planificações que foram sendo desenvolvidas ao longo do tempo; são mencionados os aspetos positivos e menos positivos das PP; e realizadas sugestões de melhoria.

CAPÍTULO 1- PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA- CRECHE

A presente reflexão individual foi elaborada no âmbito da UC de Prática Pedagógica em Educação de Infância– Creche.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO E DO GRUPO DE CRIANÇAS

A instituição onde foi realizada a PP em creche situava-se na região de Leiria e ao seu redor existiam várias outras instituições e serviços que importa identificar e conhecer, no sentido de aproximar as crianças à comunidade envolvente. A interação/participação das crianças na comunidade ao redor da instituição permitia às mesmas retirar proveito dos serviços disponíveis, compreender a cultura e tradições locais, fomentando a socialização e as aprendizagens das crianças (Silva et al., 2016). Ao redor da instituição existia uma sede de bombeiros voluntários; um supermercado; um parque; cafés; uma oficina; edificações religiosas literárias e culturais; algumas coletividades; clubes desportivos; um centro social; e vários espaços ao ar livre.

A prática pedagógica realizou-se numa instituição privada com três valências, sendo elas, creche, jardim de infância e 1º ciclo do ensino básico. Esta última valência funcionava num edifício separado das restantes valências. De acordo com o projeto educativo desta instituição (2024/2027), o espaço destinado à creche possuía 6 salas, em dois pisos (3 salas em cada piso). A sala onde foi realizada a PP tinha capacidade para 20 crianças de 1 e 2 anos.

A instituição integrava alguns serviços como: 1 gabinete médico; 1 serviço de enfermagem para garantir os cuidados básicos de higiene e saúde; e o serviço de psicologia infantil (que integrava 3 salas de psicologia). Os serviços prestados contavam com 1 enfermeira e com 2 psicólogas, que contribuíam para o desenvolvimento integral das crianças (Projeto educativo 2024/2027).

O espaço no interior ainda possuía: 3 receções diferentes; 2 refeitórios (um no piso inferior e outro no piso superior); 1 cozinha; 1 sala de quarentena; 1 biblioteca; 1 pavilhão multiusos; 1 sala de reuniões; 1 gabinete administrativo; 1 secretaria; 1 lavandaria, 6 casas de banhos para os adultos; 1 piscina aquecida e coberta (onde eram realizadas as aulas/sessões de natação) e 2 balneários. Na prestação de serviços do espaço interior existiam: 4 cozinheiras; 1 engenheira alimentar e 1 nutricionista (projeto educativo 2024/2027).

Ao nível das infraestruturas exteriores existiam alguns terraços cobertos; 1 jardim/pátio; 1 zona lúdica que continha uma cozinha de lama e caixas de areia; 1 horta pedagógica e 1 zona desportiva. Para ajudar na manutenção desta instituição existiam 6 auxiliares de serviços gerais.

A instituição onde foi realizada a prática pedagógica, de setembro de 2023 a janeiro de 2024, possuía como descrito acima, um conjunto de espaços agradáveis. O espaço era bastante amplo com zonas de arrumação (cabides e armários), 1 biblioteca, jogos e peças, 1 cozinha, 1 tenda, 1 tapete e 1 mesa central. Bem sabemos que as crianças têm o direito de crescer em espaços agradáveis, onde os adultos têm cuidado com a aparência estética do ambiente educativo, constituindo um “princípio educativo básico” (Formosinho, 2011, p. 12). Segundo Marques et al. (2024), o ambiente educativo deve promover o bem-estar, o acolhimento e a segurança, para que as crianças aprendam e interajam entre si e com os adultos. Os profissionais de educação devem escutar as crianças de forma a realizarem

boas escolhas de materiais e equipamentos. Para isso é importante que estes sejam esteticamente estimulantes e que despertem o interesse e curiosidade das crianças. Os materiais e equipamentos devem ser também funcionais e possuírem capacidades lúdicas, capazes de promover a autonomia, experiências e aprendizagens contínuas (Marques et al., 2024). Posto isto, considerou-se que o ambiente educativo da sala e o pátio exterior promoviam o bem-estar, visto que eram bastante amplos, possibilitavam deslocções livres com facilidade e despertavam o interesse e a curiosidade de todos. Fora de portas, o grupo tinha a possibilidade de brincar no chão em cimento, numa estrutura com rampa e escorrega, num túnel móvel e no relvado, ainda que com menos frequência.

Ao observar o grupo de crianças foi possível perceber interesses e necessidades das crianças, no que diz respeito aos brinquedos explorados, capacidades motoras, socialização e entre outras capacidades em desenvolvimento. No espaço exterior ocorreram diversas e divertidas perseguições às mestrandas que evidenciaram concretamente os níveis de desenvolvimento motor de cada criança (Marques et al., 2024). Estas observações fizeram com que fosse possível o planeamento consciente do contexto, ao nível dos espaços e propostas, tendo sempre em consideração o projeto educativo em vigor.

Posto isto, importa referir alguns conhecimentos adquiridos sobre o grupo de crianças, com base em observações realizadas, conversas com a educadora cooperante e análise do projeto curricular de grupo (PCG). O grupo de crianças da sala dos dois anos era constituído por 20 crianças, 13 crianças do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 19 e os 32 meses. Deste grupo, 5 das 20 crianças não frequentavam, no ano anterior, o estabelecimento em questão.

Entre os 12 e os 24 meses, a criança encontra-se no estágio sensório-motor, o que significa conquistar e explorar o mundo que a rodeia através da sua própria ação (Ex: puxa a toalha para conseguir alcançar o objeto que se encontra em cima da mesma). Segundo Piaget (2001) esta fase é caracterizada pela permanência do objeto, ou seja, mesmo que o objeto não esteja presente num espaço, a criança sabe que ele existe (Ex: procura um objeto que lhe foi retirado, depois deste lhe ter sido mostrado). Este momento também tem como característica a experimentação-ação, isto é, a criança explora, investiga o meio que a rodeia e observa os resultados das suas explorações. Ao efetuar, de forma ativa, explorações sobre os objetos, a criança tem a possibilidade de

experimental e descobrir as propriedades dos mesmos (Papalia et al., 2001). Dos 24 meses aos 7 anos, a criança encontra-se no estágio pré-operatório/*pré-lógico*, pois começa a realizar o jogo simbólico ao adquirir a capacidade de separar o pensamento da ação e realizar imitações. Neste seguimento, a criança inicia a fase dos “porquês”, querendo saber como é que o mundo se processa (Tréca & Bidault, 2005). Importa referir que a teoria de Piaget situa a realidade em que se encontrava o grupo tendo em conta a faixa etária do mesmo e observações realizadas anteriormente. Porém, sabe-se que cada criança é um ser individual com necessidades e tempos diferentes, logo, nem todos correspondem ao que foi escrito acima. Tendo em conta as Orientações Pedagógica para Creche (OPC) (2024), as aprendizagens das crianças surgem do ambiente social em que estas convivem tendo este de ser rico e estimulante, por promover diferentes experiências e oportunidades de aprendizagem. Para isto, é necessário o estabelecer de relações afetivas para com as crianças, tendo em conta o respeito, o bem-estar e o reconhecimento das capacidades das mesmas (Marques et al., 2024).

Quanto ao processo de desfralde, de referir que 3 crianças não utilizavam fralda durante o dia, apenas durante o período da sesta. O restante grupo encontrava-se em diferentes fases deste processo. Em relação à alimentação, não existia nenhuma criança com alergias alimentares diagnosticadas até ao término da PP, no entanto, por escolha dos pais: 3 crianças consumiam leite vegetal e 2 crianças não consumiam qualquer tipo de leite, substituindo assim o leite por iogurtes. O sal ainda não tinha sido introduzido na alimentação das crianças e o açúcar era evitado por recomendação dos pediatras até aos dois anos. Apesar de se compreender a importância do bem-estar emocional, não se pode deixar de dar a devida importância também ao bem-estar físico. O olhar atento e ético do educador passou pela identificação de situações em que as crianças poderiam vir a necessitar de serviços especializados no âmbito da saúde e assistência social (Marques et al., 2024).

No grupo não existiam crianças diagnosticadas com necessidades educativas especiais (NEE). No entanto, soube-se que o M. era uma criança com estrabismo e hipermetropia o que podia afetar a sua coordenação motora, resultando em tropeções frequentes. O M. era uma criança que preferia, bastante, estar sozinha a explorar um brinquedo que tanto gostava e de ouvir música da coluna da sala; o D. era uma das crianças que mais socializava no grupo, criando alguns atritos, mas também mais amizades; em contrapartida o Vg. e a To. eram crianças que preferiam estar mais sozinhas

e sozinhas tentavam superar as suas dificuldades, tornando-se cada vez mais autónomas. O J. era uma criança cuja nacionalidade não era portuguesa, falava e compreendia o inglês e, semana após semana, adquiria a compreensão do português, maioritariamente através de expressões verbais usadas com regularidade. O grupo possuía uma enorme necessidade de explorar tudo ao redor a todo o momento e de brincar com grande parte dos objetos/brinquedos à sua disposição e com a equipa educativa. Quando as crianças brincavam com a equipa/adultos, o educador estabelecia com cada criança uma relação que era "... facilitadora da sua inserção no grupo e das relações com as outras crianças. Refere Silva (1997) que esta relação implica a criação de um ambiente securizante que cada criança conhece e onde se sente valorizada." (p. 35).

1.2 PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES E PROGRESSOS AO NÍVEL DE ESCRITA E PESQUISA

Procura-se, de seguida, sintetizar as aprendizagens adquiridas na PP tendo em conta: as primeiras observações; os progressos a nível da escrita e da pesquisa; o planeamento de propostas educativas; as dificuldades/obstáculos percecionados; as certezas, dúvidas e expectativas face à PP.

Quando a PP teve início, a estudante encontrava-se bastante tranquila pois, as duas primeiras semanas seriam um pouco mais tranquilas devido ao período de observação e adaptação ao grupo, que correu bem, uma vez que a estudante conseguiu criar laços afetivos tanto com a equipa educativa, como com o grupo de crianças. Em seguida, começaram as propostas educativas pensadas para o grupo de crianças, a consulta e a análise de documentos sobre o grupo de crianças e sobre a sala. Tudo se tornou mais difícil e agitado. A gestão de todo esse trabalho fez com que a estudante fosse um pouco abaixo e se sentisse incapaz e pouco orgulhosa das propostas implementadas. Assim, as propostas iniciais passaram a ser planeadas com base na obrigatoriedade e não por gosto, o que não foi positivo.

A estudante reconhece que desde os primeiros momentos nesta UC foram cometidos alguns erros, um dos primeiros foi ao nível da ortografia e construção frásica, por que durante as férias de verão não houve leituras nem momentos de escrita, então os primeiros trabalhos que foram realizados para a UC, tinham alguns erros. Morais (2012) citado por Costa (2014), afirma que "saber ler e ler bem é essencial para ler com prazer, para realizar um trabalho gratificante na sociedade, para utilizar instrumentos da vida quotidiana, como o computador e a Internet, conhecer a ciência, a tecnologia e a cultura da humanidade, vir

a ser uma cidadã ou um cidadão responsável e atuante e até se comover com as narrativas que nos falam de vidas e encontros imaginados e vibrar com a beleza da linguagem silenciosa – a escrita” (p.12-13). Ler livros alarga experiências e conhecimentos, assim como, motiva para mais leituras e pesquisas. No entanto, durante a infância da estudante, esta teve pouco contacto com livros sentindo a sua ausência, por isso tentou trazer sempre livros para junto das crianças, por reconhecer também a importância do contacto das crianças com livros. As crianças ao ouvirem a leitura de um livro, ganharão a curiosidade para contactar e explorar livros, como serão incentivadas a tentar ler em contexto de brincadeira livre (Costa, 2014). Por isso, é necessário desde cedo ter hábitos de leitura, para não só melhorarmos os nossos conhecimentos, a escrita e a leitura, mas também para darmos o exemplo às crianças (Costa, 2014).

1.3 DIFICULDADES E OBSTÁCULOS SENTIDOS

O stress, a agitação, a pressão e o peso de responsabilidade de um primeiro ano, num segundo ciclo de estudos (mestrado) com carga horária preenchida, e algumas aulas e trabalhos em simultâneo, gerou sensações de impotência que, por vezes, foram angustiantes. Apesar de todos esses aspetos, a estudante aprendeu como contorná-los porque, à medida que se deparava com novos obstáculos, encontrou estratégias para os ultrapassar, visto que o que queria, acima de tudo, era tornar-se uma boa profissional na área que escolheu: a Educação de Infância.

O facto de a mestranda já saber como é que a Escola e o curso funcionavam, permitiu que a mesma traçasse um plano para melhor se organizar para o próximo momento de PP. Após isto, compreendeu que durante a primeira e a segunda semanas da prática pedagógica deveria voltar a analisar alguns dos documentos que foram consultados no primeiro semestre sobre o grupo de crianças, sobre a sala, entre outros, traçar um plano daquilo que iria querer saber relativo à PP, de forma a melhorar a sua intervenção junto das crianças. A estudante pretendia considerar, em primeiro lugar, os interesses das crianças, para que, da parte das mesmas, existisse interesse genuíno e um maior envolvimento nas propostas. Bem sabemos que as crianças trazem consigo uma bagagem de “currículo oculto” que não deve nunca ser esquecida, pois nele constam as suas experiências, aprendizagens, conhecimentos, valores e muito mais. Esse currículo tem potencial para ser a chave de acesso a novas aprendizagens, não só para as crianças a quem o currículo pertence, mas também ao grupo (Gonçalves, 2023).

1.4 EXPECTATIVAS PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA SEGUINTE E PREOCUPAÇÕES COM A INVESTIGAÇÃO

Inicialmente, a estudante procurou aprofundar mais conhecimentos acerca de métodos e metodologias através de pesquisas, considerando ter dificuldades em distingui-los. A estudante tencionou trabalhar em parceria com as comunidades que rodeiam as instituições e realizar propostas educativas que permitissem explorações de todos os sentidos. De referir que as crianças aprendem em qualquer contexto, sendo estes formais ou informais, através das relações e interações com pessoas e ambientes, como refere Urie Bronfenbrenner citado por Gonçalves (2023). As crianças aprendem em espaços que possibilitam “dinâmicas alternativas: uma mesa para desmontagens; uma caixa com água e areia; espaços para brincadeiras com luzes e sombras; um lugar para que as crianças possam fazer construções... há mil e uma possibilidades que permitem envolver as crianças no processo de planear, fazer rever e, principalmente, se entusiasmarem enquanto aprendem” (Gonçalves, 2023, p.26).

Para a próxima etapa da PP a mestranda esperava, acima de tudo, melhorar a sua intervenção demonstrando mais confiança e mais entusiasmo, porque estava consciente de que, se houver nervosismo, as crianças sentirão nervosismo e se houver entusiasmo, elas também se irão entusiasmar, pelo mundo que as rodeia. Pretendia-se, ainda, mais pesquisas e mais fundamentação nas reflexões, com artigos mais recentes e credíveis e com documentação orientadora, disponível no site da Direção-Geral da Educação (DGE), da Segurança Social e em outros suportes de fonte credível.

Em conversa com a professora supervisora, chegou-se também à conclusão de que a curiosidade da estudante poderia ter ido um pouco mais longe, no sentido de observar e perguntar mais sobre as crianças, as suas famílias, o que é que elas gostavam, quais as maiores dificuldades sentidas e entre outras perguntas, que deveriam ter sido colocadas do início ao fim da PP, e não apenas no final.

Um dos objetivos para o momento de PP seguinte foi a elaboração de um portfólio, pois são ferramentas de aprendizagem essenciais para dar voz às crianças e às famílias e, conseqüentemente, uma forma de conhecer melhor cada criança e o seu contexto (Santos, 2023; Shores & Grace, 2008). Os portfólios permitem facilmente revisitar os momentos em que as crianças realizaram ações que foram descritas de forma clara e genuína (Santos, 2023). A documentação pedagógica enriquece esta ferramenta, pois permite aos

intervenientes verem as ações das crianças a serem valorizadas, possibilita perceber de que forma a criança aprendeu e espelha o processo de ensino aprendizagem (Santos, 2023).

Tanto na licenciatura como no mestrado, não houve muitos momentos em que a estudante pensou na investigação, ao contrário do quanto pensou na PAP (Prova de Aptidão Profissional), pois pouco se abordou sobre esse assunto. Durante a frequência no antigo curso de TAI (Técnico de Apoio à Infância), desde o primeiro ano que se mencionava a prova final e sobre a importância de descobrir um tema o quanto antes. Os professores instigavam os alunos desde cedo a pensarem sobre possíveis temas dos quais lhes agradavam mais. Apesar de ainda haver dois anos pela frente, o tempo iria passar mais rápido do que aquilo que os estudantes pudessem pensar. Na altura a atual mestranda, fez diversas pesquisas em livros, na Internet, consultou algumas PAP de anos anteriores que lhe foram disponibilizadas, para consulta. Mas apenas um tema lhe interessou verdadeiramente, e esse abriu muitos caminhos por onde seguir e pesquisar, o que fez com que o trabalho tivesse ficado um pouco confuso. A prática pedagógica tinha sido realizada em creche e, tal como no semestre anterior, também as propostas não possuíam uma linha condutora, e isso deveria ser um ponto a ter em consideração, neste relatório, para que não ocorram os mesmos erros do passado e para que todo o documento faça sentido e se torne fluido ao ler.

Encontrar um tema em dois anos foi difícil e no mestrado foi ainda mais, porque mesmo com algumas certezas, existiu sempre um “e se...?”. Surgiram alguns temas interessantes, mas todos bastante abordados, dos quais a estudante não considerou ser uma possibilidade para si, uma vez que gostava de explorar temas pouco discutidos e do interesse de um grupo ou de apenas uma criança.

CAPÍTULO 2- PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA- JI I

De fevereiro a junho de 2024 foi realizada a PP em JI na mesma instituição em que fazia parte a creche da anterior PP.

2. 1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO E DO GRUPO DE CRIANÇAS

O JI era composto por 4 salas: sala dos 3 anos, sala dos 4 anos e sala dos 5 anos, com nomes de cores, sendo que a sala onde decorreu a PP foi a sala amarela (sala dos 4 anos).

Na instituição existia sempre uma sala livre (a quarta sala) para garantir a permanência de outro grupo de crianças. Cada sala tinha capacidade para acolher 25 crianças. Nestes dois setores pedagógicos da creche e jardim de infância incorporavam 10 educadoras de infância, 18 auxiliares de ação educativa e 1 coordenadora pedagógica.

Tendo em conta o projeto educativo (2024/2027) para o JI, a ideologia da instituição era “fazer as crianças felizes”. A equipa educativa valorizava a presença de modelos construtivistas e sócio construtivistas na sua intervenção educativa.

O espaço é considerado o 3º educador devido à importância que tem. Este deve ser flexível, adaptar-se às crianças de forma a responder às suas necessidades e permitir que a criança construa o seu próprio conhecimento como protagonista (Lino, 1996). Assim o processo educativo depende da organização do espaço “e da forma como este condiciona a organização do grupo” (Lino, 1996, p.11). Este tem de ser bem pensado, cuidado e planeado mais concretamente, tendo em conta os interesses, potencialidades, desafios e necessidades das crianças, para uma ação educativa eficaz (Portugal, 2012).

A organização do espaço da sala deve então refletir a intencionalidade educativa do educador, tal como a organização dos espaços e materiais da sala pretendem seguir as linhas orientadoras da metodologia de projeto, sendo esta, a metodologia que era utilizada pela educadora cooperante, na sua prática diária. Tendo isto em conta, a sala era composta por um conjunto de espaços definidos e diferenciados que permitiam às crianças movimentarem-se livremente e autonomamente, experimentar, imaginar, brincar e partilhar experiências e vivências em pequeno ou grande grupo. “Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a sua organização condicionam o modo como esses espaços e materiais são utilizados enquanto recursos para o desenvolvimento das aprendizagens” (Silva et al., 2016, p.26). Tendo isto em consideração, a sala estava dividida em algumas áreas distintas como: a área da casinha e faz-de-conta; a área da biblioteca; a área do tapete; a área da construção; e a área das mesas de atividade.

O grupo da sala amarela (sala dos 4 anos) era constituído por 26 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, sendo 15 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Como existia uma discrepância na faixa etária, acabava por existir uma diferença de quase 2 anos entre a criança mais nova e a criança mais velha. No entanto, esse facto foi visto

como uma mais-valia, pois as crianças mais novas ao observarem as mais velhas sentiam-se incentivadas, motivadas para se superarem a si próprias e viam-nas ainda como modelos, acabando assim por serem mais autónomas e quererem fazer tudo sozinhas. Os grupos onde existem crianças de diferentes idades são enriquecedores, pois crianças em diferentes momentos de desenvolvimento e com aprendizagens distintas são facilitadoras do desenvolvimento e aprendizagem, e enriquecem as interações entre todos. Possibilitam ainda, um maior envolvimento em propostas e projetos, e maior aceitação de regras de convivência (como o cuidado com os mais novos) (Silva et al., 2016). Os mais velhos, por sua vez, acabavam por se tornarem mais responsáveis e solidários para com os mais novos, ajudando-os. Esta característica peculiar viria a ser um dos grandes desafios durante a PP, pois seria necessário encontrar um equilíbrio de escolhas adequadas para conseguir chegar a todo o grupo, tornando esta diversidade enriquecedora para todos.

Como existiam diferenças nas idades, foi sentida ainda mais a importância de ter em consideração as diferentes necessidades de cada criança. No que diz respeito à necessidade de repouso após o almoço, o grupo ainda fazia a sesta, havendo apenas uma criança que não dormia. Não havia nenhuma criança diagnosticada com NEE, no entanto, 5 crianças eram acompanhadas pela terapia da fala, 2 tinham o acompanhamento da psicóloga e 1 tinha terapia ocupacional. Algumas crianças apresentavam imaturidade ao nível da linguagem oral (dificuldades de articulação ou troca fonemas), sendo que algumas das crianças eram acompanhadas na terapia da fala.

No que diz respeito ao percurso institucional, 25 das crianças que constituíam o grupo já frequentavam a instituição desde o berçário, sendo que apenas 1 criança integrou o grupo pela primeira vez naquele ano. Todas as crianças residiam no concelho de Leiria, ou nas proximidades. Relativamente às interações que existiam entre as crianças, a mestranda foi capaz de perceber a constituição de alguns grupos de brincadeira, em que existia claramente a preferência da escolha de crianças do mesmo sexo para partilhar esses momentos. No que diz respeito às preferências lúdicas, as crianças manifestavam interesse pelos jogos de construção, pela área da casinha, pelo faz-de-conta e pelos jogos de chão. O gosto por ouvir histórias era também bastante evidente.

As crianças do grupo revelavam uma grande capacidade de atenção e observação em debates em grande grupo, onde eram partilhados problemas e soluções de forma aberta. De modo geral, as crianças estabeleceram entre si uma boa relação e demonstraram, na

sua maioria, conhecer e respeitar as regras de funcionamento da sala e da instituição. O grupo apresentava um bom nível de desenvolvimento global, de autonomia e de responsabilidade. No entanto, a diferença entre faixas etárias evidenciava níveis de desenvolvimento diferentes e, portanto, necessidades e interesses distintos, como o caso de duas das crianças do grupo que às vezes brincavam sozinhas, afirmando: “ninguém quer brincar comigo” (LC) por que as outras crianças não queriam brincar com os mesmos brinquedos que elas. No geral, o grupo demonstrava uma grande capacidade de atenção e concentração, eram bastante participativos, ativos e tinham sempre um grande interesse e motivação pelas atividades desenvolvidas. Nas brincadeiras no exterior foi perceptível a incapacidade de lidar com a frustração de perder em situações de jogo.

Uma das primeiras características que rapidamente se destacou foi a autonomia que as crianças demonstraram na sua organização no seio do grupo e no espaço educativo. Eram crianças que sabiam o que queriam fazer e como iriam fazer. Eram extremamente autónomas, quer nas rotinas, quer no manuseamento dos materiais, quer nos espaços necessários para a realização de determinada atividade ou em momentos de brincadeira, que desempenhavam com responsabilidade.

Como todos os grupos de crianças, também este grupo apresentou os seus desafios e necessidades. Estes desafios e necessidades colocaram a estudante e o seu par pedagógico a refletir sobre estratégias de ação para superar situações mais desafiantes. Por exemplo, o tempo de escuta e de ter voz estava desajustado. Foi necessário pedir a algumas crianças para colocar o dedo no ar quando quisessem falar ou apelar para a participação verbal de outras crianças. Estes momentos aconteciam com maior intensidade em reuniões de grande grupo, pois existia uma grande vontade de partilhar pontos de vista e experiências. Este grupo sentia segurança nos diálogos que eram estabelecidos.

2.2 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A presente reflexão a respeito da Prática Pedagógica em contexto de Jardim de Infância, fará uma viagem pelos aspetos relacionados com: as primeiras observações; as primeiras intervenções e objetivos com a projeto das abelhas; os aspetos menos positivos e positivos da PP; e a conclusão.

Tendo em conta a prática pedagógica no primeiro semestre (em creche) a estudante considerou que foi precipitado o sentimento de que voltar à PP seria algo menos positivo, devido ao facto de ter existido sentimentos de incapacidade e de dificuldade em se

organizar, uma vez que, em alguns momentos, a estudante sentiu que teria regredido na prática a seu ver, se comparado com as PP anterior. E devido à falta de vontade, o potencial máximo não foi possível. No entanto, como o dever chama, este teve de ser enfrentado de cabeça erguida e com o coração voltado para a esperança de um novo começo. Posto isso, no primeiro sentir no caderno dos sentires¹, foi retratada a esperança através de objetos dos quais as crianças mais gostavam que estavam iluminados, pois aquela seria finalmente, a oportunidade para a mestrandia mostrar potencial.

Ao conhecer o grupo a estudante percebeu que as crianças eram bastante colaborativas, afetuosas, participativas e respeitadoras dos seus colegas e adultos. A maioria das crianças brincavam com colegas do mesmo sexo, o que era algo curioso, uma vez que em sala não existia qualquer tipo de reparos ou comentários associados ao preconceito de brinquedos relacionados ao sexo das crianças. O importante é deixar que a criança brinque livremente, uma vez que a brincadeira é a oportunidade de a criança demonstrar a sua personalidade descobrindo assim as suas potencialidades (Sarmiento et al., 2017).

Em relação às primeiras propostas educativas, estas foram desenvolvidas, segundo Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) que nos diz que o adulto deve criar oportunidades para que a criança seja escutada. Levar a criança a participar na planificação do dia é uma forma de escutar a criança. Para a criança torna-se um processo humanizado, todas as crianças sabem que são escutadas. A criança ao ser escutada cria o hábito de tomar decisões e, por outro lado, o educador tem em conta as decisões da criança, promove a negociação de projetos e propostas, observa e coopera com a criança, promovendo também a cooperação desta com os seus pares. Os papéis do educador e da criança bem definidos são fundamentais para a negociação do currículo da criança (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013).

Como forma de dar às crianças a voz a que têm direito, a mestrandia e o seu par pedagógico fundamentaram a sua intervenção educativa na Metodologia de Trabalho por Projeto (Vasconcelos et al., 2012). Esta metodologia define o papel do educador de

¹ Caderno de sentires: Foi uma proposta lançada pela professora supervisora em que a cada semana as estudantes teriam de entregar uma representação artística (desenho, música, dança e entre outros) daquilo que sentiam a cada semana, juntamente com um texto reflexivo.

infância como aquele que incentiva as crianças a interagirem com o meio, objetos e pessoas com um propósito pessoal associado. O educador tem ainda o papel de facilitador de aprendizagens, orientador/guia e observador do cotidiano educativo (Oliveira et al., 2022). As estudantes tiveram uma conversa inicial com o grupo de crianças de onde emergiu uma temática- os dinossauros. As crianças manifestaram-se bastante entusiasmadas e com muita curiosidade de descobrir mais sobre esses animais já extintos. O tema não pôde ser aprofundado como era expectável pois no grupo já existia outro projeto a decorrer- o ciclo do mel. Ainda assim, a curiosidade das crianças foi acolhida, surgindo a ideia de aproveitar um dia completo para dedicar a esse projeto, em jeito de dia temático. Foi uma experiência incrível, ainda que tenha sentido que a experiência em si passou demasiado rápido.

2. 3 INTERVENÇÕES E OBJETIVOS COM O PROJETO DAS ABELHAS

No que ao projeto das abelhas diz respeito, as crianças tiveram a oportunidade de dizer o que queriam descobrir sobre as abelhas e como o queriam fazer. Estes diálogos aconteceram em pequenos grupos. A divisão em pequenos grupos foi importante porque permitiu “às crianças tomarem iniciativas e assumirem responsabilidades, de modo a promover valores democráticos, tais como a participação a justiça e a cooperação” (Silva et al., 2016, p.36). Desta forma, as crianças desenvolveram as suas competências e conhecimentos, partilharam as suas experiências com o grande grupo, enriqueceram-se com a aprendizagem coletiva.

Uma das propostas foi a preparação de um guião, cenários, adereços e roupas para a realização de uma dramatização. Esta proposta permitiu a cooperação e o desenvolvimento da autonomia das crianças, aspetos esses importantes e cruciais não só para a concretização do projeto em si (Sampaio et al., 2015). Esta proposta, que surgiu de uma reflexão com a professora supervisora, prolongou-se no tempo, porque quis-se que as crianças se desenvolvessem em todo o processo com base em aprendizagens holísticas (“forma complexa e inter-relacionada da aprendizagem da criança, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto.”) (Silva et al., 2016, p. 105). Na sua planificação, incluiu-se diversas áreas de conteúdo ainda que se tenha chegado à conclusão de que, no âmbito do domínio da matemática este estivesse em falta.

Este projeto despertou a curiosidade das crianças e foi ao encontro dos interesses das crianças do grupo (Katz & Chard, 1997). Teve em consideração as quatro fases de implementação de um projeto, fases essas propostas por Vasconcelos (2009):

- Fase I- Definição do problema, que é o ponto de partida do projeto, onde são identificados os problemas a serem resolvidos e as questões a serem respondidas. Nesta fase o educador “Escuta sugestões, ajuda a formular ideias.” (p. 140). O papel do educador é determinante, para manter o diálogo, a discussão e as questões, tendo a preocupação de dar a palavra a todas as crianças (Vasconcelos, 1998). Algumas das questões são “o que pensamos saber?”, “O que queremos saber?”, “O que gostaríamos de fazer?” (Vasconcelos et al., 2012);
- Fase II- Ocorre o planeamento, desenvolvimento do trabalho e respetivo lançamento, em que o tema a ser explorado é definido com base nas respostas do grupo de crianças a participar; é uma fase importante pois é altura de começar a concretizar o planeamento- “o que se vai fazer, onde se começa, como se vai fazer” (Katz et al., 1998; Vasconcelos, 1998) construindo uma teia integradora de todas as ideias e é ainda neste momento que se iniciam pesquisas;
- Fase III- Execução do projeto, são realizadas atividades que foram estipuladas ao longo do processo (Vasconcelos et al., 2012);
- Fase IV- Divulgação e avaliação do projeto, marcando a sua conclusão, em que as crianças consolidam as aprendizagens realizadas, compartilham os resultados alcançados e comparam as questões iniciais com o que aprenderam (Vasconcelos et al., 2012).

2.4 ASPETOS MENOS POSITIVOS E POSITIVOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Menos positivos

O cronograma semanal das crianças foi um dos aspetos menos positivos de todo o momento de PP, pois este não sofreu qualquer tipo de alteração desde o início da PP. Muitas das vezes foi frustrante a/o interrupção/adiar de sextas, brincadeiras e propostas das crianças para preparar as crianças para as atividades externas em tempo letivo. Sendo que a formação académica de um educador de infância e os documentos orientadores, como por exemplo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, 2016), já preparam e orientam os mesmos, para dinamizar todas as áreas de conteúdo sem necessidade de recorrer a docentes externos, e de forma holística.

Apesar da proposta de representar, através múltiplas linguagens, os sentires de cada semana, ter sido um desafio interessante da professora supervisora, muitas das vezes houve a dificuldade de saber o que representar a cada semana. O facto de ter sido percecionado pela estudante como um desafio extra, acabou por supercarregar um pouco mais e influenciar a entrega de outros documentos a tempo, assim como exigiu alguma criatividade a mais. No entanto, se a estudante tivesse conseguido interligar a tarefa dos sentires com as reflexões finais, tornaria o processo mais positivo.

Positivos

O grupo de crianças foi um dos pontos mais positivos da PP, pois pensavam sempre nas mestrandas, pediam para estarem com elas, brincavam com elas, participavam sempre com entusiasmo tanto em propostas como em momentos de discussão em grande grupo (eram crianças muito interessadas e curiosas com tudo). Tinham uma boa relação com as estudantes, relação esta sustentada numa base na confiança, carinho e respeito.

No espaço exterior foi onde aconteceram as melhores experiências. Foi incrível ver as crianças a crescerem a pouco e pouco, uma vez que foram tendo interesse em se superar a nível físico, aperfeiçoando as suas capacidades de descerem por um varão que existia no pátio da instituição. Inicialmente, algumas desciam com ajuda de um adulto, mas depois foram ganhando segurança nelas mesmas e encontraram estratégias para descerem sozinhas. Anteriormente apenas se verificava que a zona do varão era “proibida”, por não estar lá qualquer adulto, porém ao aperceberem-se dessas condições as estudantes decidiram supervisionar mais este local e, assim, permitir também a utilização deste espaço. O espaço exterior tem tanta importância, como qualquer outro espaço educativo interior, por que também proporciona oportunidades educativas (Silva et al., 2016). “É ainda um espaço em que as crianças têm oportunidade de desenvolver atividades físicas (correr, saltar, trepar, jogar à bola, fazer diferentes tipos de jogos de regras, etc.), num ambiente de ar livre.” (Silva et al., 2016, p. 27). Sendo um espaço com tanto para oferecer é possível compreender que as crianças são felizes fora de portas e é benéfico permitir que as crianças passem muito tempo lá fora. A confiança e a atenção para com o grupo fez com que progressos de superação fossem possíveis.

Em relação ao par pedagógico, por vezes esta foi um grande apoio, pois partilhou de igual forma muitas das suas alegrias e experiência. A dinâmica das duas estudantes juntas funcionou tal como no momento de PP anterior, em que apesar de muitas das vezes haver trabalho acumulado, houve também alguma capacidade de organização mútua, de confiar

no trabalho uma da outra e principalmente apoio e compreensão. Para além de colegas são amigas, e, como amigas, não tinham receios em admitir as suas fraquezas e de aceitar a ajuda uma da outra.

Outro dos pontos positivos a considerar foi a organização e agilidade da educadora para resolver algumas situações e para implementar propostas. Muitas das vezes a entrega de documentos da prática pedagógica foram entregues mais rapidamente devido ao apoio da educadora cooperante que agilizou etapas em falta durante o projeto.

O ideal seria trabalhar em equipa não só com os docentes, não docentes e famílias, mas também com o elemento mais importante, e aquele que é verdadeiramente o mais interessado nas crianças, que são elas mesmas. Ninguém melhor que elas para dizer/demonstrar o que querem. O importante será sempre as ouvi-las e observá-las, em todos os momentos do dia e em todos os espaços. Os maiores progressos das crianças estão nas brincadeiras livres e não apenas em propostas educativas, em que muitas das crianças ficam intimidadas com a exposição ao grupo, ou têm as suas capacidades individuais não valorizadas ou ignoradas (Sarmiento et al., 2017).

Apesar de grande parte das visitas da professora supervisora ao local de PP, trazer alguns nervos à flor da pele, estas também foram um grande apoio e a comprovação da preocupação da mesma com a nossa prática. Cada abraço, cada frase motivacional e “puxão de orelhas” fez com que o empenho, seriedade e motivação se mantivessem ou ampliassem.

Neste 2º semestre a observação e registo demonstraram terem sido as armas mais poderosas, pois permitem preservar a evolução das crianças. Sem registar já mais seria possível recordar que uma das crianças com mais coragem a descer por um varão no jardim, foi um dia a criança que mais receio teve de o descer. A observação e os registos devem ser transformados em documentação pedagógica para a criança/grupo, para a consciencialização dos seus progressos.

“A prática da documentação pedagógica é reconhecida como condição indispensável para garantir a construção de uma memória educativa, de evidenciar o modo como as crianças constroem conhecimento, de fortalecer uma identidade própria da educação das crianças pequenas e da construção da qualidade dos contextos educativos.” (Fochi, 2016, como citado por Pinazza & Fochi, 2018, p. 14).

CAPÍTULO 3- PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA- JI II

No segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar foi realizado o último momento de PP, novamente realizado em contexto de JI, porém numa nova instituição de cariz público, entre setembro e dezembro de 2024. Tal como os capítulos anteriores, este terá também uma caracterização do contexto educativo e do grupo de crianças, assim como os pontos explorados nas primeiras impressões da mestranda; as intenções iniciais e objetivos cumpridos; aspetos menos positivos e positivos da PP; e ainda aprendizagens e superações.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO E DO GRUPO DE CRIANÇAS

A prática pedagógica em JI II, realizou-se numa instituição de cariz público, localizada na região de Leiria. O contexto situava-se numa área que oferecia alguma variedade de serviços e espaços de interesse. Entre os estabelecimentos comerciais e de serviço destacavam-se os cafés, a farmácia e o supermercado, locais estes que eram utilizados pelas famílias da comunidade. Existiam também alguns espaços industriais e um espaço verde (parque). A nível histórico e cultural a localidade tinha 1 igreja e algumas coletividades.

A missão do agrupamento era “Formar cidadãos numa perspetiva humanista, livre, responsável, crítico e criativo, empreendedor, trabalhador, integrados na sociedade e adaptados aos vários contextos familiares, sociais e profissionais, que através de sua ação promovam ambientes harmoniosos onde todos participam, reflitam e colaborem”. (Projeto educativo, 2019-2022). O agrupamento adotava uma visão que destacava a identidade cultural e multicultural, a inclusão escolar e a promoção de estratégias colaborativas e transparentes. Promovia valores como o respeito, a resiliência, o empreendedorismo e a responsabilidade, que eram refletidos nas atividades diárias. A instituição em si não seguia nenhuma abordagem pedagógica específica e, por isso, cada educador/professor tinha liberdade para implementar os modelos pedagógicos com os quais mais se identificasse, permitindo uma maior flexibilidade, no que diz respeito à adequação do currículo às necessidades e características individuais de cada criança.

Relativamente à organização da sala esta dividia-se em áreas distintas, que possuíam limitações quanto ao número de crianças em cada espaço: a área da casinha e faz-de-conta permitia a permanência de até 5 crianças em simultâneo; a área da garagem/construções

até 4 crianças; a área dos jogos de mesa não possuía limite de crianças; a área dos fantoches até 2 crianças; e a área do tapete e do quadro de giz até 2 crianças.

O grupo era composto por 22 crianças, sendo 12 meninas e 10 meninos, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Esta diferença de idades trouxe consigo a diversidade ao grupo, na qual foi tida em conta quanto aos diferentes níveis de desenvolvimento de cada criança.

Ao longo do semestre algumas crianças ingressaram no grupo e uma saiu, fazendo com que o período de acolhimento perdurasse. As crianças já adaptadas demonstraram-se disponíveis para acompanhar as crianças que ingressavam no grupo, explicando dinâmicas e espaços da sala e brincando com estas. Estas atitudes demonstraram o quão empáticos e apoiantes eram as crianças em relação aos seus pares e também para com os animais, pois sempre que encontravam um cuidavam dele (especialmente caracóis). De um modo geral, as crianças mais velhas adoravam ajudar as mais novas compreendendo e aceitando as suas competências, assim como as dos outros. No grupo existiam algumas amizades mais próximas, o que não queria dizer que por vezes não houvesse algumas divergências e conflitos, por mais que fossem raros e bastante rápidos de resolver.

Como crianças que eram estavam a descobrir o mundo à sua volta, eram bastante curiosas e participativas. Esta curiosidade e participação era bastante evidente nos momentos de diálogo em grande grupo, onde se sentiam à vontade para falar/fazer perguntas, como também durante propostas implementadas, nas quais participavam com envolvimento e motivação. Eram crianças que comunicavam as suas aprendizagens sem receios e com orgulho. Algumas das crianças tinham dificuldades ao nível da motricidade fina (por exemplo, no recorte e no desenho), maioritariamente as crianças mais novas, no entanto, é algo espectável. De referir que observava-se a cada tentativa aprimoramentos. Ao nível da motricidade grossa, esta estava bastante desenvolvida devido ao vasto tempo que o grupo passava a explorar o exterior com liberdade para correr, saltar, baloiçar, trepar, lançar e muito mais.

Por fim, eram crianças que perante dificuldades, não baixavam os braços e persistiam até conseguirem, por isso, eram cada vez mais autónomas, confiantes, seguras e felizes.

3.2 *PRIMEIRAS IMPRESSÕES*

Este segundo e último ano de mestrado foi focado na recolha do máximo de informação, no sentido de uma melhor preparação para o exercício da profissão. Por compreender esse interesse das estudantes, a educadora cooperante não só se manteve sempre disponível para ajudar, como demonstrou agrado pelo facto de as mesmas quererem saber mais e preocuparem-se não só com as crianças como com a sua formação.

A educadora tinha na sua prática várias inspirações, sendo uma delas a Metodologia de Trabalho por Projeto. O Decreto-Lei n.º 55/2018 refere a importância da flexibilidade e adaptação do Currículo às necessidades de cada criança para o sucesso. A estratégia de suporte à prática educativa neste contexto procurava ir ao encontro do grupo de crianças, das suas necessidades e interesses. A implementação de projetos assumia também toda a relevância no quotidiano educativo desta PP.

Das estratégias utilizadas pela educadora para conhecer o grupo de crianças destacam-se: o recorte; a colagem; os jogos de equipas; as pinturas; e os desenhos. A intenção da educadora cooperante com este tipo de propostas era a de provocar as crianças, de forma a perceber exatamente quais os seus interesses, assim como, as suas facilidades e dificuldades. Esta prática permitia planear a ação de uma forma consciente e mais eficaz, no que toca a corresponder às exigências do grupo, apoiando o seu desenvolvimento da melhor forma possível. Silva et al. (2016) referem que o planeamento deve ter em conta as características individuais de cada criança no sentido de proporcionar de forma estimulante o seu desenvolvimento e aprendizagens, promovendo assim segurança e autoestima.

O planeamento da ação foi possível através da observação do brincar, permitindo que a educadora cooperante conhecesse os interesses das crianças, as encorajasse e tivesse a oportunidade de lhes colocar desafios aquando das suas explorações (Silva et al., 2016). Ao observar a educadora reflete-se que a mesma reconhece o brincar como atividade natural da iniciativa da criança. A educadora oferecia condições e dava tempo para a brincadeira livre, deixando que a criança escolhesse as brincadeiras e as pessoas com quem queria brincar. Sabe-se que ao tomar decisões nas brincadeiras, a criança desenvolve os seus interesses, resolve problemas e torna-se mais autónoma. O brincar permite que a criança exprima a sua personalidade, estabeleça relações, melhore capacidades e assuma responsabilidades (Silva et al., 2016).

Em alguns momentos de brincadeira livre o entusiasmo era tanto que o espaço ficava com muito ruído, apesar de não se notar tanto no exterior por ser ao ar livre. Esse facto é resultado do grande envolvimento em explorações livres, que na vida das crianças é crucial. Este brincar permite à criança experiências de descoberta e aprendizagens essenciais a partir do seu corpo e dos seus sentidos. Possibilita também o contacto com o risco e com a resolução de problemas de forma autónoma (Bilton et al., 2017).

Apesar de este ter sido o terceiro e último semestre de prática pedagógica a ideia de esperança não foi perdida. Na primeira implementação era necessário que as crianças trouxessem alguns recursos da natureza, no entanto, o facto de terem sido pedidos com pouco tempo de antecedência fez com que não trouxessem. Ainda assim, a adesão e envolvimento das crianças foi enorme e surpreendente, no decorrer da proposta, mas mais consideravelmente durante a exploração com tintas, pois “A participação activa das crianças em todas as fases do desenvolvimento das actividades favorece o seu entusiasmo, dado que gostam naturalmente de mexer, experimentar e observar as consequências das suas acções” (Martins, 2009, p.21).

3.3 INTENÇÕES INICIAIS E OBJETIVOS CUMPRIDOS

Tendo por base, o documento “Intenções com a prática pedagógica”² no qual estavam referidas pelas mestrandas, quais as suas intenções para a PP, foi possível a reflexão acerca de intenções e objetivos que se mantiveram ou foram alcançados.

Ao nível dos registos de observação das crianças estes continuaram a ser realizados e da mesma forma (em tabela) ainda que aprimorados com mais detalhes. Todas as semanas foram integradas nestes registos observações das crianças e igualizada a quantidade de registos das mesmas de forma a não negligenciar nenhuma delas.

“Observar e envolver-se no brincar das crianças, sem interferir nas suas iniciativas, permite ao/à educador/a conhecer melhor os seus interesses, encorajar e colocar desafios às suas explorações e descobertas. Esta observação possibilita-lhe ainda planear propostas que partindo dos interesses das crianças, os alarguem e aprofundem. Deste modo, a curiosidade e desejo de aprender da criança vão dando lugar a processos intencionais de exploração e compreensão da realidade, em que

² O documento “Intenções com a prática pedagógica” trata-se de uma das propostas da PP que consistia na formulação de um texto que definia as intenções dos mestrandos com a PP.

várias atividades se interligam com uma finalidade comum.” (Silva et al., 2016, p. 11).

As tabelas utilizadas para caracterização do grupo, instituição e meio ambiente³ foram ainda recuperadas da PP anterior, mais uma vez mantendo a formatação inicial, por terem sido consideradas claras e organizadas, permitindo a facilidade de leitura. Tanto as observações semanais quanto os registos nas tabelas foram por vezes escritos em caderno, ainda que, na maioria das vezes, tenham sido logo passados para o computador sem passarem pelo caderno.

Os registos radiográficos e videográficos foram usados em alguns momentos do projeto e em discussões sobre os portfólios de forma a considerar as vozes das crianças. Estes registos foram mais utilizados nesse último momento de práticas pedagógicas.

3.4 ASPETOS MENOS POSITIVOS E POSITIVOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Menos positivos

Um dos pontos menos positivos foi o facto de terem sido realizados poucos jogos no exterior com as crianças. Apesar de o grupo realizar brincadeiras diversificadas, teria sido benéfico dar-lhes a conhecer alguns jogos tradicionais, como forma de fortalecer laços, de lhes passar tradições culturais e fomentar a prática de exercício físico, aproveitando da melhor forma o potencial do espaço exterior.

Em relação ao projeto (caracóis) foi sentido algum arrependimento por não ter sido realizado de imediato o registo das pesquisas durante o acontecimento das mesmas, por esquecimento. Esse aspeto fez com que não estivesse visível aquilo que estava a ser feito, o que por sua vez fez com que a comunidade educativa tivesse ficado admirada com a existência de um projeto sobre caracóis. Ninguém pensava ao entrar na sala, que estava a decorrer um projeto, por não haver qualquer vestígio do mesmo, depois de tantas propostas. As crianças tiveram dificuldade em relembrar algumas questões aprofundadas no projeto por falta de registo.

Esta situação permitiu aprender que os registos devem ser feitos para que tanto as crianças quanto os adultos possam revisitar e avaliar o que foi realizado e/ou descoberto,

³ Ver apêndice 5: Tabela para caracterização dos contextos de PP.

de forma que tomem consciência do desencadeamento do projeto e de todas as etapas necessárias para a aquisição de aprendizagens (Vasconcelos et al., 2012).

Positivos

Nos momentos de grande grupo foram realizados diversos registos que se consideraram importantes, relacionados com o desenvolvimento de diversas áreas de conteúdo: o domínio da matemática e a Área da Formação Pessoal e Social, com as contagens e registo das crianças presentes em cada dia, por género, de forma a promover o contacto e compreensão/leitura de tabelas (Silva et al., 2016).

Como forma de dar voz a todas as crianças e por se defender a importância da igualdade de oportunidades, foi sugerida a construção de um portfólio coletivo. No momento de PP anterior foram realizados dois portfólios individuais pela dupla de estudantes. Na PP JI II foi sentida a necessidade de embarcar numa nova experiência que pudesse ser um pouco mais complexa, enriquecedora e construída no coletivo pelo par pedagógico. Seria uma forma do par pedagógico discutir e tomar decisões em parceria.

A construção de um portfólio coletivo tornou-se um desafio bastante positivo, pois o processo de construção do mesmo foi responsável por dar às crianças a oportunidade de reunir em grupos distintos, a pares e individualmente, para conversas informais sobre questões que lhes dizem respeito, como as rotinas diárias, e para partilha de aspetos sobre si próprias. Nesta linha de pensamento Sá-Chaves (2000) refere que os portefólios estimulam a reflexão que, por sua vez, permitem a documentação, o registo, a aprendizagem e o estruturar de processos responsáveis pela criação de hábitos de autorreflexão e desenvolvimento do sentido crítico.

3.5 APRENDIZAGENS E SUPERAÇÕES

Como forma de finalizar a dimensão reflexiva, e em jeito de conclusão, considerou-se importante referir as aprendizagens e superações deste último momento de PP.

Este foi o semestre de maior confiança adquirida e preparação para o exercício da profissão. Apesar de inicialmente haver alguma desorientação, receios e nervos, devido ao facto de a mestrande estar, pela primeira vez longe de casa, afastada de tudo o que conhecia e a aprender acerca de novas formas de trabalhar junto das crianças, ainda assim houve tentativas de superação que a estudante acredita que daqui para a frente podem persistir, tal como uma crescente paixão pela educação de infância.

Neste ano letivo de 2024/2025 colocou-se em prática um projeto de investigação do qual inicialmente a mestranda em questão pretendia desempenhar, apenas, o papel de observadora participante, porém o mesmo foi reconsiderado devido à possibilidade de desempenhar ainda um papel mais ativo. O interesse por algo mais que a observação participante surgiu da necessidade de corresponder aos interesses e necessidades das crianças, tal como um educador deve fazer, reestruturando o espaço da casinha. Posto isso, a intenção terá sido o investimento numa melhor preparação para o exercício da profissão combatendo uma das dificuldades mais sentidas: a capacidade de agir por medo de errar.

Neste sentido, considerou-se que à data deste relatório o sentimento de preparação para o mercado de trabalho foi alcançado devido à capacidade de planejar, observar, registar e principalmente de intervir desenvolvida ao longo do percurso académico, principalmente durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar.

PARTE II- DIMENSÃO INVESTIGATIVA-OBSERVAR E INTERVIR DANDO VOZ ÀS CRIANÇAS NA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO DA CASINHA

Esta segunda parte do relatório refere-se à dimensão investigativa. O primeiro capítulo centra-se no enquadramento teórico da investigação e o segundo capítulo no enquadramento metodológico do estudo.

O enquadramento teórico considerou os seguintes pontos: I) Definição do brincar; II) Faz-de-conta e jogo simbólico; III) A importância do brincar; IV) Espaço educativo: O que é?; V) A participação e a voz da criança no ambiente educativo; VI) Constituição do espaço; VII) O brinquedo; VIII) Tipos de brincar no espaço da casinha.

CAPÍTULO 1- O BRINCAR E INTERVIR NA CASINHA

1.1 DEFINIÇÃO DO BRINCAR

Inicialmente, importa perceber a origem da palavra brincar. Esta surgiu do latim, *brinco* e *vinculum* que significa laço, o que propõe que brincar significa criar laços ou vínculos (Neto, 2020; Silva et al., 2016). Do germânico a palavra brincar era *blinkan* que significava brilhar (Silva et al., 2016).

Segundo Neto (2020), o brincar é uma linguagem universal compreendida por todas as crianças. Pressupõe a exploração da criança a nível físico e social, por curiosidade e necessidade de descobrir o mundo à sua volta. Para Silva et al. (2016), o brincar é uma atividade holística no que diz respeito às aprendizagens das crianças, por integrar as diversas áreas de conteúdo mencionadas nas OCEPE. Posto isto, o brincar é uma atividade rica e estimulante e não apenas uma forma de manter as crianças ocupadas e entretidas ou “uma recompensa pelo esforço e trabalho realizado” (Martins, 2023, p.8), aliás, torna-se proveitoso realizar pausas durante propostas educativas para que as crianças consigam posteriormente, regressar às propostas, mais estimuladas para aprender (Neto & Lopes, 2023). O brincar provoca prazer e felicidade, porque surge da iniciativa das crianças, acabando por traduzir-se no elevado envolvimento das mesmas, com concentração, empenho e persistência (Neto & Lopes, 2023; Silva et al., 2016).

Quando a criança brinca, ela adquire formas de se adaptar a situações imprevisíveis e inesperadas, obter capacidades de sobrevivência, desenvolver a imaginação e perceber os limites do próprio corpo (Neto, 2020). Esta é ainda uma forma de ensinar o ser humano a perceber como funciona a vida, à medida que adquire uma maior maturidade cognitiva e conseqüentemente maior compreensão da complexidade do mundo (Neto, 2020). É na tentativa de se encaixarem no mundo, que as crianças compreendem o funcionamento da vida, o que pressupõe que o brincar é uma atividade de grande relevância para o desenvolvimento intelectual delas, segundo Piaget citado por Spodek e Saracho (1998).

O brincar está muitas das vezes associado ao jogo, mas existem diferenças entre as duas atividades. “Jogar” provem do latim *jocare* que significa, para além de distração e divertimento, astúcia (Neto, 2020; Silva et al., 2016). Esta é uma atividade competitiva, que respeita um conjunto de regras pré-definidas das quais todos os jogadores são obrigados a seguir. O jogo possui materiais para serem usados da forma como foram pensados, existindo poucas alterações que os jogadores possam fazer, existindo também objetivos ou finalidades na situação de jogo bastante claros (Bettelheim, 1989; Silva et al., 2016). Tal como o brincar, o jogar permite também compreender o quotidiano, perceber capacidades e fragilidades, e motiva as crianças a quererem ganhar e a saberem perder (Silva, 2017).

Em contrapartida, o brincar tem em si um fim, sem finalidade, ou seja, uma brincadeira pode terminar de um momento para o outro, sem ter tido um final planeado (Bettelheim, 1989; Neto, 2020). Na brincadeira livre, a fantasia espontânea da criança é que dita o rumo das brincadeiras, podendo não haver objetivos, ou regras definidas ou uma sequência lógica dos acontecimentos, mas associações livres que surgem a qualquer momento (Bettelheim, 1989). Brincar e jogar são atividades distintas, ambas interessantes para as crianças, porém as mesmas reconhecem, segundo Bettelheim (1989), que o brincar produz mais prazer, em comparação com os jogos que provocam nas crianças alguma quantidade de ansiedade, pela falta de liberdade.

1.1.1 Faz-de-conta e jogo simbólico

O “faz-de-conta” está presente nos momentos da brincadeira livre quando as crianças assumem papéis tanto de pessoas, como de animais e/ou personagens do real e da fantasia. A imaginação e a fantasia são características do faz-de-conta que possibilitam a criação de heróis e entre outras personagens que guerreiam entre si (Neto, 2020). As crianças

podem desempenhar diversos papéis, mas também fazer uso de objetos, dos quais lhes podem dar vida, através da expressão verbal, não-verbal, sons e linguagem (Neto, 2020; Silva et al., 2016). Estes exemplos de representação de papéis envolvem o jogo dramático e socio dramático, assim como diversas emoções experienciadas no quotidiano real. As crianças representam a vida quotidiana real de forma inocente, tal como os adultos lhes permitem ter acesso. (Neto, 2020; Silva, 2017). Através de brincadeiras/jogos podem surgir de representações do real, em que as crianças imitam os adultos (jogo simbólico) e como consequência são realizadas aprendizagens (Neto, 2020).

O jogo simbólico está diretamente relacionado com o faz-de-conta, pois este pressupõe também a utilização do corpo e/ou objetos pelas crianças, com a intenção de representar experiências vividas/familiares (Silva et al., 2016). Sem a representação de experiências familiares as crianças não conseguiriam compreender culturas, as suas culturas. Quando as crianças brincam ao jogo simbólico realizam de facto aprendizagens, ao contrário de aprendizagens que lhes possam ser impostas pelos adultos, que caracterizam modelos em que as crianças tenham de adotar um tipo de participação mais passiva (Silva, 2017).

1.1.2 A importância do brincar

Como anteriormente referido, o brincar está associado a vínculos, pois é fundamental a familiarização das crianças a diversos contextos, onde elas possam desenvolver a sua criatividade e superarem-se a nível motor, cognitivo, social e emocional. O brincar é importante em termos de saúde física e mental, mas também ajuda na adaptação, na regulação emocional, autoconfiança e no confronto das crianças com adversidades (Neto, 2020; Neto & Lopes, 2023; Silva et al., 2016). Proporciona momentos de descoberta e conquista, a iniciativa, a persistência, a assertividade e a transparência das crianças e apoia o desenvolvimento da criatividade e a realização de aprendizagens significativas, de forma holística (Silva et al., 2016). Ao brincar, as crianças estimulam o seu sentido de humor, a positividade, o sentido de justiça, a empatia e a capacidade para resolver problemas e lidar com consequências (Neto, 2020). Promove a relação entre crianças e o educador, facilitando o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais (Silva et al., 2016).

Outro dos benefícios do brincar centra-se na aquisição de conhecimentos de estrutura linguística, pela socialização, pois é através do brincar que as crianças verbalizam,

acabando por generalizar e adquirir novas formas linguísticas. E devido à socialização é possível a proximidade e amizade entre indivíduos (Neto & Lopes, 2023, p.17).

Segundo Spodek e Saracho (1998), a linguagem oral e escrita pode ser desenvolvida através do conto de histórias; a matemática através de brincadeiras em que a criança simula negócios (comércio), realizando contagens e comparando quantidades, logo aprendendo o conceito de número de formas e de tamanhos; a ciência através de explorações, colocação de hipótese, testagens, conclusões e perguntas; e por último, a socialização através da interpretação de papéis.

Existem brincadeiras em que crianças morrem de forma simbólica de modo a dar sentido à vida real (Neto & Lopes, 2023). Tendo em conta que, intrinsecamente o brincar proporciona ferramentas necessárias para a sobrevivência das crianças na vida adulta, as crianças mais novas procuram o afeto e brincar mais vezes sozinhas, enquanto as mais velhas a independência e a companhia nas brincadeiras (Neto & Lopes, 2023; Spodek & Saracho, 1998). E em brincadeiras de lutas ou de perseguição, por exemplo, as crianças desenvolvem em si a motricidade, cognição e socialização, adquirem conhecimentos ancestrais, noções de sobrevivência, ataque, defesa, território, morte, simulação, fuga, estratégia, entre outros (Neto & Lopes, 2023).

Segundo um estudo mencionado por Neto (2020), uma infância rica em momentos de brincadeira livre, está relacionada com a realização pessoal, o sucesso na vida e o empreendedorismo, da criança que se tornou um adulto. Outros estudos no ramo da investigação científica mencionados por Neto e Lopes (2023), referem que brincar nos primeiros anos de vida traz benefícios, no que diz respeito à: “estrutura do cérebro e respetivos mecanismos neurais; na evolução da linguagem e literacia; na capacidade de adaptação física e motora; na estrutura cognitiva e resolução de problemas; nos processos de socialização e, finalmente, na construção da imagem de si próprio, capacidade criativa e controlo emocional.” (Neto & Lopes, 2023, p.17).

Por último, no ramo da psicoterapia o brincar também é importante, pois os psicoterapeutas recorrem a essa atividade natural da criança para revelar os sentimentos e experiências das mesmas, através da dramatização. O que depois requer dos psicoterapeutas interpretar as ações de forma a compreenderem as emoções das crianças (Spodek & Saracho, 1998).

1.2 ESPAÇO EDUCATIVO: O QUE É?

Segundo as OCEPE (2016) o espaço educativo é um contexto refletido e planejado por diversos intervenientes sendo a criança e o educador os mais envolvidos. Este espaço deve ser rico e estimulante, da qual as crianças (individualmente ou em grupo) se apropriam e desenvolvem a sua independência e autonomia participando em decisões recorrentes sobre o mesmo. O espaço educativo é composto por diversos outros espaços, como as bibliotecas, os refeitórios e salas de atividades, onde o educador deve tomar decisões em conjunto com a equipa educativa (Silva et al., 2016).

1.2.1 A participação e voz da criança no ambiente educativo

A criança é uma das responsáveis pelo processo de conhecimento, identidade e cultura dela própria, tendo esta agência para participar e voz a considerar (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008). Esta vê-se assim considerada quando, “desenvolve os seus interesses, toma decisões, resolve problemas, corre riscos e torna-se mais autónoma.” (Silva et al., 2016, p. 11). A participação da criança implica que em momentos que lhes dizem respeito ela dê a sua opinião, por exemplo, na definição de regras coletivas e distribuição de tarefas (que envolvem os valores da democracia e trazem à tona a consciência de direitos e deveres) (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008; Silva et al., 2016). Esta participação, faz com que a crianças seja ouvida pelo educador, que se preocupa e apoia as necessidades e interesses revelados, promovendo a segurança, o bem-estar e o desenvolvimento da autoestima da criança (Silva et al., 2016).

A preocupação do educador com a participação das crianças implica também que as mesmas deem a sua opinião, no que se refere ao ambiente educativo onde estão inseridas (Silva et al., 2016). Segundo as OCEPE (2016), o ambiente educativo é um contexto planejado que deve ser rico e estimulante, do qual as crianças (individualmente ou em grupo) se apropriam e desenvolvem a sua independência e autonomia. O que por sua vez fará com que as crianças compreendam como estão organizados os espaços, assim como de que forma podem ser usados e que alterações podem ser feitas (Silva et al., 2016).

A organização do ambiente educativo é avaliada pelas crianças e pelo educador, que refletem o que observam como potencialidades, interações, utilização do tempo, participação de outros elementos da equipa pedagógica e principalmente das crianças (Silva et al., 2016). Isto pressupõe constantes momentos de planeamento elaborados pelos intervenientes do processo educativo, onde as famílias têm também um papel ativo. Esse

planeamento pode ser realizado com todo o grupo de crianças, em pequenos grupos ou individualmente sendo que, independentemente da estratégia utilizada, esta continua a ser uma oportunidade de participação das crianças em decisões, e importante para o desenvolvimento cognitivo e linguístico, para o desenvolvimento da formação pessoal e social, e entre outras áreas de conteúdo (Silva et al., 2016).

Em relação aos materiais que constituem os espaços educativos, as crianças devem ter “a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa.” (Silva et al., p. 26). Sendo que os materiais devem ser diversificados e estimulantes do ponto de vista da curiosidade das crianças, de forma que as mesmas possam escolher os brinquedos com que vão brincar, o modo como o vão fazer e com quem vão brincar (Silva et al., 2016).

A Pedagogia-em-Participação surge à semelhança daquilo que foi mencionado sobre a participação das crianças no ambiente educativo, pois refere com muito importância o bem-estar das crianças, que é possível quando o tempo destas é respeitado, ao longo das rotinas diárias, que devem ser flexíveis e não rígidas (Oliveira-Formosinho & Andrade, 2011). Posto isto, as rotinas são discutidas e as crianças devem dar as suas opiniões, recorrendo aos valores da democracia, igualdade, inclusão e diversidade. Os espaços devem proporcionar bem-estar, alegria, prazer, momentos de interesse para as crianças, o respeito pela identidade de todas, segurança e aprendizagens (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013). Os interesses e as necessidades das crianças vão mudando ao longo do tempo, tendo em conta a maturidade das crianças e os contextos familiares ao ambiente educativo (Horn, 2017; Silva et al., 2016). As crianças têm a oportunidade de participar na reestruturação dos espaços sempre que forem necessárias adaptações, colaborando na tomada de decisões e na construção/aquisição de matérias/objetos/brinquedos. As crianças são perfeitamente capazes de perceber o que necessitam, sendo essas necessidades que lhes dão mais prazer e motivação nas suas aprendizagens (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013).

Para concluir, a Convenção sobre os Direitos da Criança (2019) refere ainda no artigo 12.º que: “Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade

e maturidade.” (Assembleia Geral das Nações Unidas, 2019, p.13); e no artigo 13.º que: “A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem consideração de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.” (Assembleia Geral das Nações Unidas, 2019, p.13).

1.2.2 Constituição do espaço da casinha

A casinha é um espaço que faz parte das salas de Educação Pré-Escolar que possui diversas possibilidades, tanto a nível individual como coletivo. Proporciona experiências ricas, em que as crianças participam ativamente, e onde ocorrem situações em que tudo pode acontecer e transformar-se, através do uso dos cinco sentidos (Rigolet, 2006). É um espaço onde tudo é possível a partir do jogo simbólico (Horn, 2017).

No espaço da casinha, devem existir limites compreendidos e estantes baixas ou painéis, biombos, cercas e cabanas. Horn (2017) sugere um conjunto de materiais, como por exemplo: “Utensílios de cozinha (pratos, panelas, talheres, xicaras); Cestos com frutas e legumes de cera ou plástico; Ferro de passar, vassoura, rodo, telefone, televisão, computador; Bolsas de bijuterias; Roupas para trocar bonecas (panos, casacos, calças); Aparelhos para pentear (pente, escovas, adereços de cabelo); e Maleta de médicos (seringas, estetoscópio, embalagens vazias de remédios)” para salas com crianças dos dois aos quatro anos (p.45). É necessário que os móveis que fazem parte do espaço, permitam a transformação, ou por outras palavras, que sejam flexíveis (Horn, 2017). Tendo em conta um contexto com crianças entre a faixa etária dos quatro e os seis anos, a casinha deve conter móveis e objetos diferentes, sendo eles: “Aparelhos para cozinha, sala, banheiro, móveis de casa, bonecos, roupas para trocar, maleta de médicos, varal de roupa, materiais de limpeza (rodo, vassoura, balde, pano); e Baú com fantasias (roupas, sapatos, bolsas, enfeites, maquiagens, adereços variados)” (Horn, 2017, p. 48).

Rigolet (2006) ainda acrescenta que o “canto da cozinha” deveria estar equipado com livros de receitas, um frigorífico (com imans), um congelador, decorações, frascos pintados pelas crianças, um relógio de parede (a funcionar), uma chaleira, cortinas, aparelhos em tecido, frutos das épocas, um fogão (com botões e minutagem), um forno, um micro-ondas, aparelhos domésticos, exaustor, chávenas, copa e uma despensa. As sugestões pretendem enriquecer o “canto”, com experiência holística, que fomentem o

interesse pela linguagem escrita, o sentido estético, a motricidade fina, a iniciativa, a contagem, entre outros (Rigolet, 2006).

No “canto do quarto” os materiais/objetos/brinquedos presentes seriam um despertador, livros de histórias, bonecas, “arca das trapalhadas”, objetos em tecido (tapetes, panos de decoração, naperons, lençóis, cobertores, almofadas, cortinados) e uma zona de costura (Rigolet, 2006).

Para a construção de espaços, pode ser proveitoso a realização de um dia das profissões e convidar as famílias a virem à instituição apresentar as suas profissões. Esta proposta serviria como base para retirar informações sobre algumas profissões que as crianças queriam ter representadas na sala. As informações poderiam ser registadas, e mais tarde com as crianças, discutidas (quanto aos espaços e materiais a utilizar), planeadas e implementadas. A discussão acerca dos espaços pode ser benéfica para criar oportunidades às crianças: observarem, analisarem, construir uma planta, realizarem medidas e comparações, elaborarem hipóteses, fomentarem o espírito crítico, a perseverança e a criatividade (Rigolet, 2006).

Importa referir que o mais importante na organização dos espaços é a participação, o acolhimento e as relações das crianças. Os espaços devem responder, primeiramente, às necessidades de afeto, autonomia, estética, socialização, descoberta, exploração, movimento e conhecimento (Rigolet, 2006). Os objetos que constituem o espaço devem ser selecionados tendo em conta a qualidade, variedade, “funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético” (Silva et al., 2016, p.26). O uso de materiais/objetos reutilizáveis, como caixas, embalagens pedaços de tecido, madeira e entre outros), assim como recursos naturais (pedras e paus), é importante para o desenvolvimento da criatividade e consciência ecológica (Silva et al., 2016).

1.2.3 O brinquedo

No tempo das civilizações grega e romana já existiam brinquedos sendo estes “brinquedos ecológicos”, como a boneca, nozes (berlindes) e pequenas pedras (Silva, 2017). Um objeto/brinquedo não precisa de ser caro ou muito complexo para ser atrativo para a criança, por que o fundamental é dar asas à imaginação e criar oportunidades para que as crianças desenvolvam a sua criatividade. Segundo Silva (2017), um exemplo que demonstra a criatividade de uma criança é quando ela usa pedras para realizar um pagamento, como se as pedras fossem dinheiro. Os brinquedos podem ser o que as

crianças quiserem “uma boneca pode representar um bebé, uma vassoura pode ser um cavalo ou um pedaço de mangueira pode ser uma bomba de gasolina” (Spodek & Saracho, 1998, p. 221).

Ao brincarem as crianças exploram os objetos, aperfeiçoando o seu sentido estético, a destreza motora e as interações que estabelecem com o mundo (Rocha, 2017). Spodek e Saracho (1998), referem que a exploração de objetos permite também que a criança comece a realizar comparações de tamanhos e a organizar objetos.

Alguns brinquedos comumente conhecidos permitem aprendizagens específicas às crianças, como o jogo do arco, que capacitam as mesmas de instintos de sobrevivência, ou como brincar com bonecas e desenvolver a linguagem (Silva, 2017). Os brinquedos são importantes para prepararem as crianças para a sociedade, visto esta estar repleta de objetos. As crianças constroem laços com objetos ao explorá-los, o que faz com que as mesmas adquiram noções de posse, de utilização, de abandono e de perda. Como bem material, quem detém os objetos, tem-nos na sua posse para brincar e manipular. Esta ação faz uma ponte entre o brincar/brinquedo e a realidade que é interiorizada a cada brincadeira. Para crianças mais velhas o brinquedo é como uma representação da sociedade e dos papéis reais, atuais e futuros, dos seres humanos (Silva, 2017). As bonecas, marionetas ou até mesmo as crianças, podem desempenhar papéis e isso é o jogo dramático (Spodek & Saracho, 1998). Quantos mais contactos forem feitos com objetos, mais oportunidades de socialização também surgirão (Silva, 2017).

1.2.4 Tipos de brincar no espaço da casinha

No espaço da casinha está presente o jogo simbólico, por exemplo, quando as crianças brincam por imitação aos médicos, aos pais, ou quanto fingem falar ao telemóvel (Neto, 2020). As crianças brincam aos médicos a partir do momento em que regressam de uma visita ao hospital, como forma de dar significado àquilo que presenciam (Spodek & Saracho, 1998).

As crianças quando confeccionam refeições durante brincadeiras, vivem e experimentam hábitos alimentares diferentes dos seus, descobrem outras culturas e desenvolver a sua atenção e concentração, uma vez que o contacto das crianças com novas experiências, estimulam a concentração das mesmas por longos períodos.

As brincadeiras relacionadas ao trabalho doméstico dentro da sala, para além de proporcionarem momentos de satisfação através da dramatização de diversos papéis (escolhidos pelas crianças), promovem ainda o contacto entre diversos papéis, e consequentemente o entendimento do mundo social realista (Spodek & Saracho, 1998). O brincar com o trabalho doméstico permite, pela socialização, não só conhecer a realidade dos papéis de uma família, mas de várias famílias diferentes, assim como, brincadeiras em que as crianças fingem terem um trabalho também é jogo gramático de realidades distintas (Spodek & Saracho, 1998).

CAPÍTULO 2- INVESTIGAÇÃO

O presente capítulo trata os procedimentos realizados para a concretização desta investigação. Estes permitiram dar resposta à questão de partida e cumprir com os objetivos do estudo.

2.1 PERTINÊNCIA DO ESTUDO E QUESTÃO DE PARTIDA DA INVESTIGAÇÃO

O interesse pelo brincar na casinha surgiu da vontade da investigadora em compreender o brincar em sala, através da observação. Considera-se que o brincar é uma atividade rica e estimulante e não apenas uma forma de manter as crianças ocupadas e entretidas ou “uma recompensa pelo esforço e trabalho realizado” (Martins, 2023, p.8). Segundo Vieira (2024), “o brincar é uma ação sagrada e prazerosa, realizada em conjunto” (p. 69) e que é importante em termos de saúde física e mental, capacidade de adaptação, de regulação emocional, de autoconfiança, confronto com adversidades e cultura de sobrevivência (Neto, 2020; Neto & Lopes, 2023; Silva et al., 2016).

Tendo em conta que o foco do estudo era o espaço interior, a investigadora observou o mesmo e descobriu o espaço da casinha. O espaço da casinha possuía mobiliário e utensílios demasiadamente padronizados/semelhantes em termos dos materiais dos quais os mesmos eram feitos e das suas cores (vermelho, amarelo, azul e verde). A investigadora decidiu realizar observações mais aprofundadas ao espaço da casinha e dessas observações concluiu que a passagem para o interior desse espaço da casinha era demasiado estreita e que o seu interior era demasiado pequeno para as crianças se movimentarem. Tendo em conta essas constatações, a investigadora compreendeu que havia necessidade de intervenção no espaço. Foi pedida autorização prévia à educadora cooperante para intervir na casinha de forma colaborativa. Posto isto, era importante

elaborar um plano, que seria construído com a participação das crianças do grupo, de forma a identificar os interesses e necessidades das mesmas, potenciando ainda mais o espaço. Silva et al. (2016) defende que a participação das crianças na organização do espaço promove a compreensão delas pelo mesmo quanto à forma de organização e utilização, promovendo a independência e autonomia a níveis individual e de grupo. Mais ainda refere, que a apropriação do espaço possibilita fazer escolhas, utilizar os materiais da forma como querem. Silva et al. (2016) menciona também que a reestruturação de espaços resulta na progressão do desenvolvimento e aprendizagens das crianças, pela inclusão de novos materiais que são mais desafiadores e interessantes para as mesmas. Sendo assim, a questão de partida que surgiu foi: *“Quais as potencialidades do espaço da casinha para um grupo de crianças de jardim de infância da rede pública da região de Leiria?”*

2.2 OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

A investigação teve 3 objetivos a saber:

- Refletir sobre possíveis alterações no espaço da casinha;
- Conhecer a perspetiva da educadora e das crianças face a possíveis alterações no espaço da casinha;
- Compreender o tipo de brinquedos usados e as brincadeiras realizadas na área da casinha antes e após a intervenção realizada.

2.3 CONTEXTO DO ESTUDO E PARTICIPANTES

O estudo foi realizado no contexto de PP JI II. Um contexto de jardim de infância público situado na região de Leiria, referido no terceiro capítulo da dimensão reflexiva.

A instituição pública possuía alguns serviços internos e externos, como serviço de refeições, atividades de tempos livres (A.T.L), terapias e sessões/aulas de música, matemática, ciências, dança e natação, para além do acompanhamento em sala. O estabelecimento de ensino albergava três grupos de jardim de infância e quatro turmas de 1º Ciclo do Ensino Básico. Todos colaboravam sempre que possível em projetos conjuntos, com muito gosto.

No exterior, todas as valências partilhavam o mesmo espaço, em alguns instantes do dia, para brincarem livremente com quem quisessem. O período após o almoço, era o

momento em que todas as crianças estavam no exterior em simultâneo sob a vigilância das colaboradoras do A.T.L e da Câmara Municipal de Leiria⁴. Em cada sala de 1º ciclo do Ensino Básico encontrava-se um professor por turma. E na Educação Pré-Escolar uma educadora e uma assistente operacional por grupo.

No interior da sala de jardim de infância, o espaço possuía uma área central de mesas com lugares para todas as crianças brincarem, jogarem, explorarem, lancharem e realizarem propostas educativas. Encostadas às quatro paredes existiam, armários e estantes de arrumação e jogos, um lavatório e uma área com um computador, área da construção, fantoches, casinha, tapete/quadro e biblioteca. Na figura abaixo compreende-se a forma de organização desta sala.

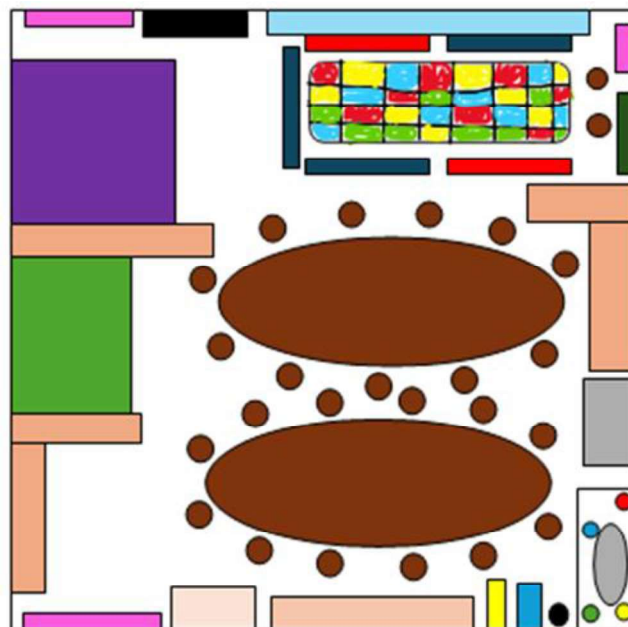


Figura 1- Planta da sala

⁴ Concelho a que pertence a instituição de ensino.

	-Portas;		-Cadeiras;
	-Mesa do computador;		-Mesas;
	-Estantes de materiais;		-Quadro de giz;
	-Espaço de jogos/ materiais/fantoches/biblioteca;		-Colchão para as crianças se sentarem;
	-Reciclagem de plásticos;		-Colchão para as crianças se sentarem;
	-Reciclagem de papel;		-Tapete colorido;
	-Lixo indiferenciado;		-Exposição de regras, presenças e entre outros;
	-Lavatório;		-Televisão;
	-Armário de materiais;		-Área da casinha e faz-de-conta;
			-Área da garagem.

Todos os espaços/áreas da sala tinham um número máximo de crianças em cada espaço e esses números foram introduzidos, gradualmente, a partir da segunda semana de PP das mestrandas. Em cada espaço da sala foi colocado um cartaz de grandes dimensões com as fotografias de cada criança do grupo por ordem de idades e número de referência, fixadas a velcro. Foi também afixado um cartaz em cada área da sala⁵, com campos para a colocação das fotografias das crianças, também em velcro. Cada cartaz possuía um número máximo específico, tendo em contas as capacidades de cada área, sendo as especificidades de cada espaço, as seguintes:



Figura 2- Área da casinha

-Área da casinha (até 5 crianças): Que era composta por diversos objetos/utensílios/móveis relacionados com tarefas domésticas da casa e vestimentas específicas para algumas ocasiões. Entre eles estavam, por exemplo, tachos, talheres, copos, frutas, vegetais, roupas, um kit de primeiros socorros, uma mala de cabeleireiro, alfaias para limpar o chão, uma mesa com cadeiras, uma cama e carrinho para

⁵ Como observável da figura 2- Área da casinha, na lateral do maior móvel presente na figura.

bebés, bebés, um armário, um roupeiro, uma cómoda e um fogão com lava-loiças e gavetas.

-Área da garagem/construções (até 4 crianças): Este espaço possuía alguns jogos, uma mesa de construção, pistas e um tapete com um percurso gravado, para veículos circularem. Alguns jogos eram feitos neste local, se fizessem parte do armário presente no local.



Figura 3- Área da garagem/construções



-Área dos jogos de mesa (não tinha limite de crianças): Os jogos encontravam-se nas várias prateleiras da sala e cada criança podia, de forma autónoma, ir buscar e jogar em conjunto com os colegas ou sozinha. Neste espaço também se realizavam algumas propostas e o lanche da manhã.

Figura 4- Área dos jogos de mesa

-Área dos fantoches (até 2 crianças): Apesar de ter estado entre a área da casinha e a área da garagem/construção esta era uma área à parte. Os fantoches ficavam dentro de um baú de madeira, como se pode observar na imagem ao lado.



Figura 5- Área dos fantoches

-Área do tapete e do quadro de giz (até 2 crianças):



Figura 6- Área do tapete e do quadro de giz

Era o espaço de reunião do grupo, de leitura de histórias, de cantar músicas, de fazer a contagem de crianças, de marcação de presenças, de registo do dia, da semana e do tempo, de realização de propostas e de exploração livre (do quadro).



Figura 7- Quadro de presenças e contagem de crianças

O estudo ocorreu especificamente na área da casinha, com crianças dos 3 aos 6 anos. A investigação integrou todo o grupo, ou seja, as 22 crianças⁶. Antes do estudo começar foi perceptível que muitas crianças gostavam do espaço da casinha, mas nem todas tinham interesse em ir para esta área. Após reajustes ao espaço da casinha poderiam sentir-se com vontade de participar em brincadeiras na casinha. Entendeu-se ser esta também uma forma de inclusão porque todo o grupo participaria na reorganização de um espaço que pertencia a todos.

2.4 PARADIGMA DE INVESTIGAÇÃO

No que diz respeito a trabalhos de investigação em educação, estes são normalmente estudos qualitativos, visto que estão da base de uma realidade, num determinado contexto no qual o investigador procura a compreensão de experiências de vida, ligada à sociedade, cultura, linguagem e comunicação (Amado, 2017). Neste tipo de investigação, os dados recolhidos não são traduzidos em números (Bogdan & Biklen, 1994).

A investigação qualitativa consiste em três paradigmas distintos: o paradigma positivista; interpretativo ou construtivista; e o socio-crítico (Amado, 2017). Este estudo corresponde ao paradigma interpretativo. O paradigma interpretativo assume que existem múltiplas realidades, partindo do facto de que o investigador e o sujeito criam conhecimentos e compreensões (Aires, 2015).

A investigação aproxima-se do estudo caso, uma vez que este se caracteriza por compreender, explorar e descrever detalhadamente um fenómeno e contextos complexos que estão limitados a um tempo e ações específicos (Sousa & Baptista, 2011). Este tipo de estudo é ainda caracterizado pela definição clara de uma instituição, do qual podem participar “indivíduos, grupos, organizações ou comunidades passíveis de estudo” (Figueiredo & Amendoeira, 2018, p. 103). Este tipo de estudos, os estudos caso, são “designados de educativos ou formativos, muito utilizados no ensino do Direito e da Economia (Blomeyer e Martin, cit. Por Stake, 2007:11), na formação de professores

⁶Uma das crianças do grupo mudou de instituição no início do mês de novembro e outra integrou o grupo no final do mesmo mês.

(Marcelo e Parrilla, 1991), ou dos estudos de caso avaliativos (Gall, Gall e Borg, 2007; Stake, 2007; Stenhouse, 1994).” (Amado, 2014, p. 121).

Segundo Amado (2014), o interesse e intenção do investigador em relação aos estudos de caso vai muito além do “(...) conhecimento desse valor intrínseco do caso, visando concetualizar, comparar, construir hipóteses ou mesmo teorizar (...)” (p. 124) e os seus objetivos prendem-se na exploração de novas problemáticas, assim como, de atualizar perspetivas já existentes e gerir hipóteses cada vez mais profundas.

2.5 MÉTODO

A abordagem do estudo é naturalista, pois este tipo de método é realista e flexível na relação entre fenómenos. Esta não se inicia com hipóteses bem definidas, mas propõe a utilização de meios que deem credibilidade aos dados recolhidos, através da observação realizada de várias formas (Silva, 1996).

2.6 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Tendo em conta o tipo de estudo selecionou-se como técnicas de recolha de dados a observação participante e a entrevista. Como instrumentos de recolha de dados optou-se pelas notas de campo, pelo inquérito por entrevista, pelas conversas com o grupo de crianças e pelas captações fotográficas, videográficas e audiográficas⁷ inerentes ao contexto do estudo.

A observação participante envolveu interação do observador com os observados. Uma investigação qualitativa, tendo por base uma observação participante, torna-se bem-sucedida devido à permanência de notas de campo detalhadas e extensas (Bogdan & Biklen, 1994). Considerou-se que esta técnica seria crucial para a obtenção de informações relacionadas com o espaço da casinha.

As notas de campo serviram para descrever todo um ambiente, com pessoas, acontecimentos, lugares e materiais, assim como, ideias e reflexões. Por outras palavras, as notas de campo foram o registo do investigador por escrito, daquilo que o mesmo ouvia e via. As notas de campo que foram realizadas neste estudo tiveram como principais funções: i) identificar as crianças que frequentavam o espaço da casinha; ii) mencionar as brincadeiras que realizavam nesse mesmo espaço; iii) descrever os brinquedos utilizados

⁷ As captações fotográficas, videográficas e audiográficas foram obtidas com o telemóvel da investigadora.

nessas brincadeiras; iv) e, descrever de forma detalhada o processo de desenvolvimento das brincadeiras nesta área da sala.

Procedeu-se ao registo escrito sempre que alguma criança entrava no espaço da casinha para brincar e durante todo o tempo em que esta permanecia neste espaço, sendo o tempo variável consoante o interesse de cada uma. Procurou-se garantir que pelo menos uma vez por semana fosse possível a permanência das crianças no espaço da casinha, fosse em períodos da manhã ou da tarde, ao longo de 8 semanas (de dia 28 de outubro a dia 19 de dezembro de 2024). As notas de campo foram organizadas num modelo de autoria de Jordão (2015, p. 90)⁸. Importa referir que foram realizados dois levantamentos/inventários do mobiliário e materiais do espaço da casinha⁹ adaptados nos modelos de Jordão (2015, pp. 88-89), para efeitos da reestruturação do espaço da casinha.

A entrevista é uma das melhores formas de entender os seres humanos e conseguir informações acerca de diversos aspetos. O inquérito por entrevista é o instrumento que orienta uma conversa tendo por base objetivos específicos (Amado, 2017). Existem quatro tipos de entrevista que passam, gradualmente, de uma conversa muito orientada para outra pouco orientada, a saber: a entrevista estruturada, semiestruturada, não estruturada e informal (Amado, 2014).

A entrevista realizada à educadora cooperante foi uma entrevista semiestruturada que se baseou no guião de entrevista adaptado por Capistrano (2010), citado por Amado (2017, p. 218).¹⁰ Teve-se como propósito responder à questão de partida e aos objetivos da investigação. Perspetivou-se, ainda obter informações pertinentes para a reestruturação do espaço da casinha. Para que não se corresse o risco de perder algum pormenor

⁸ No apêndice 15 constam todos os registos de observação do espaço da casinha (adaptado de Jordão, 2015) e as justificações dos dias em não foi possível obter qualquer tipo de registos.

⁹ Ver os apêndices 7 e 18.

¹⁰ No apêndice 9 e 10 podem-se encontrar o guião de entrevista e a respetiva transcrição, assim como, os dias em que foi realizada a mesma.

importante da entrevista foram efetuadas gravações da entrevista, com o consentimento da educadora cooperante¹¹.

Também as conversas realizadas com o grupo de crianças foram gravadas em formato áudio. É importante referir que o grupo de crianças estava habituado a conversas na área do tapete da sala. Era aí o local onde se sentiam à vontade para partilharem as suas opiniões livremente e sem julgamentos, e, por esse mesmo motivo, foi nesse local que se realizaram as conversas com as crianças previstas neste estudo.

Neste estudo recorreu-se ainda à captação fotográfica enquanto forma de trazer à memória da investigadora aspetos relevantes observados no contexto (Freitas & Craveiro, 2017). Recorreu-se ainda à captação de áudio e vídeo enquanto forma de recolha de informação. As gravações áudio serviram para complementar a entrevista e as conversas com o grupo de crianças¹², de forma a se obter transcrições fíéis sobre o que de facto foi dialogado (Amado, 2017). As gravações videográficas surgiram com o propósito de complementar as notas de campo com informações que passaram despercebidas à investigadora numa primeira fase. Este recurso completou os momentos de registo observacionais, que contribuíram muitas das vezes para uma descrição mais rica e clara da realidade observada.

Recorreu-se à técnica de análise de conteúdo para analisar os dados recolhidos (Amado, 2017). A análise e interpretação dos dados recolhidos destacou o seu conteúdo, permitindo o confronto e a comparação dos registos, narrados de forma organizada (Amado, 2017). Inicialmente, destacou-se as informações mais pertinentes para o estudo, sublinhadas com diferentes cores. As cores representavam cada subcapítulo da apresentação e discussão dos resultados, que foram de encontro aos objetivos da investigação. Após todas as informações necessárias ao estudo estarem sublinhadas iniciou-se a construção do texto na apresentação e discussão dos resultados.

¹¹ Ver apêndice 8.

¹² Ver apêndices 11 e 12 para o guião da conversa com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, e respetiva transcrição e os apêndices 13 e 14 para o guião da conversa com o grupo para avaliação da mesma reestruturação e respetiva transcrição.

2.7 PROCEDIMENTOS DO ESTUDO

Bogdan e Biklen (1994) referem que o planeamento na prática é o que antecede a recolha, a análise de dados e o processo de escrita. Neste sentido, procura-se de seguida explicar, de forma sequencial, todos os procedimentos do estudo que foram fundamentais para a realização desta investigação.

Assim que a PP teve início em setembro de 2024 a investigadora procedeu à entrega de consentimentos¹³ aos encarregados de educação para a realização do estudo. Neste consentimento solicitava-se autorização para a captação de registos variados para fins académicos relacionados com a PP e relatórios da PES.

De seguida, definiu a problemática da investigação e os objetivos do estudo de investigação. Assim que a investigadora descobriu que o espaço da casinha lhe suscitava interesse e identificou que o mesmo necessitava de alguma intervenção centrou a sua observação neste campo investigativo.

Os principais problemas do espaço prendiam-se com o facto de existirem muitos brinquedos padronizados (formatos, cores e material iguais) e pouco espaço para as crianças circularem no interior desta área da casinha.

“O VC que também lhe queria dar comida, cercou o espaço e pediu ao AS para sair dali por falta de espaço para circularem e este começou a limpar a casa e a SS foi ajudar o VC nas obras e quase caiu de cima de um banco ao deslocar-se para lá por falta de espaço para passar.” (Nota de campo, 5/11/2024).

2.7.1 Cronograma da investigação

O cronograma foi criado pela investigadora para orientar a mesma na sua investigação ao longo da PP. O mesmo integrou 5 etapas.

¹³ Ver documento no apêndice 6.

Tabela 1-Cronograma da investigação

CRONOGRAMA DA INVESTIGAÇÃO
Etapas da implementação da investigação
<u>Etapa 1-</u> Observaram-se as crianças no espaço da casinha durante 3 semanas, semana 7, 8 e 9 do semestre (período entre 28 de outubro e 13 de novembro 2024).
<u>Etapa 2-</u> Realizou-se a entrevista à educadora cooperante na semana 9 (dia 11 de novembro) e as conversas informais ao grupo de crianças também nessa mesma semana (dia 12 de novembro).
<u>Etapa 3-</u> Reestruturou-se o espaço da casinha tendo em conta o que foi observado, os interesses do grupo (considerando o conteúdo das conversas informais) e o apoio da educadora cooperante (considerando o conteúdo da entrevista) nas semanas 10 e 11 (entre 18 e 27 de novembro). A reestruturação do espaço da casinha teve uma duração de cerca de 2 semanas e procurava criar o efeito surpresa como propósito de fomentar o interesse das crianças do grupo para brincarem na casinha (Marchão & Henriques, 2017).
<u>Etapa 4-</u> Deu-se continuidade às observações e reajustou-se o espaço da casinha em consonância com o observado nas semanas 12, 13 e 14 (no período de 2 a 18 dezembro).
<u>Etapa 5-</u> Realizou-se uma nova conversa com o grupo de crianças e entrevistar-se-ia outra vez a educadora de forma a perceber qual teria sido a mudança e qual o impacto da mudança na semana 14 (entre os dias 16 e 18 de dezembro). Com este diálogo com os participantes pretendia-se ainda compreender se do ponto de vista dos participantes do estudo as alterações ao espaço teriam sido significativas. As entrevistas deveriam ocorrer logo no dia 16 e 17 de dezembro à educadora e às crianças no dia 17 de dezembro. No dia 18 realizar-se-ia um momento de lanche partilhado com convívio, como forma de agradecimento a quem colaborou na reestruturação do espaço ¹⁴

No cronograma referiram-se datas específicas para cada recolha de dados, sendo que foram realizadas notas de campo pelo menos uma vez por semana. Ao longo das 8 semanas, totalizaram-se 10 notas de campo¹⁵ (7 antes da reestruturação do espaço da casinha e 3 no decorrer na reestruturação), ocorreram 2 conversas com o grupo de

¹⁴ As preparações para a época natalina alteraram bastante os planos e, por isso, em vez que um lanche partilhado foi possível a realização de uma proposta natalina na qual foram oferecidas bolachas feitas pelas crianças às famílias com um texto de despedida e agradecimento pelo apoio e disponibilidade durante todo o momento de PP e em específico na construção do portfólio do grupo e de brinquedos para a casinha. As preparações para época natalina alteraram bastante os planos e por isso em vez que um lanche partilhado foi possível a realização de uma proposta natalina da qual foram oferecidas bolachas feitas pelas crianças às famílias com um texto de despedida e agradecimento pelo apoio e disponibilidade durante todo o momento de PP e em específico na construção do portfólio do grupo e de brinquedos para a casinha.

¹⁵ Ver apêndice 15.

crianças¹⁶ (no dia 13 de novembro de 2024 e nos dias 18 e 19 de dezembro de 2024) e 1 entrevista à educadora cooperante¹⁷ (nos dias 11 e 13 de novembro de 2014), em vez de duas, por falta de tempo. Na semana correspondente aos dias 2, 3 e 4 de dezembro de 2024, o grupo de crianças levou para casa uma contextualização da reestruturação do espaço da casinha com uma lista de brinquedos que pudessem trazer de casa¹⁸. Seguidamente, à contextualização iniciou-se a reestruturação ao espaço da casinha até ao penúltimo dia da PP (dia 18 de dezembro de 2024).

2.7.2 Proposta de reestruturação da área da casinha

A reestruturação da área da casinha iria trazer muitas mudanças, pois os móveis mudariam completamente de sítio e toda a área da cozinha seria levada para o espaço da garagem e a garagem para o espaço da casinha. Esta sugestão de melhoria mediante da troca dos espaços foi dada pelo grupo de crianças:

“GR: E se quisermos trocar a casinha para pôr noutro sítio? Investigadora: A casinha por outro sítio? Que outro sítio? VC: Assim. Esta parte fica no mesmo sítio e esta parte para ali e agora a garagem vem para aqui. (gesticulou a troca de espaços da casinha com a garagem) GR: Sim, a garagem para ali.” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 13/11/2024).

Esta sugestão foi também compreendida pela educadora e pela investigadora, como uma ideia possível de ser concretizada, isto porque, era possível que a casinha ganhasse mais espaço nessa nova localização e por que a casinha já esteve nesse sítio há alguns anos, segundo a educadora:

“Educadora: (...) Este espaço já esteve em vários espaços. Não foi sempre ali, ele já esteve no sítio onde agora é o acolhimento, já esteve ali, já este onde é a garagem.” (Entrevista à educadora, Bloco C, 11/11/2024).

¹⁶ Ver apêndices 11, 12, 13 e 14.

¹⁷ Ver apêndices 9 e 10.

¹⁸ Ver apêndice 16 e 17.

Nesta alteração apenas o móvel de jogos que dividia as 2 áreas ficaria no mesmo sítio, no entanto, seria virado ao contrário estando os jogos voltados para o antigo espaço da casinha e novo espaço da garagem.

No novo espaço da casinha a investigadora pensou em retirar 2 dos móveis utilizados para arrumar brinquedos dentro pelas crianças, na hora de arrumar. A retirada dos móveis seria uma forma de ganhar mais espaço para que as crianças se conseguissem movimentar melhor no espaço.

A falta de espaço era um dos grandes problemas na disposição da casinha, como algumas observações refletiam:

“A SS foi ajudar o VC nas obras e quase caiu de cima de um banco ao deslocar-se para lá por falta de espaço para passar.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 5/11/2024)

“A MN quis sair com o carrinho dos bebés e um bebé, mas devido aos móveis estarem tão próximos esta pediu ajuda para conseguir levar o bebé para o tapete da sala.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 25/11/2024).

Os móveis retirados seriam a cómoda das roupas e a máquina de lavar a roupa. A cómoda retirar-se-ia do espaço, por não ser usada pelo grupo, ao contrário do armário das roupas. Muitas das roupas existentes tanto no armário, como na cómoda não eram utilizadas, por isso, o melhor seria retirar a cómoda assim como algumas roupas para libertar espaço, o que poderia ainda possibilitar a vinda de brinquedos para o espaço da casinha, mais significativos para as crianças. Tanto a cómoda como o armário serviam também de bancada para a colocação de alguns acessórios e malas, no entanto, algumas das malas e acessórios poderiam ser guardados tanto no interior, como serem arrumados por cima do armário. A máquina de lavar roupa seria retirada pelos mesmos motivos da cómoda.

No armário das roupas, pretendia-se colocar por cima os 3 chapéus existentes no espaço, a mala de primeiros socorros (1) e a mala de maquilhagem (1). A segunda e última mala de primeiros socorros seria doada. Os primeiros socorros não possuíam materiais, então a ideia seria a investigadora trazer de casa e pedir a ajuda das famílias para completar a mesma. As malas em tecido e verga manter-se-iam e poderiam ser colocadas no interior do armário, assim como as caixas com os acessórios (anéis, pulseiras, colares

e óculos de sol). Pendurados nos cabides passariam a estar 2 casacos, a bata de médico (1) e mais 2 a 3 fardas de trabalho. Como os cabides eram poucos seriam doados mais alguns à sala, pela investigadora. Na gaveta de baixo do armário seriam colocadas algumas roupas de adulto e algumas roupas de bebé. Por sua vez, os sapatos que anteriormente estavam nesta gaveta sairiam de lá para doação.

Ao lado do armário das roupas reservar-se-ia um espaço para colocar 1 sofá que foi pedido pelo grupo de crianças, que seria pedido à sala do lado, por sugestão da educadora cooperante:

“Educadora: (...) Eles falaram no sofá, eu não tenho o sofá. Agora imagina, na sala do lado há um sofá. Podemos perguntar aos meninos daquela sala se emprestam o sofá por uns tempos. Só por uns tempos depois nós devolvemos.” (Entrevista à educadora, Bloco F, 13/11/2024).

A alcofa de passeio não sofreria qualquer alteração e ficaria arrumada, junto ao sofá.

Na parede junto à janela ficaria a cama dos bebés, o lava-loiças e o suporte de utensílios de limpeza. Para a cama pretendia-se perguntar às famílias se teriam 1 muda-fraldas que pudessem trazer para ficar na cama dos bebés, que o grupo já tinha demonstrado querer mudar as fraldas aos bebés:

“(...) o AS simulou mudar a fralda do bebé e o GR sentiu-se tentado a fazer o mesmo.” (Nota de campo, Descrição da observação, 12/11/2024).

O lava-loiças manter-se-ia da mesma forma, no entanto, incluiria 1 caixote do lixo preso à porta e ganharia 1 esponja, 1 embalagem de detergente loiça (vazia) e 1 avental para ser arrumado dentro da gaveta. O suporte de utensílios de limpeza teria mais dois brinquedos a mais, 1 balde para a esfregona e um aspirador, uma vez que as crianças demonstram gostarem bastante de limpar o chão.

Encostado à seguinte e última parede, ficaria o fogão e o armário das loiças. O fogão manter-se-ia da forma como estava, mas o armário ao seu lado sofreria algumas mudanças no que toca às peças que guardava. No armário ficaria apenas a luva, a pega, o escorredor da loiça e o porta-talheres, as restantes loiças seriam substituídas. Os tachos e frigideiras seriam substituídos por outros em metal com tampa. Tal como os talheres, os pratos, as

tigelas e o serviço de chá seriam em cerâmica e os copos de plástico, no entanto semelhantes ao real, como a educadora cooperante referiu ter gostado na infância:

“Educadora: (...) eu lembro-me de ter os mesmos 6 ou 7 anos e ter dito que queria que o Pai Natal me oferecesse um conjunto de panelas de alumínio. Não queria de plástico, queria de alumínio para serem iguais às da minha mãe (...)” (Entrevista à educadora, Bloco B, 11/11/2024).

No armário das loiças foi construído um frigorífico, pois foram pedidas fotografias do seu espaço preferido na cozinha de cada criança e as fotografias mais tiradas foram as de frigoríficos.

“Educadora: Oh Ana, o que é que achas de eles fazerem um vídeo ou fotografias da cozinha deles?” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 13/11/2024),

De forma a que o frigorífico não ocupasse muito mais espaço, em conjunto com a educadora, pensou-se na adaptação das portas do armário das loiças para um frigorífico cobrindo as portas com cartolina.



Figura 8- Fotografia do frigorífico do DO



Figura 9- Fotografia do frigorífico da FP



Figura 10- Fotografia do frigorífico do SC



Figura 11- Fotografia do frigorífico da IT

Por último, no centro da casinha ficaria a mesa e os bancos com aquilo que já tinha e a tábua de engomar e o ferro seriam os mesmos e não sofreriam quaisquer alterações¹⁹.

De um modo geral o grupo tinha bastante dificuldade em conseguir arrumar todo o espaço da casinha, como confirma o seguinte diálogo:

“LA: Não gosto que deixem a casinha toda desarrumada. VC: Eu também não gosto. DO: E eu também não. Investigadora: Então se calhar a casinha também tem muitas coisas e os meninos também não sabem tomar conta de tantas coisas. CR: Todas sim. VC: Não, todas não só algumas. Auxiliar: Eu acho que há uma coisa que os meninos também não sabem fazer. Mesmo que arrumem, não sabem arrumar as coisas. Olhem...por exemplo, às vezes vou dar com... Educadora: Há aqui meninos que poem os filhos no forno.” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 3, 13/11/2024)

No entanto, uma das crianças teve uma ideia para solucionar este problema que foi colocada em prática no último dia de observações no espaço da casinha, quando a reestruturação ficou concluída:

“MN: podemos tirar fotografias às coisas e depois pomos na parede onde estão as coisas e depois quando desarrumamos pomos as coisas onde estão as fotografias.” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 13/11/2024),

Tendo em conta a importância de reajustar o espaço de forma gradual, segundo Marchão e Henriques (2017), a reestruturação iniciou-se à medida que os brinquedos eram trazidos para a sala. A construção do novo frigorífico e a colocação de imagens de auxílio à arrumação da casinha, foram colocadas em prática.

Os eletrodomésticos (micro-ondas e aspirador) foram trazidos pela investigadora, assim como utensílios de cozinha e alguns materiais de primeiros socorros. Certos objetos já pertencentes ao espaço continuaram a fazer parte do mesmo e outros novos foram emprestados da sala ao lado (sofá) e trazidos pelas famílias, como materiais de primeiros

¹⁹ Ver a figura 12 com o primeiro esquema da planta do espaço e a figura 13 para a proposta de planta

socorros, caixas e embalagens vazias, comidas, utensílios de cozinha (tachos e formas), 1 muda-fraldas e alguns fatos militares (de um pai que exercia a profissão). A contabilização de todos os objetos que o espaço da casinha continha foram registados, assim como, os objetos que foram incluídos depois da conclusão dos reajustes, no sentido de melhor se compreender as mudanças que ocorreram no espaço²⁰.

Todas estas alterações implicaram a aquisição de novos brinquedos, mas também de alguns usados ou reciclados, de forma a aproveitar ao máximo recursos que poderiam ir para o lixo e que têm bastantes potencialidades. De forma a evitar grandes gastos monetários, contribuindo para um mundo mais sustentável e unido. Para além da requisição de brinquedos, dois móveis não foram aproveitados, no entanto, tendo por base também a sustentabilidade, pensou que estes brinquedos, pudessem ser oferecidos às duas restantes salas ou doados às famílias que os quisessem ou precisassem deles. Outras possibilidades seriam levar os móveis para o exterior para que todos pudessem brincar com eles no parque, guardá-los em alguma arrecadação ou ainda descartá-los devidamente na reciclagem em último caso. Por sua vez, as loiças retiradas do espaço poderiam ainda ser incluídas nos brinquedos para uso no exterior como os baldes e pás para brincadeiras nas caixas de areia da instituição.

Posto isto, segue-se então a planta do espaço da casinha inicial e a proposta de planta posterior, de forma a melhor compreender a sugestão inicial de reajuste das áreas. No entanto, existiu uma alteração, pois na figura 13 o sofá (2) e a tábua e ferro de passar a roupa (10) trocaram de lugar devido ao facto de o sofá era demasiado grande para ficar na posição inicial (entre o armário das roupas (1) e a alcofa de passeio (3)).

²⁰ Estes levantamentos/inventários podem encontrar-se nos apêndices 7 e 18.

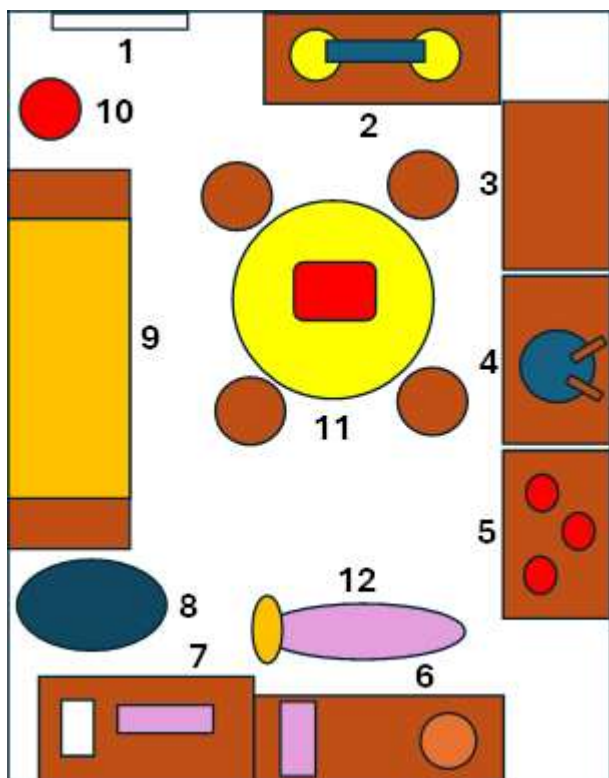


Figura 12- Planta do espaço da casinha

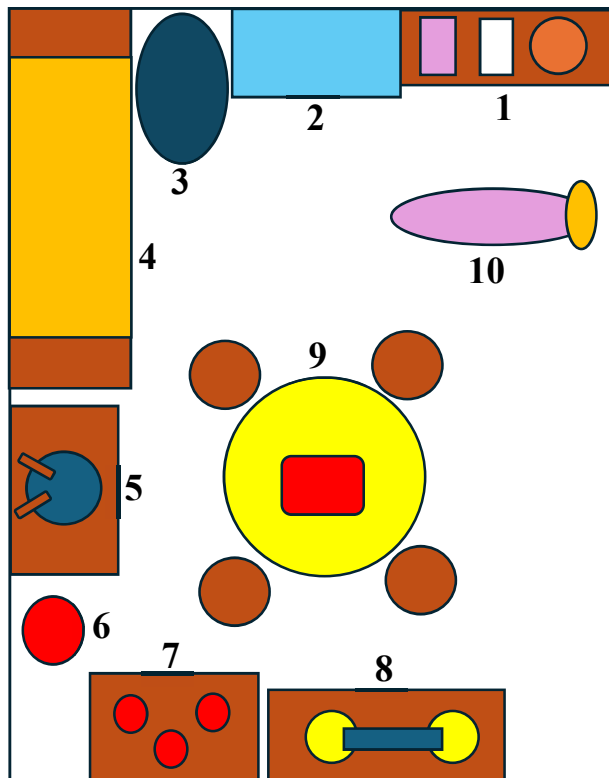


Figura 13- Proposta de planta do espaço da casinha

Legenda:

- 1- Porta de acesso a outra sala;
- 2- Armário de Loiças;
- 3- Máquina de lavar a roupa;
- 4- Lava-loiças e armário;
- 5- Fogão com forno;
- 6- Cômoda de roupa;
- 7- Armário de roupas;
- 8- Alcofa de passeio para bebês;
- 9- Cama de bebês;
- 10- Utensílios de limpeza;
- 11- Mesa e respetivos bancos;
- 12- Tábua e ferro de engomar.

Legenda:

- 1- Armário das roupas;
- 2- Sofá;
- 3- Alcofa de passeio;
- 4- Cama;
- 5- Lava-loiças;
- 6- Suporte de utensílios de limpeza;
- 7- Fogão com forno;
- 8- Armário de Loiças e frigorífico;
- 9- Mesa e bancos;
- 10- Tábua e ferro de passar a roupa.

Para além de alterações materiais ao espaço da casinha, na primeira conversa o grupo de crianças mencionou duas modificações necessárias à melhoria do espaço que teria de partir deles, como:

“SS: Não gosto quando fazem barulho na casinha. Educadora: MN o que é que tu não gostas de fazer aqui? Eu sei que tu gostas muito da casinha, mas há uma coisa que tu não gostas. MN: Que eles façam muito barulho com as coisas. Educadora: Mas não é isso. Tu às vezes ficas triste quando todos vão embora daqui e deixam isto...como? Depois quem é que tem de arrumar? A MN fica triste porque todos desarrumam e depois ela fica a arrumar. CV: Como a VD ontem. A VD ontem...ela estava a arrumar...na casinha sozinha a arrumar e a casinha toda sozinha. VC: Eu sei. Não gosto que eles partem a casinha.” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 3, 13/11/2024).

Estes diálogos consciencializaram todo o grupo para o cuidado com os brinquedos e respeito por todos e foram reforçados pela investigadora durante os períodos de observação, de forma que o grupo não se esquecesse daquilo que foi discutido.

Para finalizar, seria importante mencionar que alguns brinquedos foram retirados do espaço da casinha. O caixote do lixo não pôde fazer parte da constituição do espaço por limitar a movimentação na área e as loiças em cerâmica também não, pois eram feitas de um material facilmente quebrável o que não era permitido pela instituição onde foi realizada a PP- JI II. O armário de roupas para além de albergar de forma organizada as roupas permitiu arrumar acessórios variados (anéis, pulseiras, óculos de sol e entre outros). Os móveis retirados do espaço da casinha foram colocados em dois cantos da sala e reaproveitados para arrumação de brinquedos e materiais.

2.7.3 Plano após a reestruturação do espaço da casinha

A conclusão da PP-JI II correspondeu ao término da reestruturação do espaço da casinha e das notas de campo que se realizavam com a permanências das crianças no espaço da casinha. Os dados recolhidos ao longo da PP foram interpretados, apresentados e discutidos de forma a responder à questão de partida.

CAPÍTULO 3- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo 3 constam os resultados desta investigação, tendo por base os dados recolhidos ao longo da PP-JI II no ano letivo de 2024/2025. Este capítulo foi organizado da seguinte forma: i) conceções sobre o brincar na casinha na perspetiva das crianças e da educadora cooperante; ii) brincadeiras e os brinquedos do espaço da casinha, antes da reestruturação do espaço; iii) voz das crianças na reestruturação do espaço da casinha; iv) mudanças-chave nas brincadeiras e brinquedos do espaço da casinha, após a reestruturação do espaço; e v) mudanças-chave no espaço da casinha na voz dos participantes do estudo.

3.1 CONCEÇÕES SOBRE O BRINCAR NA CASINHA

3.1.1 Perspetiva das crianças sobre o brincar na casinha

Na conversa inicial com o grupo de crianças para a reestruturação do espaço da casinha, foi questionado o grupo se gostavam de brincar na casinha e algumas crianças mencionaram o que gostavam de fazer na casinha: “VC: *Eu gosto de limpar! (...)* LA: *Gosto de fazer a cama! (...)* GR: *(fez o gesto de quem passa batom) (...)* DO: *Cozinhar.*” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 1, 13/11/2024). Ao analisar-se os diálogos da conversa com o grupo de crianças foi possível perceber que as crianças se identificavam com brincadeiras que estavam relacionadas com tarefas domésticas, nomeadamente, tarefas de limpeza e confeção de refeições. Os diálogos estabelecidos permitiram às crianças; refletir sobre situações em que o faz-de-conta estava presente, quando referiram que podiam-se queimar com comida de brincar:

*“Investigadora: Gostas de cozinhar? E tu utilizas o quê? Que tu disseste? O que é que pões na mão quando vais cozinhar? DO: *A luva.* Investigadora: *Ele gosta de usar a luva para proteger-se.* Educadora: *Porque é isso que a mãe faz, não é DO?* AS: *Para não queimar a mão.* VC: *Eu não encosto na comida. Ai, ai ai (fez expressão de dor) queimo-me todo (risos).*” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 1, 13/11/2024).*

Como forma de se compreender que alterações poderiam ser feitas ao espaço da casinha, questionou-se o grupo de crianças sobre a existência de alguma coisa que não gostassem na casinha e sobre o que gostariam de ter na casinha. As respostas tornaram claras as intenções de fazer do espaço da casinha um lugar pacífico e cuidado:

“SS: Não gosto quando fazem barulho na casinha. Educadora: MN o que é que tu não gostas de fazer aqui? Eu sei que tu gostas muito da casinha, mas há uma coisa que tu não gostas. MN: Que eles façam muito barulho com as coisas. Educadora: Mas não é isso. Tu às vezes ficas triste quando todos vão embora daqui e deixam isto...como? Depois quem é que tem de arrumar? A MN fica triste porque todos desarrumam e depois ela fica a arrumar. CV: Como a VD ontem. A VD ontem...ela estava a arrumar...na casinha sozinha a arrumar e a casinha toda sozinha. VC: Eu sei. Não gosto que eles partem a casinha.” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 3, 13/11/2024).

3.1.2 A perspetiva da educadora cooperante acerca do brincar na casinha

No início da entrevista à educadora cooperante, esta referiu que na sua infância não havia um espaço da casinha, mas que realizou brincadeiras de faz-de-conta interpretando o papel da sua mãe na cozinha a confeccionar refeições. Os brinquedos que a educadora utilizava para brincar eram objetos reutilizáveis que com a imaginação se transformavam em panelas:

“(...) Eu não tinha uma casinha, mas o que eu me lembro é quando a minha mãe estava a fazer o almoço por exemplo e eu tinha umas loucinhas não é uns brinquedos eu fazia também o almoço com a minha mãe, ou seja, ela dava-me as cascas das cenouras da batata e eu fazia os meus cozinhados para as bonecas. Eu não era propriamente...para já, eu não tinha as condições que têm os meninos agora que têm tudo e mais alguma coisa, não é? E às vezes uma caixa de manteiga da flora, (aquelas coisas), ou um pauzinho servia para ser a panela e fingir que estava no fogão a cozinhar, portanto lembro-me de fazer cozinhados.” (Entrevista à educadora, Bloco B, 11/11/2024).

Os objetos reutilizáveis permitiam também à educadora realizar o jogo simbólico pela venda de alimentos pelas crianças, recorrendo a diálogos que representavam situações reais presenciadas pela educadora em criança:

“Olha brinquei aos talhos, não é bem a cozinha (...) mas, é o jogo simbólico na mesma em que os cartões, cortávamos cartões e isto é bifês, isto é frango, isto é peru e ...Ó minha Senhora o que é que você quer para o seu almoço (não sei quê). Coisas assim do género do jogo simbólico.” (Entrevista à educadora, Bloco B, 11/11/2024).

Ao relembrar tempos passados a educadora referiu que realizava diversas brincadeiras que remetiam para o espaço da casinha e que por vezes não estava sozinha:

“(...) lembro-me de juntar as minhas bonecas todas e ensinar-lhes canções, portanto dentro do espaço da casinha eu brinquei muita coisa. (...)” (Entrevista à educadora, Bloco B, 11/11/2024).

Por vezes a educadora cooperante *“(...) brincava às vezes com as vizinhas, brincava com as vizinhas às casinhas, com bonecas.”* (Entrevista à educadora, Bloco B, 11/11/2024)

Nessas brincadeiras prestava cuidados às bonecas e definia papéis:

“Educadora: ... Dar banho aos filhos, ensinar canções aos filhos, contar histórias aos filhos... Agora eu era o pai, agora eu era a mãe e eu agora era a tia ou então às vezes... tinha lá uma vizinha que era a Maria, normalmente ela era a tia que vinha visitar-nos, pronto é assim.” (Entrevista à educadora, Bloco B, 11/11/2024).

Durante a entrevista à educadora cooperante, a mesma referiu que o brincar na casinha proporciona momentos em que as crianças brincam ao faz-de-conta/jogo simbólico, quando as crianças representam papéis familiares:

“Educadora: (...) Eles ali (espaço da casinha) vão fazer o jogo simbólico. “Agora eu sou a mãe!”, “Agora eu sou o pai!” (exemplos práticos dados pela educadora). Ora, eles estão a reviver as suas experiências, as suas experiências familiares. Eles estão... lá está, ali está todo o jogo simbólico, portanto eles estão a fazer de conta que “Agora eu era a mãe!”, “Agora tu eras o filho!”, “Agora tu eras o pai!”. Eles estão a viver e isto é crescer, por que eles estão a... como é que te hei de explicar.... Estão a viver aquilo que é a sua experiência pessoal, não é? Eles não podem fazer ali coisas que eles não conheçam da sua vida pessoal, não é? E o que é que as crianças desta idade mais conhecem? O seu ambiente familiar, não é? A sua casa, a sua família.” (Entrevista à educadora, Bloco E, 11/11/2024).

Silva et al. (2016) e Neto (2020) partilham de uma visão semelhante, uma vez que referem que o faz-de-conta é quando as crianças assumem papéis de outras pessoas ou personagens, o que está relacionado com o jogo simbólico quando a representação reflete experiências vividas pelas crianças.

3.2 AS BRINCADEIRAS E OS BRINQUEDOS DO ESPAÇO DA CASINHA

Através das notas de campo, foi possível compreender algumas das brincadeiras e brinquedos do espaço da casinha antes da reestruturação do espaço.

No canto destinado à cozinha ocorria a confecção e o serviço de refeições às crianças e aos adultos. O diálogo que se segue menciona um momento em que o canto da cozinha é ocupado por crianças que iniciaram a preparação de refeições à investigadora e a uma outra criança:

“Quando chegaram à área da casinha foram logo em direção às frutas vegetais para preparar refeições para a investigadora que disse que queria brincar com elas, e posteriormente também confeccionaram refeições para a MA. A IS fez uma sopa à investigadora com uma folha de alface tomate e mais alguns condimentos e até algumas frutas. A LL também ofereceu sopa, especificando que era de legumes (feita com colares de pérolas, cerejas e morangos). A certa altura já estavam quase todas a preparar refeições para investigadora e para a MA.” (Nota de campo, Descrição da observação, 28/10/2024).

Neste tipo de brincadeira foram usados utensílios da cozinha e os alimentos de plástico (frutas e vegetais), sendo que por vezes também se encontravam acessórios de bijuteria nos pratos, como ingredientes:

“A MN afirmou que a comida já estava pronta, uma salada composta por vegetais e um colar a fazer de esparguete.” (Nota de campo, Descrição da observação, 25/11/2024).

A fala acima mencionada, ocorreu após a criança IT, que já estava a cozinhar, ter perguntado à investigadora o que queria comer, usando um discurso formal:

“A IT voltou a perguntar o que é que a investigadora iria querer comer usando um discurso formal: “O que quer comer?” (Nota de campo, Descrição da observação, 25/11/2024).

Na sala o tratamento no dia-a-dia de adulto-criança e criança-criança não era formal, no entanto, a IT recorreu à linguagem oral e à socialização para fazer uma pergunta à investigadora (Neto & Lopes, 2023). A fala surgiu da representação da criança de um

discurso formal real de um adulto, uma vez que as crianças representam o real ao imitarem os adultos e, como consequência, são realizadas aprendizagens (Neto, 2020).

As brincadeiras relacionadas a tarefas doméstica dentro da sala, para além de proporcionarem momentos de satisfação através da dramatização de diversos papéis (escolhidos pelas crianças), promoveram ainda o contacto entre os papéis, e consequentemente o entendimento do mundo social realista (Spodek & Saracho, 1998). Como ocorreu na área da casinha, num dos muitos momentos de limpeza do espaço, em que uma criança a limpar o chão com uma vassoura despertou o interesse de duas outras crianças, por essa ação. Momentos depois todos queriam usar o mesmo brinquedo, mas a situação ficou resolvida quando acordaram utilizar brinquedos diferentes, para limpar o espaço do tapete da sala e distribuíram tarefas:

“(...) o PS começou a limpar o chão com uma vassoura. Vendo isto, o DO e o SC viram-se motivados para limpar também e desentenderam-se por que queriam os dois a esfregona. O PS emprestou a vassoura ao SC e foi buscar uma escova, começando os três a limpar. (...) O PS ao limpar a casinha colocou-se até de joelhos para limpar por baixo da cama dos bebés. O SC organizou a mala das maquilhagens enquanto o DO limpava o espaço com a esfregona e o PS varria o tapete.” (Nota de campo, Descrição da observação, 11/11/2024).

“No tapete, continuaram a limpar o chão com a esfregona, vassoura e escova, levantaram os bancos, esfregaram o chão de joelhos por de baixo das cadeiras (do adulto e do chefe do dia), limparam os bancos por cima, o quadro de giz e os calendários de registo, dizendo que estava tudo muito sujo. Os três (SC, PS e LA) foram capazes de dividir tarefas pois, o PS referiu que não queria ninguém a limpar o seu espaço, no entanto partilharam os utensílios de limpeza sempre que necessário. Para além do trabalho de equipa, motivaram-se também uns aos outros para limpar tudo.” (Nota de campo, Descrição da observação, 11/11/2024).

À semelhança da realização de tarefas, realizou-se uma brincadeira que consistia no conserto de bancadas, do fogão e do chão da casinha, por uma criança que se dirigiu: *“à mesa central e foi buscar um talher, fingindo reparar as bancadas com este.”* (Nota de campo, Descrição da observação, 5/11/2024), e depois *“O VC deixou de arranjar o fogão para se dirigir para o chão para o arranjar, chamando o LA para o ajudar, ao que este*

ainda embala uma última vez a bebê antes de ir. Ao ver a bebê sozinha a SS foi acomodá-la e arrumou os restantes bebês de plásticos que estavam no chão caídos (...) A bebê acordou e começou a pedir comida à SS que a serviu (...)” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 5/11/2024). *“O VC e o LA eram amigos que gostavam bastante de brincar juntos, no entanto, o LA deixou a bebê para ajudar o VC, e a SS assumiu a responsabilidade de a cuidar durante a ausência do LA, pois ao brincar as crianças vão adquirindo noções de responsabilidade e criando laços de amizade”* (Silva et al., 2016; Neto & Lopes, 2023).

Nos momentos de conserto (obras) da casinha, existiram ainda demonstrações de afeto para com uma criança que representava o papel de um bebê. As brincadeiras de faz-de-conta permitem às crianças a exploração de sentimentos, presentes em situações do dia-a-dia, ainda que de forma inocente, tal como os adultos lhes permitem ter acesso (Neto, 2020; Silva, 2017).

Outra situação em que as crianças representaram ter um trabalho foi quando duas crianças vestiram o papel de médicas e deram uma vacina, que no entender delas, é o procedimento para tratar gripes:

“(...) o VC e o LA procuravam os utensílios dos médicos e o DS deitava-se na cama dos bebês inquieto e a participar na discussão que terminou com “Eu ia dar a vacina ao DS. Era vacina da gripe.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 11/11/2024).

Em seguida a brincadeira dos médicos, teve o caso de um braço partido em que a criança que era o paciente colocou o braço num colar afirmando tê-lo partido. Os médicos que atenderam o paciente foram duas crianças que entraram na personagem e com uma pinça realizaram os tratamentos e com a ajuda de um garfo simularam a colocação de gesso no braço do paciente:

“A certa altura o LA pegou num colar que chamou à atenção do VC que se aproximou e pegou no colar para si, colocou-o ao pescoço e disse ter o braço partido e tanto o DS como o LA colocaram óculos escuros e disseram que seriam os médicos e começaram os dois a tratar do VC com uma pinça. O VC no final do tratamento colocou um garfo na manga do bibe como se fosse o gesso” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 11/11/2024).

O último caso médico foi quando uma criança se deitou na cama dos bebês e os médicos foram ver se esta tinha febre, ao colocarem-lhe as mãos na testa:

“Mais tarde o LA deitou-se na cama fingindo ser um bebé, enquanto o DS e o VC foram ver se ele estava bem, colocando a mão na sua testa” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 11/11/2024).

Nas brincadeiras em que as crianças fingem terem um emprego está presente o jogo dramático de realidades distintas, porque através da socialização, cada criança irá ter acesso a diversas realidades (Spodek & Saracho, 1998).

Para além das crianças simularem estarem empregadas, as crianças também realizaram explorações de brinquedos que permitiram a observação e manipulação dos mesmos:

“Durante o momento em que algumas crianças estavam de pé a receber indicações para onde cada um ia. A VD dirigiu-se para o espaço de casinha. Ficou durante algum tempo a observar tudo ao seu redor levantou alguns objetos para ter acesso à caixa onde estavam os óculos tirou uns e levou-os até ao lava-loiças. Enquanto voltava para a caixa de óculos observou um pouco mais o espaço e foi buscar alguns acessórios para juntar ao que já tinha levado para o lava-loiça e saiu do espaço porque foi-lhe atribuída uma tarefa” (Nota de campo, Descrição da observação, 30/10/2024).

As últimas brincadeiras registadas no espaço da casinha, antes da reestruturação do espaço foram brincadeiras em que as crianças diziam serem os ricos e os maus. Nos exemplos que se seguem, as crianças estavam a brincar aos ricos ao exibirem joias, enquanto conversavam sobre anéis serem tanto para mulheres como para homens e brincaram aos maus quando prepararam veneno e “picassão”:

“O SC ao regressar colocou vários anéis nos dedos e afirmou ao PS que estava rico por possuir anéis. Em seguida todo o grupo saiu do espaço para ver as fotografias e só o PS e o SC ficaram para procurar mais anéis para eles, afirmando que alguns são de menina e que esses ele não queria, só queria os de rapazes por que só podia usar esses.” (Nota de campo, Descrição da observação, 11/11/2024).

“Os anéis também são para os meninos! Com isto tudo para nós, vamos ser ricos.”
(Nota de campo, Complemento com vídeo, 11/11/2024).

“No entanto, o SC chegou à conclusão que o melhor para ser rico seria ele e o PS ficarem com tudo para eles e apoderarem-se de tudo, começando a colocar vários acessórios em si e a rir dizendo que são irmãos.” (Nota de campo, Descrição da observação, 11/11/2024).

“O KS e o SC juntaram alguns boiões dos médicos num tacho ao lume e o SC disse: “Somos os maus. Estamos a preparar veneno e “picassão”. Em seguida, os dois pegaram em algumas joias e óculos e levaram os objetos para perto da porta de acesso à sala do lado e o KS refere, após a investigadora perguntar o que é que estavam a fazer os ricos que: “Somos ladrões.”” (Nota de campo, Descrição da observação, 25/11/2024).

Os brinquedos usados nas brincadeiras estavam relacionados com as brincadeiras. Os bebés de plástico, a cama dos bebés e a alfofa de passeio, permitiam às crianças brincarem às mães e aos pais, e nesses instantes os bebés eram os filhos, que por vezes foram embalados e levados a passear na alfofa de passeio. Estes cuidados que eram tidos com os bebés demonstraram os conhecimentos que as crianças tinham dos cuidados a ter com os bebés, assim como demonstraram a noção que as crianças tinham das necessidades dos mesmos, de responsabilidade, de empatia (no tratamento de feridas, por exemplo) e paciência com os mais novos (jogo dramático/birras), quando os bebés eram ainda representados por outras crianças (Neto, 2020; Neto & Lopes, 2023; Silva et al., 2016).

Os brinquedos podem ser o que as crianças quiserem “uma boneca pode representar um bebé, uma vassoura pode ser um cavalo ou um pedaço de mangueira pode ser uma bomba de gasolina.” (Oliveira-Formosinho & Andrade, 2011; Spodek & Saracho, 1998, p. 221).

Assim como os bonecos de plástico foram bebés, os acessórios transformaram-se em joias preciosas e uma vassoura foi uma arma e uma guitarra. “(...) a CV insistiu que a CR não podia ser a bebé: “Ela não é a bebé, ele é que é (bebé de plástico do qual ela agarrou, assim que entrou e ficou a mexer-lhe nas orelhas). Ela é a irmã mais velha. Não vou brincar com ela”.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 5/11/2024).

Nestes exemplos em que objetos foram usados com propósitos diferentes daqueles para os quais foram criados, está presente o jogo dramático, uma vez que as pessoas

envolvidas nas brincadeiras, e os objetos, podem desempenhar papéis (Spodek & Saracho, 1998). Como o boneco de plástico que foi encarado por uma criança como um bebê.

A utilização de óculos de sol, chapéus de palha, algumas pulseiras e anéis em plástico e metal estiveram presentes em muitas das brincadeiras que remetiam para a representação pelas crianças de papéis de cozinheiras. Por vezes, os chapéus foram também observados em momentos em que as crianças preparavam refeições e quando saíam do espaço da casinha para passear os bebês.

3.3 A VOZ DAS CRIANÇAS NA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO DA CASINHA

A conversa com o grupo de crianças para a reestruturação do espaço da casinha, permitiu descobrir se existia algo que elas não gostavam na casinha, e o que é que gostavam de ter na casinha.

Primeiramente, uma criança fez uma pergunta, que foi levada a cabo pela investigadora com o intuito de fazer do espaço da casinha um lugar adequado, interessante e desafiador para aquele grupo de crianças, no momento em específico em que decorria o estudo (Horn, 2017; Silva et al., 2016). A pergunta foi feita com alguma cautela, e consistia na troca do espaço da casinha pelo espaço da garagem:

“GR: E se quisermos trocar a casinha para pôr noutro sítio? Investigadora: A casinha por outro sítio? Que outro sítio? VC: Assim. Esta parte fica no mesmo sítio e esta parte para ali e agora a garagem vem para aqui. (gesticulou a troca de espaços da casinha com a garagem) GR: Sim, a garagem para ali.” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 13/11/2024).

Outras ideias surgiram e foram consideradas. Uma das ideias implicava tirar fotografias ao espaço da casinha organizado, para que no final das brincadeiras no espaço, as crianças soubessem onde arrumar cada objeto:

“MN: podemos tirar fotografias às coisas e depois pomos na parede onde estão as coisas e depois quando desarrumamos pomos as coisas onde estão as fotografias.” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 13/11/2024)

Como forma de ajudar as crianças a pensarem em mais ideias para a reestruturação do espaço da casinha a investigadora perguntou:

“Vocês em casa têm coisas parecidas com o que têm cá na casinha. Vocês devem ter uma cozinha a sério, pelo menos, não é? Guarda-roupas, sapatos... Há alguma coisa em casa que gostassem de ter aqui na escola, por exemplo? Alguma coisa que a mãe tem na cozinha, por exemplo, ou o pai, a família, por exemplo?” (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 13/11/2024).

E as crianças partilharam ideias, que foram tidas em consideração na reestruturação do espaço, a saber:

“MN: Queria que a casinha tivesse um sofá. VC: Comprar coisas novas. (...) KS: Cuidar dos brinquedos. (...) VC: E agora que não estraguem os brinquedos por que não temos dinheiro. (...) (Conversa informal com o grupo de crianças para reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 13/11/2024)

3.4 MUDANÇAS-CHAVE NO ESPAÇO DA CASINHA

Ao longo de três semanas (de dia 3 a 18 de dezembro) foi realizada a reestruturação do espaço da casinha e durante esse período foram observadas e registadas mudanças-chave no espaço.

No primeiro dia de reestruturação do espaço da casinha foi vivida uma brincadeira que promoveu a relação entre crianças e educador, o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais (Silva et al., 2016). A investigadora participou numa refeição com as crianças, sentando-se com as mesmas na mesa da cozinha pela primeira vez, devido à maior amplitude do espaço interior da casinha:

“A IS entrou na casinha e preparou a mesa de atividades para todos comerem, sendo que o primeiro prato foi para a estudante e depois para os restantes meninos. (...) Depois de comer o DO refere: “Já acabei de comer, vou comer a sobremesa. Banana!” Ao ouvir isso a IS ofereceu uma laranja à investigadora e foi lavar a loiça” (Nota de campo, Descrição da observação, 3/12/2024).

Após a IS ter lavado a loiça, foi dar banho a um boneco de plástico no lava-loiça e esse foi um ato de higiene que nunca tinha ocorrido antes. Os objetos usados durante o banho eram novos objetos no espaço da casinha, como uma embalagem de detergente da loiça:

“(...) o FR assistia a IS a dar banho a um bebé com detergente da loiça, no lava-loiça usando um prato como se fosse uma esponja.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 3/12/2024).

Nesse mesmo dia as crianças assumiram ter um emprego, pela primeira vez no espaço da garagem/construções. De início, três crianças entraram no espaço da casinha, a referir que papéis iriam desempenhar ao longo da brincadeira, sendo que duas das crianças saíram do espaço da casinha, afirmando que iam trabalhar no espaço da garagem/construções. A brincadeira envolveu sons semelhantes aos de máquinas, feitos pelas crianças e também envolveu a felicidade de quem estava certo sobre a decisão de ter ido brincar para a casinha, como demonstra o exemplo:

“Ao entrarem na casinha a IS referiu que era a mãe e o FR que era o pai e depois que era o avô, por que quem seria o pai era o DO. Ambos os rapazes discutiram para saber quem é que iria trabalhar e saíram da casinha para a garagem. Nisto a investigadora confrontou-os com o facto de terem dito que queriam ir para a casinha e o FR disse: “Aqui é o trabalho”. (...) Durante algum tempo ouviu-se o som daquilo que parecia uma parafusadora, os dois voltaram para a casinha a dizer e a cantar: “Já trabalhámos! Nós vamos ficar a aqui, na na na na na na! os outros não, na na na na na na.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 3/12/2024).

Na segunda semana da reestruturação do espaço da casinha ocorreu uma situação em que foi possível compreender que as alterações à casinha estavam a ser bem-encaradas pelas crianças da sala, quando

“Ao dar às crianças a possibilidade de irem brincar para a casinha, um grupo foi a correr de felicidade para o espaço. A IT assim que entrou foi explorar a caixa de primeiros socorros, o VC foi-se deitar logo na cama e a VD dirigiu-se juntamente com a MN às panelas grandes para cozinhar algo lá dentro. Um facto importante e curioso que aconteceu foi a IT e o VC que se descalçaram à entrada na casinha. (...) Depois o VC foi brincar com os bebés e tentou vestir um casaco tropa. A VD e a MN agarraram em duas tábuas de corte e a MN perguntou se a VD queria ajuda: “Queres me ajudar?” à VD.” (Nota de campo, Descrição da observação, 10/12/2024).

A vontade de explorar e brincar com tudo o que havia de novo era muito grande e uma nova utilidade não convencional foi dada a uma manta de emergência que passou a

ser uma porta. A manta gerou momentos de interajuda, por se ter tornado numa porta que caía com facilidade. A porta teve de ser levantada algumas vezes, por duas ou mais crianças devido ao tamanho que tinha para fechar totalmente o acesso ao interior do espaço da casinha. Numa das vezes em que a manta foi levantada, uma criança afirmou que iria ser operada e, por isso, o espaço deveria estar fechado para ninguém ver a operação:

“(...) a IT com ajuda do VC esticou uma manta de emergência que encontrou, de um lado ao outro da casinha, fechado o espaço. Ao observar essa situação o VC referiu: “vou ser operado.” (Nota de campo, Descrição da observação, 10/12/2024).

“Isto tem de estar aqui para ninguém ver, por que eu vou ser operado.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 10/12/2024).

Ainda na segunda semana, uma situação demonstrou que as crianças começaram a aperceber-se que a desarrumação incomodava algumas crianças:

“(...) o VC colocou-se em cima da cama dos bebés e disse à IT: “IT faz de conta que eu sou o filho e tu a mãe.”, colocando os bebés de plástico todos no chão, o que deixou a MN confusa e chateada ao observar a cena. O VC então explicou que depois os iria colocar na cama e a MN voltou para a cozinha para ajudar a VD.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 10/12/2024).

Tendo em conta que a reestruturação do espaço foi realizada de forma gradual, como referido anteriormente na investigação, houve objetos novos sempre a entrarem na casinha. Na segunda semana havia mais objetos novos e as crianças foram explorá-los, tais como, uma seringa que estava na caixa de primeiros socorros (que anteriormente estava vazia) e um chapéu de militar encontrado no armário das roupas:

“O VC a IT e a CR foram em seguida explorar a caixa de primeiros socorros e a CR encontrou uma seringa que deixou o VC admirado. Quando a IT viu a seringa foi em direção ao quarto para dar uma injeção ao VC e a CR” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 10/12/2024). “A IT (...) foi explorar o armário das roupas e a certo momento encontrou o chapéu do fato militar e tentou colocar na cabeça do VC (...)” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 10/12/2024).

Os objetos novos eram usados por diversas crianças que, por vezes, os queriam ao mesmo tempo:

“A VD e a MN agarraram em duas tábuas de corte e a MN perguntou se a VD queria ajuda: “Queres me ajudar?” à VD. A CR entrou na casinha e juntou-se à MN a cortar frutas na mesa central. Após terem cortado todos os alimentos que desejavam, a MN foi buscar uma panela e colocaram tudo lá dentro e ao ser isso a VD demonstrou alguma revolta porque queria também uma tábua para si e teve de se contentar com o rolo de massa.” (Nota de campo, Descrição da observação, 10/12/2024).

“A investigadora perguntou à VD o que estava a fazer com o rolo e esta respondeu que nada por que as outras meninas não deixavam, ao ouvir isto a investigadora intercedeu por ela pedindo às restantes amigas que a deixassem brincar com mais coisas.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 10/12/2024).

As tábuas de corte como sendo bens materiais, quem as detinha, tinha-as na sua posse para serem manipuladas, ou seja, tinha a oportunidade de brincar com elas. (Silva, 2017) Num momento de distração a VD perdeu a posse das tábuas de corte, logo ficou momentaneamente privada de usar as mesmas.

A introdução de tábuas de corte, facas de plástico, panelas em metal e de novos alimentos em plástico e cartão, permitiram novas brincadeiras, como o corte de alimentos, esticar massas e preparar refeições maiores. Os materiais que constituíam os objetos eram variados, o que fez com que o grupo compreendesse que o material reciclado podia ser trazido para a instituição e servir para brincar, como uma embalagem de refrigerante que, para além de fazer de conta que era bebida, também foi usada como um brinquedo para bebês:

“A IT pegou na garrafa de refrigerante e usou-a como um brinquedo para o VC brincar na cama, o que fez com que a investigadora lhe perguntasse se dava esse tipo de bebidas aos bebês, ao que esta respondeu que ele só estava a brincar.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 10/12/2024).

No espaço da casinha esteve presente o jogo simbólico quando as crianças brincavam por imitação aos médicos, aos pais, quando fingiam falar ao telemóvel, entre outras brincadeiras (Neto, 2020).

O brincar permitia desenvolver a imaginação e a aprendizagem das crianças a partir da socialização fazendo-as compreender o seu lugar no mundo e o funcionamento do mesmo (Neto, 2020; Spodek & Saracho, 1998).

Na terceira e última semana da reestruturação do espaço da casinha, uma criança descobriu no espaço um casaco de tropa. A descoberta fez com que a criança associasse a roupa a uma profissão, vestiu o casaco e interagiu com outra criança que também compreendeu a profissão. Outra criança que estava a observar a situação decidiu vestir o outro casaco. As duas crianças vestidas de tropa iniciaram a representação de um momento de guerra, tal como representado na situação que se segue:

“O SC que estava a observar uma faca nova aproximou-se do armário e retirou de lá um casaco militar para vestir e colocou o chapéu da farda também. Ao ver o SC já vestido o LA perguntou-lhe: “Vais para a tropa, ou quê?” e ele respondeu: “Eu vou pá tropa.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 19/12/2024).

“Assim que o PS viu o SC vestido de tropa, foi vestir-se também de militar (...) O SC e o PS saíram da área da casinha para a área do tapete para marcharem como soldados “Tropa. Fogo, nos canhões. Bum bum bum.”” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 19/12/2024).

As brincadeiras em que as crianças limpavam o espaço da casinha mudaram após a reestruturação do espaço. Na terceira semana, as limpezas no chão da casinha começaram a incluir o aspirador novo, que fomentou a partilha, a persistência e o sentido de justiça, porque várias crianças queriam usá-lo (Neto, 2020; Silva et al., 2016).

“O PS pediu por favor ao SC para lhe emprestar o aspirador de mãos juntas e o amigo cedeu-lhe o utensílio de limpeza e este referiu que seria o pai. (...)

A mesa da cozinha e o sofá foram limpos, pela primeira vez, por uma criança com a esponja e a embalagem do detergente da loiça:

“O SC e a CR ajudam a manter a casa limpa ao limparem a mesa com a esponja com detergente (Nota de campo, Complemento com vídeo, 19/12/2024).

“(...) o LA pegou na esponja com detergente que colocou da loiça e começou a esfregar a mesa e depois o sofá, passando a tarefa de aspirar para o PS que queria muito usar o aspirador.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 19/12/2024).

As explorações do espaço da casinha continuaram na última semana, quando as crianças viram brinquedos novos no forno e no fogão, que as fez ficarem admiradas:

“A certo momento a MN disse que ia cozinhar e o LA abriu a porta do forno e ficou admirado com as coisas que estavam lá dentro chamando à atenção das restantes crianças que foram imediatamente ver o que lá havia. Depois cada um regressou aos seus postos iniciais comentando que já tinham bolachas do pikachu. A MN ao aproximar-se do fogão reparou e comentou com entusiasmo aos amigos que havia algo “buéda bom” (duas embalagens de molhos). O PS abriu o armário e começou a ver tudo o que de novo lá havia.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 19/12/2024).

O último registo do espaço da casinha a ser organizada/arrumada, pelas crianças, foi um momento confuso para elas, uma vez que aquele foi também o primeiro momento em que a casinha foi organizada com todas as alterações realizadas:

“Enquanto arrumavam ficaram por vezes confusos de onde colocar as coisas. A investigadora informou que a casinha já tinha as fotografias que ajudava arrumar, como tinha sugerido o MN” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 19/12/2024).
“Como o SC, o PS e o LA ainda estavam um pouco perdidos por que a cada coisa que arrumavam descobriam uma nova a investigadora começou a ajudá-los a arrumar dando indicações específicas a cada um deles.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 19/12/2024).

Por último, importa referir que os objetos selecionados para o espaço da casinha, eram de qualidade, variedade, “funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético.”, como os utilizados na última brincadeira registada no espaço da casinha (Silva et al., 2016, p.26):

“Objetos utilizados: Alimentos de plástico, utensílios de cozinha em plástico e metal, micro-ondas de plástico com parte elétrica, esponja, detergente, aspirador de

plástico com parte elétrica, muda-fraldas em tecido, bebê de plástico, primeiros socorros e fatos em tecido.” (Nota de campo, Objetos utilizados, 19/12/2024).

A chegada do micro-ondas ao espaço da casinha, potenciou a socialização, assim como permitiu a resolução de um problema, entre uma criança que não sabia como funcionava o micro-ondas e outra que sabia (Silva, 2017; Silva et al., 2016):

“O micro-ondas fez plim e o GR aproximou-se dizendo que não sabia abrir, então a MN aproximou-se dele e disse que lhe ia mostrar por que já sabia como abrir.” (Nota de campo, Complemento com vídeo, 19/12/2024).

Os materiais reutilizáveis trazidos pelos familiares das crianças, foram importantes para o desenvolvimento da criatividade e consciência ecológica (Silva et al., 2016). A entrada de pensos rápidos, gazes e uma manta de emergência diversificou as brincadeiras, que pouco iam além da administração de medicação e depois possibilitaram o tratamento de feridas e a realização de cirurgias. A manta de emergência para além de ter simbolizado o trabalho cirúrgico, representou uma porta que serviu de divisão do espaço, tornando o espaço da casinha um local seguro e acolhedor para as crianças. O exercício de colocar a mesma numa posição vertical tornou-se num problema que foi resolvido em conjunto, por duas crianças de cada lado que a esticaram e prenderam-na por baixo de objetos, para que esta se mantivesse de pé.

Ainda que tenha estado no armário das roupas, é crucial mencionar que o grupo possuía uma bata de médico que mesmo com a reestruturação da casinha não foi usada durante brincadeiras aos médicos.

3.5 MUDANÇAS-CHAVE NO ESPAÇO DA CASINHA NA VOZ DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Após um segundo momento de conversa com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha, as crianças dialogaram sobre os brinquedos que mais gostaram, as mudanças relevantes no espaço e comentaram o que achavam sobre a possibilidade de continuarem a trazer brinquedos de casa para a casinha.

Quando as crianças foram questionadas sobre o facto de já terem mudado fraldas aos nenucos da casinha, algumas disseram ter mudado e uma criança referiu que não mudou nenhuma fralda por não querer ter contacto com cocó:

“Estudante 2: Vocês já mudaram a fralda a algum nenuco? Algumas crianças: Eu sim! Outras: Não! SC: Eu não! Não gosto de pegar no cocó.” (Conversa informal com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha, pergunta 4, 18/12/2024).

Ao longo da conversa, as crianças referiram alguns dos brinquedos novos que mais gostaram, sendo que os primeiros a serem mencionados, remetiam para uma brincadeira nova, descoberta pelas crianças - brincar aos tropas. Os brinquedos eram duas fardas militares compostas por dois casacos e um chapéu. As crianças quando vestiam as fardas referiam que iam trabalhar. Estes brinquedos permitiram a representação de um novo trabalho:

“SC: Eu e o PS gostamos de brincar com as roupas da tropa. (...) Educadora: E há coisas novas. Querem ser tropas militares.” (Conversa informal com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha, pergunta 2, 18/12/2024)

Outros brinquedos novos dos quais as crianças mais gostaram foram:

“SC: O micro-ondas! (...) MN: Do aspirador! GR: Eu já me lembro de uma coisa azul. LA: Do aspirador. GR: Também! Educadora: O FR gostou do sofá. GR: Eu gostei do sofá. (...) LL: Dos talheres. Investigadora: Os que ficam agarrados ou os outros? LL: Agarrados. MN: Eu também! (...)” (Conversa informal com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha, pergunta 4, 18/12/2024)

E também uma seringa, e uma manta térmica que era usada na realização de operações pelas crianças, e como porta:

“IT: O dourado (manta térmica). AC: A seringa grande! (com muito entusiasmo) Educadora: Não é isso que ela está a dizer, é uma manta. IT: É uma manta dourada. Nós pusemos ali... nós tapámos ali para ser uma porta a fingir. Investigadora: Pois é vocês gostam de fazer isso, não é? Fazer de conta que é uma porta.” (Conversa informal com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha, pergunta 3, 18/12/2024)

A manta térmica foi um objeto que as crianças não conheciam, mas que permitiu dar asas à criatividade das crianças. O objeto foi doado à sala pela família de uma criança do grupo, o que pressupõe que um brinquedo/objeto não precisa de ser caro ou muito complexo para ser atrativo para as crianças (Silva, 2017).

Durante a conversa com as crianças foi-lhes perguntado sobre as mudanças do espaço da casinha e estas referiram uma mudança, a troca do espaço da casinha com o espaço da garagem/construções. As crianças mencionaram também o facto dessa troca ter deixado o espaço mais amplo:

“Educadora: O que é que mudaram? MN: Trocámos a casinha com a garagem. Investigadora: E gostaram que trocasse? SC: Foi. GR: Era a minha ideia. Que eu disse. (...) Educadora e SS: Isto assim está muito mais aberto.”

A resposta à pergunta, “Gostavam que a casinha continuasse assim ou mudavam mais alguma coisa?” (Conversa informal com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 19/12/2024), confirmou que as crianças gostaram da forma como ficou o espaço da casinha, gostaram de ter trazido objetos de casa e que pretendiam continuar a trazer objetos de casa para o espaço da casinha, como presente no exemplo seguinte:

LL: Sim! MN: Sim, e trazer coisas. Já perguntei à minha mãe. (...) Investigadora: E a IS gostava que a casinha ficasse assim? IS: Sim! Investigadora: E continuar a trazer coisas? Depois vocês têm de ver...é muita coisa para a casinha. Algumas coisas vão ter de sair e vocês têm de arrumar. MN: Não, eu vou trazer poucas coisas. (...) Investigadora: Por baixo ali da parte dos móveis, tem comida. Por exemplo, o frigorífico. Mas tem lá aqueles papéis que tu disseste, fotografias. MN: Sim! No frigorífico, vou por docinhos, doces.” (Conversa informal com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço da casinha, pergunta 5, 19/12/2024).

Por último, é crucial mencionar que os espaços devem sofrer alterações sempre que necessário (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013). Partindo, por exemplo, de uma conversa como as crianças, realizada no dia 18 e 19 de dezembro como forma de avaliar a reestruturação do espaço, mas que poderia servir também para novas sugestões de reestruturação. Uma nova reestruturação, assim que necessário iria proporcionar o bem-

estar, alegria e prazer, momentos de interesse para as crianças, o respeito pela identidade de todas, a segurança e a aprendizagens (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta a apresentação e discussão dos resultados, será agora dada resposta à questão de partida considerando os objetivos de investigação. As conceções da educadora e das crianças sobre o brincar na casinha, a participação das crianças na reestruturação do espaço e o registo dos brinquedos e brincadeiras antes e depois da reestruturação do espaço da casinha, permitiram perceber melhor: *“Quais as potencialidades do espaço da casinha para um grupo de crianças de jardim de infância da rede pública da região de Leiria?”*.

Na perspetiva das crianças o brincar na casinha era um conjunto de brincadeiras que gostavam de realizar no espaço da casinha, sendo elas brincadeiras em que as crianças limpavam e cozinhavam no espaço. Na perspetiva da educadora cooperante, o brincar na casinha era a representação das experiências vividas pelas crianças em contexto familiar. As crianças realizavam o jogo simbólico quando desempenhavam papéis familiares, como pais e filhos e essa foi a forma delas darem sentido às suas vidas compreendendo-as.

As brincadeiras que ocorreram no espaço da casinha, antes da reestruturação do mesmo, estavam relacionadas com a confeção e serviço de refeições, com tarefas domésticas, trabalhos no ramo da construção civil e medicina, com a exploração de brinquedos e brincadeiras de ricos/maus. Durante as brincadeiras as crianças representavam papéis, comunicavam, desenvolviam a sua criatividade e proporcionavam momentos de aprendizagem, à medida que representavam experiências vividas. Os brinquedos estavam relacionados com as brincadeiras, uma vez que na confeção de refeições eram usados alimentos e utensílios de cozinha e nas tarefas domésticas de limpeza eram utilizados utensílios de limpeza, por exemplo. Poucos foram os registos em que as crianças usaram os brinquedos de formas “não convencionais” e usaram talheres como ferramentas ou até gesso para engessar um braço. Os bebés de plástico desempenharam um papel humano, o de filhos, e alguns acessórios estiveram presentes

nas brincadeiras dos ricos/maus e durante a representação dos papéis de familiares e de médicos.

A participação das crianças na reestruturação do espaço da casinha permitiu complementar ideias de reestruturação do espaço, através da primeira conversa com as crianças. A maioria das ideias que surgiram não estavam associadas a mudanças físicas, as crianças apelaram essencialmente ao barulho e à falta de cuidado com os brinquedos e responsabilidade nos momentos de arrumar. Contudo, também surgiram ideias de mudanças físicas, como ter um sofá ou coisas novas, não especificadas, ou ainda, levar o espaço da casinha para outro lugar da sala.

À medida que a reestruturação foi sendo concretizada, os registos da investigadora e as ideias das crianças, foram tidos em conta. Nos primeiros momentos, as crianças exploraram o espaço observando tudo o que lá havia, ficando espantadas e felizes com o que encontravam. Dos brinquedos que passaram a fazer parte da casinha, destacam-se os que foram mais impactantes: o micro-ondas, o aspirador, os casacos de tropa, os utensílios de cozinha novos e os primeiros socorros.

O micro-ondas e o aspirador foram também recebidos com muita alegria e alguma disputa em possuí-los, promoveram momentos de partilha, de cedência e de aprendizagem com o outro; os casacos de tropa fizeram surgir uma nova brincadeira, descrita pelas crianças como um trabalho, tropas militares que iam para a guerra; os utensílios de cozinha novos possibilitaram a confeção de refeições mais e maiores, confeccionadas de forma diferente (com alimentos que eram cortados e temperados). Os primeiros socorros permitiram a prestação de novos cuidados de saúde, como feridas onde eram usados pensos rápidos e gaze, e fomentaram a criatividade das crianças que usaram uma manta térmica como porta/barreira que separava o espaço da casinha dos restantes espaços da sala, para que não se vissem as cirurgias a acontecer dentro da casinha.

Através das notas de campo foram obtidos registos que permitiram analisar quais foram as brincadeiras de faz-de-conta, proporcionadas pelo espaço da casinha às crianças, ao longo de 8 semanas. Nos 10 registos realizados foram observados: nove momentos em que as crianças brincaram aos pais, mães e aos bebês (a brincadeira que mais ocorreu); nove momentos em que as crianças representaram profissões (médico, construtor, comerciante de joias, esteticista, cabeleireiro, militar) (outra das brincadeiras que mais

ocorreu); oito momentos de brincadeira que consistiam na confecção e serviço de refeições; sete momentos de limpeza e organização do espaço da casinha; quatro explorações de brinquedos (bebés, utensílios de cozinha, joias e entre outros); e dois momentos em que as crianças realizaram variadas brincadeiras (ricos/maus/ladrões) (a brincadeira que menos ocorreu).

Por último, importa mencionar que através da segunda conversa com as crianças foi possível compreender do seu ponto de vista, quais foram as mudanças que ocorreram no espaço da casinha. Identificaram como mudança a troca de espaços e, durante a conversa as crianças, referiram que gostaram de brincar aos tropas. Referiram ainda que gostaram dos brinquedos novos, em específico do micro-ondas, do aspirador, do sofá, da manta térmica e da seringa e que se fosse possível gostariam de continuar a trazer brinquedos para a casinha.

CAPÍTULO 5- LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Inicialmente, a investigadora considerou que as primeiras limitações do estudo foram criadas por si, uma vez que a ideia quanto à realização de um estudo sobre o brincar no interior da sala, era pouco clara e focada. Foi necessária a ajuda da professora supervisora e da educadora cooperante na descoberta de um foco específico, o que atrasou o início do estudo.

Os registos de observação das crianças no espaço da casinha ocorreram sempre que as mesmas permaneciam no espaço, no entanto nem sempre era possível a brincadeira nesse espaço uma vez que o grupo participava em diversas propostas e tinha bastantes dificuldades em arrumar o espaço da casinha. Apesar de muitos dos objetos terem sido retirados do espaço da casinha, outros foram trazidos pelas famílias das crianças, das suas casas. A participação da comunidade educativa na reestruturação do espaço da casinha gerou grande entusiasmo por parte das crianças, mas também algum descontrolo devido à quantidade de objetos do espaço, que inicialmente eram 236 e passaram para 298.

Tendo em conta que a reestruturação do espaço tinha por base as sugestões das crianças, assim como, as observações do espaço, a retirada de brinquedos repetidos e a diversificação do material que compunha esses mesmos brinquedos, foi elaborado um plano. Plano esse que consistia na inclusão de objetos de papel, madeira, cerâmica e

metal. No entanto, por indicação da instituição os materiais em cerâmica não puderam ser incluídos devido ao risco de ser partir e provocar algum dano às crianças. Este facto limitou a diferenciação dos materiais quanto a texturas e temperaturas dos mesmos.

O facto de o estudo ter ficado definido muito tarde, fez com que algumas pesquisas e o planeamento da prática pedagógica acontecesse um pouco mais tarde. O que por sua vez fez com que a investigadora não tivesse tido tempo para se envolver mais com as crianças na reestruturação do espaço da casinha. Após as sugestões das crianças e a entrevista com a educadora, foi a investigadora quem construiu a planta e pensou na entrada de brinquedos, selecionando quais poderiam permanecer e sair do espaço e quais poderiam passar a fazer parte do mesmo, tendo em conta ainda algumas observações, ao invés de tomar as decisões finais com as crianças.

De forma a envolver mais as crianças na reestruturação do espaço da casinha, foi pedido que trouxessem de casa uma fotografia dos seus espaços preferidos na cozinha, que as famílias partilharam por mensagem no grupo de WhatsApp, com a educadora. A maioria das imagens eram de frigoríficos, então ficou definido que o novo equipamento a surgir na casinha seria o frigorífico. Contudo, devido à falta de espaço e incapacidade monetária para comprar esse equipamento, pensou-se e concretizou-se a adaptação de uma parte de um armário, do qual não foi possível que o grupo participasse na sua construção, por falta de tempo. O que limitou a participação das crianças na reestruturação de um espaço que tanto lhes dizia respeito, que poderia ter potenciado ainda mais a área em questão, assim como podia ter intensificado o interesse das crianças pelo mesmo.

CAPÍTULO 6- MELHORIAS PARA FUTUROS ESTUDOS

Este capítulo pretende ir além daquilo que não correu tão bem, ao descrever o que poderia ter sido feito de diferente, como forma de apresentar ferramentas úteis para a melhoria de estudos futuros.

Torna-se importante mencionar que na construção do frigorífico teria sido bastante proveitoso para as crianças participarem nesse momento. Sendo que esse envolvimento, ao nível tanto do frigorífico quanto de todo o espaço, poderia ser o ponto de partida para um novo projeto de grupo. Visto que esta seria também mais uma oportunidade para a familiarização do grupo com números e medições, deixando as crianças descobrirem

várias formas de medir. Seria ainda benéfico a escrita em livros com ilustrações feitas pelas crianças, uma vez que as mesmas também gostavam de preparar as suas refeições. Tal como poderiam também ter sido colocados durante algum tempo, frutas de época e legumes no espaço da casinha, como sugerido pela professora supervisora e por Rigolet (2006). No entanto, isso foi algo que não aconteceu pelo facto da investigadora ter considerado que poderia surtir em desperdício alimentar, mas ainda assim poderia ser uma experiência única e interessante para perceber quais as potencialidades que esta introdução poderia trazer.

Para um próximo estudo a investigadora considera que seria importante discutir um pouco sobre o “canto do quarto”. Uma vez que este eram também uma zona da casinha que existia antes e persistiu depois da reestruturação e que teve como única alteração, a inclusão de um muda-fraldas. No entanto, seria proveitoso se a investigadora tivesse questionado as crianças acerca de quais mudanças poderiam surgir no quarto, remetendo para que as mesmas visualizassem os seus próprios quartos.

Uma das sugestões de Rigolet (2006), seria usufruir da comunidade envolvente e das vocações dos familiares das crianças para a reestruturação do espaço da casinha, através de visitas ao exterior, mais especificamente ao café, padaria e farmácia ou através da visita de familiares enfermeiros que fossem à sala mostrar a profissão, por exemplo. Uma vez que existia o interesse por parte das crianças em confeccionar e servir refeições, e em administrar fármacos aos colegas e aos bebés de plástico da sala, a proposta de usufruir da comunidade envolvente podia ser importante.

Se este estudo pudesse ser realizado novamente, seria necessário que a investigadora tivesse coragem de negociar a entrada de alguns objetos na casinha, de forma a ponderar e discutir com o grupo de crianças a entrada desses novos objetos, visto que a ideia de reduzir o número de brinquedos e de envolver as crianças nas decisões não foi tão bem conseguida. O que teria sido bastante benéfico para o grupo, para que o mesmo tivesse a oportunidade de fazer escolhas, negociar e sobretudo de compreender que não bastava apenas trazer muitas coisas e ter muitos brinquedos, mas sim trazer os mais importantes e negociar os menos interessantes.

CONCLUSÃO DO RELATÓRIO

Ao chegar ao final deste relatório, importa concluir o mesmo enaltecendo o que de bom a estudante/investigadora retirou do seu percurso no curso de MEPE. Assim sendo, esta conclusão tem por base os três momentos de prática pedagógica (creche, jardim de infância I e jardim de infância II), mencionados na primeira parte deste trabalho, e também um pouco da segunda parte, com a dimensão investigativa.

No decorrer do primeiro momento de PP-Creche, foi um pouco exagerado o sentimento de negatividade que assolou a mestranda, pois tudo o que eram críticas construtivas para melhorar a sua prática eram ampliadas a um nível incapacitante. E tudo devido ao facto de ter existido um maior foco nos erros, do que nas conquistas. O que inicialmente comprometeu bastante o estado de espírito da mesma e que no decorrer do tempo foi trabalhado, com o apoio da equipa de sala, com a parceira de PP e com a professora supervisora. Este alinhamento fez com que a estudante (investigadora) compreendesse que tinha apoio e oportunidade para errar, uma vez que ainda estava em formação. Para além disso, a estudante compreendeu também que o mestrado teria de ser mais exigente com os alunos, de forma a melhor os preparar para o futuro e que o importante é aperfeiçoar qualidades já existentes, tal como é importante o esforço, a dedicação, a atenção e o carinho para com as crianças.

Na PP-JI I a estudante/investigadora demonstrou mais abertura e empenho em melhorar a sua prática ao seguir e aceitar críticas. No entanto, via o segundo momento de PP como um novo começo, uma esperança de fazer as coisas da forma correta, mesmo que se tenha lembrado a meio caminho, que na verdade não existiam formas corretas de fazer as coisas, mas que podemos torná-las muito melhor se quisermos. E tudo o que é seguido à risca, não sai como o previsto, mas isso não é um problema, mas pode ser uma oportunidade para enfrentar imprevistos. O importante será seguir alguns objetivos definidos, não sendo importante o tempo que levará até se terminar um/a projeto/proposta. Isto por que o contexto JI, do qual a estudante/investigadora esteve integrada, era mais complexo, ao nível da gestão das rotinas do grupo.

Para finalizar é extremamente crucial mencionar-se que neste momento de PP, o que de melhor se retirou, foi o facto de as crianças terem-se envolvido num projeto holístico.

Projeto esse que deu às crianças a possibilidade de se sentirem orgulhosas de si mesmas, de retirarem aprendizagens e de se divertirem.

No terceiro e último semestre (PP-JI II), a coragem fez com que a estudante/investigadora quisesse arriscar em novas aventuras, de forma a aproveitar o último momento, em que o suposto seria errar para implementar o que nunca tinha implementado antes. Construiu com o grupo de crianças um portfólio coletivo e avançou para uma investigação com as mesmas, que pressupunha intervenção, para além da observação no espaço da casinha. Através da construção do portfólio coletivo foi possível compreender a diversidade de interesses e conhecimentos adquiridos por cada criança, e foi possível mais uma vez reunir as crianças para um mesmo propósito. Com a intervenção foi possível, à mestranda, perceber a importância de agir, alterar e modificar os espaços, quando necessário, tendo em conta as opiniões das crianças. Porque é importante para as crianças, compreenderem que têm voz e que essa voz promove a realização de aprendizagens significativas e brincadeiras, que trazem felicidade e segurança às crianças.

Por fim, é relevante referir-se que apesar do estudo só ter ficado definido na PP-JI II, este não poderia ter sido realizado numa outra altura, pois foi nesse momento que a estudante/investigadora se sentiu “em casa” numa instituição, mais apoiada e com mais capacidades para realizar uma investigação. A segurança que a investigadora sentiu no último momento da PP, foi possível graças ao facto de a instituição de ensino superior ter apostado em três momentos de PP junto de crianças dos 0 aos 6 anos de idade, em seminários, em visitas a diversas instituições e ter incentivado a realização de leituras significativas. De outra forma, a mestranda não se iria sentir tão feliz e confiante em relação ao seu futuro profissional. Porque tudo é possível e está ao nosso alcance se assim o desejarmos e trabalharmos para tal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%20%281%c2%aa%20edi%c3%a7%c3%a3o_atualizada%29.pdf
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação qualitativa em educação* (2ª ed.). Universidade de Coimbra.
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação qualitativa em educação* (3ª ed.). Universidade de Coimbra.
<https://directory.doabooks.org/handle/20.500.12854/52697>
- Assembleia Geral das Nações Unidas. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos*. Comité Português para a UNICEF.
https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf
- Bettelheim, B. (1989). Compreender a importância do brincar. In B. Bettelheim. *Bons pais: O sucesso da educação dos filhos*. (pp. 320-343). Bertrand livreiros.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre. Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora
- Comunidade Educativa. (2024). *Projeto Educativo “VIDA”*. Jardim do Fraldinhas.
- Costa, F. C. (2014). *A magia da leitura*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da UC.
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/28398/3/TESE%20%20F%C3%A1tima%20Costa.pdf>
- Decreto-lei nº 55/2018 do Diário da República. (2018). Diário da República: I série, nº 129/2018. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962>
- Figueiredo, M. C. & Amendoeira, j. (2018). O estudo de caso como método de investigação em enfermagem. *Revista da UIIPS*, 6(2), 102-107.
<https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/view/16137/14378>
- Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto

Editora.

Gonçalves, F. (2023). Práticas: Espaço, desenvolvimento e aprendizagem. *Cadernos de Educação de Infância [C:E:I]*. (130), 22-28.

Horn, G. S. (2017). *Brincar e interagir nos espaços da escola infantil*. Penso Editora.

Jordão, M. F. (2015). *A Área da Casinha na Creche e no Jardim-de-Infância*. [Dissertação de mestrado, Politécnico de Setúbal]. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/3c15391c-0aed-4af2-b158-069dfed0871f>

Katz, L. & Chard, S. (1997). *A abordagem de Projecto na Educação de Infância*.

Fundação Calouste Gulbenkian.

Katz, L., Ruivo, J., Silva, M., & Vasconcelos, T. (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação.

Lino, D. (1996). O Modelo Pedagógico de Reggio Emilia. In: J., Oliveira-Formosinho (Coord.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp. 93-121). Porto: Porto Editora.

Marchão, A. & Henriques, H. (2018). Investigação com crianças: Reflexão sobre a escuta das vozes das crianças através de processos de entrevista. *Revista Ediciones Universidad de Salamanca*, 24, 135-144. <http://dx.doi.org/10.14201/aula201824135144>

Marques, A. (Coord.), Azevedo, A., Marques, L., Folque, M. A., & Araújo, S. B. (2024). *Orientações Pedagógicas para Creche*. Ministério da Educação; Direção-Geral da Educação (DGE). https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/opc_marco2024.pdf

Martins, C. (2023). Artigo: Aprender a brincar ao ar livre num jardim de infância em Portugal: um estudo caso. *Cadernos de Educação de Infância [C:E:I]*. (130), 7-17.

Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F., Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a ciência: Atividades dos 3 aos 6*. Ministério da Educação; Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/despertar_para_ciencia.pdf

- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças- A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.
- Neto, C. & Lopes, F. (2023). *Brincar em todo o lado* (2ªed.). Câmara Municipal de Cascais; Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI); Câmara Municipal de Coruche.
- Oliveira-Formosinho, J., & Andrade, F. F. (2011). O espaço na Pedagogia-em-Participação. In J., Oliveira-Formosinho, F. F., Andrade, & J., Formosinho, *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. (pp. 9-63). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. B. (2008). Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In J., Oliveira-Formosinho, *A Escola Vista pelas Crianças*. (pp. 11-30). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2013). *A Pedagogia-em-Participação: A Perspetiva Educativa da Associação Criança*. Porto editora.
- Oliveira, M. (Coord.), Rodrigues, M. & Milhano, S. (2022). *A voz e a agência da criança*. Associação de Profissionais de Educação de Infância; Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da criança*. Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Pinazza, M. A. & Fochi, P. S. (2018). Documentação Pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. *Revista Linhas*, 19(40), 11-26. <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1984723819402018184/pdf>
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e Práticas Educativas em Creche: das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).
- Rigolet, S. A. (2006). *Reestruturar a casinha: Um projeto Transdisciplinar. Como potenciar os recursos no jardim-de-infância*. Porto Editora.
- Rocha, M. L. (2017). O brincar no tempo livre da criança. In T. Sarmiento, F. I., Ferreira, R., Madeira, A. N., Silva, M. C., Silva, M. L., Rocha, S., Azevedo, L., Gomes, M.

- R., Migueis, N., Abrantes & S., Moreira (1ª ed.), *Brincar e Aprender na Infância*. (pp. 57-75). Porto Editora.
- Sá-Chaves, I. (2000). *Portfólios Reflexivos: estratégia de formação e de supervisão*. Aveiro: Universidade.
- Sampaio, A. J., Xavier, A. L., Magalhães, C. P., Oliveira, D. R., Pacheco, D. H., Mota, P. C., Cambalacho, P. O. & Ferraz, S. A. (2015). *Pedagogia da consideração pela criança- Inovar em Educação de Infância*. Positivagenda- Edições Periódicas e Multimédia, Lda.
- Santos, H. (2023). Práticas: Pretextos que transformam contextos. Uma abordagem à documentação pedagógica e aos portfólios pedagógicos. *Cadernos de Educação de Infância [C:E:I]*. (128), 15-22.
- Silva, A. N. (2017). Brincar e aprender. Aprender a brincar. In T. Sarmento, F. I., Ferreira, R., Madeira, A. N., Silva, M. C., Silva, M. L., Rocha, S., Azevedo, L., Gomes, M. R., Migueis, N., Abrantes & S., Moreira (1ª ed.), *Brincar e Aprender na Infância*. (pp. 11-37). Porto Editora.
- Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação; Direção-Geral da Educação.
https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf
- Silva, I. L. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes_curriculares_pre_escolar.pdf
- Silva, M. I. (1996). *Práticas educativas e construção de saberes: metodologias da investigação-acção*. Instituto de Inovação Educacional.
- Shores, E., & Grace, C. (2008). *Manual de portfólio: Um guia passo a passo para o professor*. Artmed.
- Smith, P. K. (2006). O brincar e os usos do brincar. In J. R., Moyles, *A excelência do brincar*. (pp. 25-38). Artmed.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - PRIMEIRO MODELO DE PLANIFICAÇÃO

<p>Planificação 4ª intervenção (7ª Semana 30 de out) -Monstros da natureza</p>	<p>Educadora Cooperante: [REDACTED] Estudante a implementar: Ana Sebastião</p>
<p>Intencionalidade Educativa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar o treino da motricidade fina • Promover o contacto com a natureza e ingredientes 	<p>Objetivos Pedagógicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar diferentes elementos associados a atividades de culinária; • Desenvolver vocabulário associado à cultura alimentar; • Desenvolver a atenção e concentração; • Proporcionar momentos de espera
<p>Proposta Educativa: -Monstros em massa de sal e recursos naturais</p>	<p>Como surgiu? No seguimento e para concluir o subtema da natureza nas artes pensamos implementar uma atividade que permitisse que o grupo explorasse entre as artes plásticas outra técnica. Aproveitando os recursos naturais recolhidos na floresta e trazidos de casa que sobram. Posto isto, surgiu-nos a ideia de dar vida aos monstros da natureza em 3D, já que os elementos naturais podem ser transformados em partes do corpo dos monstros. No entanto, como é necessário haver uma base que sustente as partes do corpo, chegámos a conclusão de que era necessário que eles fizessem uma massa, no caso, de sal.</p>

Duração	Estratégias de Implementação da Proposta	Organização		
		Espaço	Materiais	Grupo
1 dia	<ul style="list-style-type: none"> - Encontrar os monstros; - Mencionar os monstros que eles encontraram na sala; - Explicar a atividade no tapete; - Mexer na massa; - Manusear recursos naturais; 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala (tapete e sala); - Refeitório (mesas); 	<ul style="list-style-type: none"> - 3 monstros previamente feitos; - 2 kg de farinha; - Água; 	<ul style="list-style-type: none"> - Grande grupo (no tapete); - Individual (construção).
			<ul style="list-style-type: none"> - 1 Saleiro; - jarro de água; - 1 alguidar (para misturar os ingredientes); - Recursos naturais (guardados na sala); tabuleiros; - 4 folhas A4; - 1 caneta. 	
Avaliação				

<p>Grupo</p> <p>Quando encontraram os monstrinhos na sala ficaram muito intrigados e empolgados. Quiseram brincar com os mesmos, mas ao mesmo tempo também tiveram algum receio, pois o mistério que os açulava fez parecer que algumas crianças acreditaram que os monstros tinham entrado na sala de verdade então reagiram quase como se eles tivessem vida.</p>	<p>Estudantes/Educadora</p> <p>Apesar das melhorias observadas em relação à estudante no momento de grande grupo, ainda há algum nervosismo, porém este já não é tão visível. A estratégia de colocar a farinha na mesa continuou a fazer efeito, o grupo ficou mais calmo e teve mais persistência no momento de culinária. Numa outra oportunidade, a estudante deve ter em conta algumas festividades para que não fique sem algum utensílio de cozinha de que precisava. Isto porque a estudante estava a contar com pelo menos uma bacia para atividade, mas teve de usar um balde que estava</p>
<p>No tapete ficaram ainda mais entusiasmados e inquietos (abriram a boca de espanto e gritavam de alegria com as mãos para cima).</p> <p>Nas mesas da cozinha participaram ativamente todos a depositar os ingredientes no balde, todos quiseram ajudar e compreenderam os momentos em que tinham de deixar os restantes ajudar.</p> <p>Algumas crianças quase não colocaram as mãos na massa de sal, mas tanto a equipa da sala quanto as estudantes ajudaram essas crianças a dar vida aos seus monstros (colocar, olhos, boca e entre outros).</p>	<p>no armário da sala. Pois todas as bacias estavam a ser usadas por outras salas para fazerem o bolinho que para nós seria no dia seguinte.</p> <p>Se houvesse ainda a possibilidade a estudante poderia ter feito os 3 monstrinhos para apresentar com mais tempo, pois estes ainda não estavam totalmente secos e rijos e também com mais sal.</p> <p>O clima de mistério perante os monstros foi cativante para o grupo que teve boa adesão à atividade.</p>

Descrição da Atividade:

Ao entrarmos na sala (antes do grupo) vamos escondendo os monstrinhos da natureza já feitos previamente, para que as crianças os possam ir encontrando e nos recolhendo. Após a música do bom dia, iremos falar do aparecimento de monstros da natureza na sala. Os monstros andam à procura de artistas da natureza para criarem o resto da sua família, com recursos que lhes sobraram de atividades passadas. Explicar com um exemplar na mão o que é que vamos fazer e onde.

Enquanto as crianças que estão sem fralda vão à sanita, as crianças com fralda ficam no corredor à espera. Durante esse tempo podemos perguntar ao grupo se vão colocar olhos nos monstros e se sim onde, entre outras perguntas.

No refeitório, sentaremos o grupo nas mesas. No centro das mesmas vamos colocar os ingredientes e um pouco de farinha em frente a cada criança.

Depois passaremos as bacias por todos à vez para juntarem e misturarem os ingredientes com as mãos.

Assim que a massa estiver pronta, dá-se a cada criança um pedaço de massa e espalham-se os recursos naturais nas mesas para que eles possam tirara aquilo que quiserem e explorarem.

Logo que acabem a construção, saem das mesas para a casa de banho, enquanto isso as obras são colocadas em tabuleiros, identificadas e levadas para a sala para secar.

APÊNDICE 2- SEGUNDO MODELO DE PLANIFICAÇÃO

Planificação 13ª Semana de 11 a 13 de dezembro

<p>Data:</p> <p>Mestranda a Implementar:</p> <p>Mestranda a Observar:</p>	<p>- 8 e 9 de janeiro.</p> <p>- Ana Sebastião.</p> <p>- ██████████</p>	<p>Professor</p> <p>Supervisora:</p> <p>Educadora</p> <p>Cooperante:</p>	<p>- Joana Bernardo.</p> <p>- ██████████</p>	<p>N.º de crianças:</p> <p>Auxiliares:</p>	<p>- 20 crianças.</p> <p>- ██████████</p>
Contextualização e descrição					
<p>O Inverno já chegou e com ele vem o frio e a chuva. Os casacos, cascoís, luvas e gorros que tínhamos guardados no fundo das nossas gavetas por meses saem para nos manter quentes e a chuva acalma-nos ao cair do céu.</p> <p>As estudantes irão se despedir durante esta chegada do inverno e por isso vão preparar uma pequena festa de despedida.</p> <p>Na segunda-feira, a sala estará decorada com balões no teto e fitas em papel crepe. O inverno será apresentado recorrendo a um poema contado pelo sapo Bino (marioneta com roupas aconchegantes) sobre o tema. Em simultâneo com a leitura serão mostradas às crianças as roupas citadas pelo poema. Depois e por último, cada criança desfila para o grande grupo com a peça de roupa de inverno que trouxe de casa ao som da música “A chuva é um ping ping”.</p> <p>No dia seguinte, os meninos da casa da árvore vêm trazer o inverno à creche e com o pouco tempo que nos resta depois, vamos fazer uma pequena festa com música, dança e roupas quentes como forma de despedida das estudantes.</p>					
Dia	Rotina	Intencionalidade		Organização	

		Pedagógica	Objetivos Pedagógicos	Proposta Educativa	Espaço	Material	Estratégias de intervenção
8-01-2024	Acolhimento (9:00h-10:15h)	<ul style="list-style-type: none"> -Estabelecer vínculos afetivos, proporcionando segurança emocional durante a transição casa escola; -Promover a interação entre as crianças e o respeito pela vez de cada um; -Desenvolver a capacidade de responsabilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer um sentimento de pertença; -Aprender a socializar e criar empatia; -Desenvolver a relação e o respeito pelo espaço do outro. 	<ul style="list-style-type: none"> -Brincadeira; -Reforço da manhã; -Música do bom dia. 	Sala	<ul style="list-style-type: none"> -Materiais e objetos disponíveis na sala ou objetos que possam ser solicitados pelo grupo; -Snacks. 	<ul style="list-style-type: none"> -Promover um ambiente acolhedor; - Estratégias de retorno a calma como cantar músicas, ou realizar um jogo para que ajudem a arrumar a sala - Pedir a uma criança do grupo para distribuir o reforço; - Cantar a música do bom dia.

	<p>Proposta Pedagógica (10:15h-11:15h)</p>	<p>-Promover o contacto com palavras novas</p>	<p>-Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; - Convivência democrática e cidadania.</p>	<p>-Introdução do inverno com desfile de roupas quentes</p>	<p>Sala</p>	<p>-Balões brancos e azuis; -Linha; -Papel crepe; -Fita cola; -Tapete vermelho; -Pau de chuva; -Sapo Bino; -Casaco preto; -Poema; -Roupas quentes (que trouxeram de casa, aparecem no poema e mais); -Coluna; -Computador.</p>	<p>-Utilizar o pau de chuva e o sapo Bino para cativar a atenção; -Exploração de roupas quentes; -Criar um ambiente chuvoso com os balões no teto e preciana em papel crepe; -Música no desfile.</p>
--	--	--	--	---	-------------	--	--

Observações sobre a atividade:

- Assim que o grupo entrou na sala percebi logo que adoraram os balões no teto, ficaram a olhar para eles durante algum tempo e uma criança até ficou deitada no tapete de barriga para cima a olhar para eles.
- O sapo Bino infelizmente não pode estar presente, mas como o poema que ele ia citar era pequeno e a estudante ia mostrar as roupas que estavam a ser mencionadas na história, a ausência do Bino não causou impacto. Até por que a ideia de o incluir foi um pormenor que surgiu em último lugar.
- Ao longo do dia o inverno foi mencionado uma vez que várias vezes choveu. Só saímos à rua uma vez e a Md até queria voltar para dentro da sala por causa do inverno fazer frio e chuva.
- Não só da parte deles sentimos que se divertiram muito, mas também a estudante se divertiu no desfile. Também sentimos que conseguimos cativar mais à atenção e talvez por conta de menos nervosismo, por isso a introdução do inverno também foi bem feita, explicada e exemplificada.
- A meio do desfile já muitas crianças estavam levantadas, mas mesmo assim mantiveram-se nos mesmos sítios e só o Ts e o M é que estavam sempre a ir para a passarela vermelha e quase não davam espaço para os colegas que ainda não tinham desfilado desfilarem. O Ts acabou por desfilor novamente com mais dois colegas, por que adorou desfilor.
- A maioria só caminhou, apesar de termos exemplificado, de haver música e de eu estarmos ao lado deles a apoiá-los. Poucos foram os que desfilaram com mão na cintura e tudo (exemplo: MC), alguns só passaram pela passarela muito rápido (exemplo: J e VG)

APÊNDICE 3- PLANIFICAÇÃO DO SEGUNDO MOMENTO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA

Planificação

Data: Mestranda a Implementar: Mestranda a Observar:	15 a 17 de abril [Redacted] Ana Sebastião	Professora Supervisora: Educadora Cooperante:	Joana Bernardo [Redacted]	N.º de crianças: Auxiliares:	26 crianças [Redacted]
---	---	--	------------------------------	---	---------------------------

Contextualização e descrição:

Segunda-feira – Continuação das pesquisas sobre as abelhas em pequenos grupos explorando as questões “o que queremos saber?” e construção de cartazes para apresentarem ao grupo o que descobriram.

Terça-feira – Atividade planeada pelas crianças da casa da árvore (1º ciclo) onde irão introduzir e explorar a chegada da primavera. Visita de uma escola espanhola à instituição.

Quarta-feira – Finalização dos cartazes realizados em pequeno grupo e apresentação dos mesmos em grande grupo.

Dia	Rotina	Intencionalidade Pedagógica	Objetivos Pedagógicos	Proposta Educativa	Organização		
					Estratégias de Intervenção	Espaço	Materiais

15-04-2024 a 18-04-2024	Acolhimento (09:00h – 10:00)	-Estimular a curiosidade das crianças, chamando à atenção para o que as rodeia, questionando as suas observações; (FPS, EC, CM) -Reforçar a importância da Partilha; (FPS) - Incentivar as crianças a encontrarem as suas formas próprias de resolução de problemas,	-Manifestar o sentimento de pertença a um grupo; - Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões; -Realizar de forma cada vez mais independente as tarefas indispensáveis à vida do dia a dia.	-Brincadeira; -Maracar a presença quando chegam; -Escolher os ajudantes do dia, estes vêm como está o tempo e marcam na tabela do tempo; vêm se todos os colegas têm a presença marcada.	- Construir uma relação de proximidade e confiança com o grupo participando nas suas brincadeiras; -Promover um ambiente acolhedor e seguro.	Sala	- Materiais e objetos disponíveis na sala ou objetos que possam ser solicitados pelo grupo; -Snack do dia; -Tabelas.
-------------------------	---------------------------------	--	--	--	--	------	--

		<p>-Apoiar e incentivar as crianças nas suas tentativas de escrita; (EC - Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita);</p> <p>- Escrever com e para as crianças (EC - Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita);</p>	<p>-Estabelecer relações entre a escrita e a mensagem oral;</p> <p>-Revelar confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar em grupo.</p>		<p>-Construir o cartaz com os saberes e vozes das crianças;</p> <p>-Valorizar as suas ideias e propostas;</p> <p>-Treinar com o grupo a apresentação do cartaz;</p> <p>-Durante a apresentação do cartaz, apoiar e incentivar as crianças a comunicarem o que fizeram e aprenderam,</p>	<p>-Livros;</p> <p>-Tesouras;</p> <p>-Cola.</p>
Proposta Pedagógica (10:00h-11:50h)	<p>- Cooperar em atividades de pequeno grupo, cooperando no desenrolar do processo e na elaboração do produto final (FPS).</p>	<p>-Apoiar as crianças a explicitarem o que vão fazer e como, e também a relatarem o que fizeram e como, envolvendo-as em todos os processos.</p>	<p>-Finalização dos últimos detalhes do cartaz, se for necessário;</p> <p>-Apresentação em grande grupo.</p>			
2ª parte						

	Explorações Livres (16:30h-17:00h)	<p>- Estimular a curiosidade das crianças, chamando à atenção para o que as rodeia, questionando as</p>	<p>- Proporcionar momentos de livre exploração por parte das crianças e dos seus interesses</p>	<p>-Explorações livres; -Jogo: “Macaquinho do chinês”.</p>	<p>- Incentivar a partilha de objetos através da conversa como forma de</p>	Sala/Jardim	Objetos disponíveis na sala/jardim
	<p>suas observações (FPS, EC, CM);</p> <p>-Reforçar a importância da Partilha (FPS);</p> <p>-Promover a interação entre as crianças (FPS);</p> <p>-Aprender a socializar e criar empatia (FPS);</p> <p>-Cooperar com os colegas em situações de jogo, envolvendo-os em trabalho de equipa. (EC, FPS).</p>	<p>individuais, assim como das suas preferências.</p> <p>-Incentivar as crianças a encontrarem as suas formas próprias de resolução de problemas, ajudando-as quando recorrem ao adulto;</p> <p>-Aprender a lidar com frustrações e insucessos.</p>		<p>consciencialização para a mesma;</p> <p>- Potenciar momentos de partilha e interação de grupo.</p>			

Legenda: FPS: Área de Formação Pessoal e Social; EC: Área de Expressão e Comunicação; CM: Área do Conhecimento do Mundo

Avaliação

Para a avaliação desta semana iremos nos focar na construção e apresentação do cartaz bem como nos jogos que introduzimos na parte da tarde. A construção do cartaz foi uma experiência enriquecedora, pois conseguimos observar o envolvimento das crianças através da organização dos próprios cartazes, nas diferentes discussões sobre o que fazia sentido para eles estar no cartaz, conseguindo assim expressar as suas ideias. Foi notório o entusiasmo e o empenho de cada grupo na construção do mesmo. De um modo geral, todos quiseram participar ativamente no processo de escolha e de construção. A construção do cartaz proporcionou partilhas de ideias, discussões sobre organização de informações, tomada de decisões, os grupos conseguiram colaborar entre eles, respeitando as diferentes opiniões que iam surgindo, mas também contribuindo com as suas próprias sugestões. Durante este processo procurámos sempre valorizar ao máximo as vozes das crianças, incentivando-as a expressarem se e a partilhar os seus saberes. Para nós foi importante incluir as vozes das crianças, os desenhos que quiseram representar e também as palavras que queriam escrever, para que deste modo os cartazes refletissem os conhecimentos do grupo, algo que fosse único e que o grupo sentisse que fosse verdadeiramente deles.

A apresentação dos cartazes foi um momento de destaque desta semana. Foi possível observar o entusiasmo, o empenho e a confiança que os três grupos demonstraram ao partilharem com os colegas todas as informações que recolheram. Todos os cartazes ficaram diferentes e cada grupo partilhou informações pertinentes. Havia informações diferentes em todos os cartazes. Através da apresentação conseguimos observar o empenho e o orgulho que as crianças tiveram na construção do mesmo.

Durante a semana introduzimos também dois jogos nos momentos de brincadeira no jardim, o "macaquinho do chinês" e o "jogo da corrente". Estes jogos proporcionaram momentos de diversão e interação entre as crianças. Ao longo das semanas já tínhamos observado algumas crianças

a jogaram ao “macaquinho do chinês”, no entanto, optámos por fazer algumas variações para ver como o grupo respondia. Explorámos o jogo com algumas variações, como por exemplo, ao pé-coxinho, saltar em pés juntos, correr de costas, a imitar animais. Em cada partida, algumas crianças iam fazendo algumas sugestões e à medida que o jogo ia avançando mais crianças iam se juntando. Já o jogo da corrente foi uma introdução um pouco mais desafiadora, mas igualmente enriquecedora, pois foi um jogo novo para o grupo. As crianças não estavam familiarizadas com as regras do mesmo, mas à medida que íamos repetindo começaram a perceber mais, e rapidamente perceberam o objetivo e a dinâmica. A cooperação foi um elemento-chave, pois tinha de haver trabalho em equipa.

Ambos os jogos proporcionaram momentos divertidos e de aprendizagem a nível social. Num modo geral, o grupo demonstrou interesse por ambos os jogos e entusiasmos, o que nos motiva a incorporar jogos novos todas as semanas de forma lúdica. Achámos pertinente introduzir diferentes jogos, pois através deles conseguimos abordar algumas questões que estão relacionadas com a competição e com as emoções associadas ao “ganhar e perder”, pois algumas crianças ainda estão a desenvolver esta competência, e reparamos que ainda existe alguma frustração e tristeza quando perdem.

APÊNDICE 4- PLANIFICAÇÃO DO TERCEIRO MOMENTO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA

Planificação

Data:	28 a 30 de outubro	Professora Supervisora:	Joana Bernardo	N.º de crianças:	22 crianças
Mestranda a Implementar:	Ana Sebastião	Educadora Cooperante:		Auxiliar:	
Mestranda a Observar:					

Contextualização e descrição das propostas pedagógicas:

O interesse por caracóis proveniente da maior parte das crianças, já foi por nós observado. O grupo demonstra ter muita empatia em relação a estes animais, muito cuidado e afeto, pois brincam com este e tentou mantê-los nas melhores condições habitacionais, mesmo que não tenho ainda todo o conhecimento necessário para os ter fora do seu habitat. Na semana passada conversamos com todos e percebemos que já sabiam muito sobre o tema, mas que também havia muitas coisas que queriam saber, por isso investigámos algumas das suas questões. No entanto, ainda há algumas perguntas das quais não obtivemos resposta (se os caracóis fazem xixi (pergunta que surgiu durante as pesquisas) e “Como é que são amigos uns dos outros”), então daremos continuidade às pesquisas e faremos muito mais neste projeto (que termina logo que deixe de fazer sentido para o grupo e assim que os objetivos forem concluídos).

Segunda-feira: Para início da semana terminaremos as pesquisas sobre caracóis. Da parte da tarde mostraremos um vídeo (em grande grupo) sobre como cuidar de caracóis (que surgiu da pesquisa das estudantes para descobrir o porquê de os caracóis terem morrido) levando o grupo a pensar sobre o que aconteceu (a morte dos mesmos), sensibilizando-os de forma que queiram evitar esse acontecimento. Depois teremos a

comemoração do aniversário de uma criança e por isso, muito provavelmente teremos pouco tempo para começar com as partilhas sobre o que descobrimos, então adiaremos as mesmas para o dia seguinte, pela manhã.

Terça-feira: No período da manhã, com todo o grupo, abriremos o computador com os documentos word e imagens impressas das pesquisas e pediremos que partilhem o que descobriram sobre o tema, para que todo o grupo tenha acesso às informações pesquisadas pelas crianças interessadas em dar resposta às perguntas sobre caracóis. Por fim, pediremos que nos ajudem a perceber de que forma podemos tornar visível para todos as informações que encontrámos. Na parte da tarde, daremos uma contextualização sobre o que temos feito e depois nas mesas colocaremos uma folha de papel cenário com várias formas geométricas desenhadas (círculo, quadrado, retângulo, triângulo) com a inserção da espiral, para observarem, com a intenção de os intrigar para a figura da espiral. Depois iremos incentivá-los a contar as formas e a procurá-las pela sala. Em seguida, iremos para a rua explorar espirais no chão com giz e iniciaremos atividades físicas em torno da espiral e das outras formas geométricas tendo por base o bloco deslocamentos e equilíbrios (Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Educação Física), fazendo percursos ao redor das formas e jogo das cadeiras com as formas.

Quarta-feira: Neste dia de manhã os avós das crianças irão à nossa sala e da parte de tarde as crianças terão a sessão de dança, logo neste dia decidimos não implementar nenhuma proposta educativa, mas iremos apenas continuar a envolvermo-nos nas rotinas, dando respostas às crianças e registando observações coletivas e individuais das crianças.

Dia	Rotina	Intencionalidade Pedagógica	Objetivos Pedagógicos	Proposta Educativa	Organização		
					Estratégias de intervenção	Espaço	Materiais
28/10/2024 a 30/10/2024	Acolhimento/ Explorações livres (8:45h – 9:20h) (provavelmente as explorações livres passaram a ser apenas até às 9:00h, nos dias em que tivermos sessões de música (segunda-feira) e Ciências (terças-feiras de 3 em 3 semanas) para rentabilizar o tempo.)	-Promover a curiosidade das crianças, chamando à atenção para o que as rodeia, questionando as suas observações. (FPS, EC, CM); -Reforçar a importância da Partilha (FPS); -Incentivar as crianças a encontrarem as suas formas próprias de resolução de problemas, ajudando-as quando recorrem ao adulto (FPS);	-Manifestar o sentimento de pertença a um grupo; -Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões; -Realizar de forma cada vez mais independente as tarefas; indispensáveis à vida do dia-a-dia;	- Acolhimento das crianças na sala - Brincadeira Livre	-Deixar que o grupo circule e explore a sala autonomamente.	-Sala	

	10:15h – 10:30h	<ul style="list-style-type: none"> - Incentivar a capacidade/virtude de saber esperar pela sua vez (FPS); -Desenvolver o sentido de responsabilidade (FPS); 	<ul style="list-style-type: none"> -Incentivar uma postura e comportamentos adequados nos momentos de refeição. 				
<ul style="list-style-type: none"> Brincadeira/ Explorações Livres 10:30h – 11:00h 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a interação entre pares (FPS); -Promover a curiosidade das crianças, chamando à atenção para o que as rodeia, questionando as suas observações (EC, CM); -Reforçar a importância da Partilha (FPS); -Aprender a socializar e criar empatia (FPS); -Cooperar com os colegas em situações de jogo, envolvendo-os em trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> - Incentivar e promover a exploração do espaço exterior. 	<ul style="list-style-type: none"> -Exploração do espaço exterior. 	<ul style="list-style-type: none"> -Proporcionar momentos de brincadeira livre. 	<ul style="list-style-type: none"> -Parque 		

		<p><u>Terça-feira</u></p> <p>-Criar oportunidades para as crianças explorarem e desenvolverem as diversas possibilidades do corpo através de movimentos que envolvam: rastejar, saltar e entre outros (EC: Domínio da Educação Física);</p> <p>-Disponibilizar materiais diversificados que promovam a manipulação e a reflexão sobre as propriedades das formas (EC: Domínio da Matemática);</p>	<p>-Cumprir as regras do jogo;</p> <p>-Organizar conjuntos de um certo número de objetos e conseguem contar de forma crescente;</p> <p>-Disponibilizar materiais diversificados que criem oportunidades de contagem;</p> <p>-Reconhecer formas geométricas (bi- e tridimensionais) presentes no seu quotidiano (nos objetos da sala, no recreio e nas suas produções), a partir das figuras desenhadas e nos objetos encontrados com o mesmo formato.</p>	<p>-Exploração de formas geométricas na mesa;</p> <p>-Descoberta da espiral;</p> <p>-Representar a espiral de várias formas (tapete sensorial, caracóis, desenhos no chão com giz).</p>	<p>-Procurar por objetos da sala com as mesmas formas geométricas que as desenhadas no papel de cenário;</p> <p>-Explorar a forma da espiral de diversas formas.</p>	<p>- Sala/Parque/Caixa de basquete</p>	<p>-Papel de cenário;</p> <p>-Canetas;</p> <p>-Objetos diversos presentes na sala;</p> <p>-Giz;</p> <p>-Telemóvel;</p> <p>-Coluna.</p>
--	--	---	---	---	--	--	--

Higiene/ /Almoço /Explorações Livres 12:15h – 14:00h	- Promover a autonomia (FPS); -Capacidade/virtude de saber esperar pela sua vez (FPS);	-Conhecer os hábitos de higiene pessoal e procura pô-los em prática (FPS).	-Observar se as crianças lavam as mãos tendo em conta os passos praticados.	
Tempo de Atividades não Letivas 15:30h – 19:00h	Saída e entrega das crianças às assistentes operacionais do A. T.L ou aos encarregados de educação.			

Legenda: FPS: Área de Formação Pessoal e Social; EC: Área de Expressão e Comunicação; CM; Área do conhecimento do mundo

Avaliação da semana

Na segunda-feira, de manhã, optámos por dividir o grupo. A maioria foi para o espaço exterior com a educadora, enquanto um pequeno grupo deu continuidade às pesquisas na sala com a [REDACTED] e outro pequeno grupo foi brincar para a casinha com a Ana. A pesquisa deste dia serviu para relembrar alguns dos aspetos mais marcantes para a IT, pois esta queria mostrar à FP o que tinha descoberto anteriormente

Começamos a tarde com a visualização de um vídeo sobre o cuidado com os caracóis, uma iniciativa que partiu da iniciativa das estudantes ao observarem que os caracóis observados tinham morrido, logo muito provavelmente as condições de acomodação não eram as melhores. Então decidimos intrigar o grupo, levando-os a relembrar o que tinha acontecido aos caracóis que guardámos numa caixa depois de os observarmos.

Rapidamente mencionaram a morte dos mesmos o que nos levou a perguntar o porquê, ao que depois foi mais difícil de responder, mas com alguma ajuda perceberam que as condições se calhar não eram as mais indicadas para os animais estarem. O vídeo em seguida complementou as ideias e levou-os a refletir ainda mais sobre o assunto. Mostrámos o vídeo para que pudessem entender melhor as necessidades dos caracóis, pois percebemos que estes animais são do interesse do grupo e quando gostamos de algo queremos que esteja bem, ainda para mais se queremos construir numa casa para ele, condições devem estar asseguradas. Quando seleccionámos o vídeo já mais acharíamos que o grupo tivesse tanta vontade de criar as melhores condições possíveis e de estar muito atentos ao vídeo.

O vídeo revelou-se uma ferramenta, que na nossa opinião foi essencial, para despertar a curiosidade das crianças e introduzir novos conceitos. Durante o visionamento o grupo estava concentrado. Compreendemos o que os caracóis podem ou não comer, o que despertou muita curiosidade como por exemplo: “podem comer pimentos?”, e que tipo de condições são necessárias para que estes sobrevivam. Descobrimos palavras novas, como “húmido”, que imediatamente captaram a atenção do grupo acabando por despertar algum interesse e várias questões, como “O que é húmido?” e “Como é que pomos humidade no nosso terrário?”. Utilizámos um borrifador para ilustrar e explicar o conceito de humidade de uma forma mais prática (borrifando-os), o que permitiu às crianças perceberem como poderiam criar o ambiente adequado para os caracóis.

Após o vídeo, as crianças partilharam algumas ideias sobre o que achavam que os caracóis precisariam para viver bem, incluindo sugestões sobre o espaço, a comida e o ambiente em geral. Uma criança, por exemplo, sugeriu “como estava no vídeo podemos colocar uma taça com água, mas tem que ter algumas pedras para eles não se afogarem”, pois foi explicado que os caracóis podem-se afogar. Outra criança mencionou que poderíamos colocar “folhas de couve e pimentos para eles comerem”. Estas trocas de ideias mostraram como o grupo estava realmente empenhado em pensar sobre as condições que um ser vivo necessita para sobreviver, demonstrando empatia.

Este processo foi uma oportunidade para promover o pensamento crítico, ajudando as crianças a refletirem sobre o que significa cuidar de um ser vivo. Notou-se uma curiosidade genuína e o desejo de saberem mais.

Na terça-feira, introduzimos as figuras geométricas na sala, abordando o quadrado, o círculo, o retângulo e o triângulo. Primeiro, mostramos às crianças as formas para que pudessem identificar e nomear cada uma e tentassem observar à sua volta o que poderia estar na sala que tivesse aquele formato. Esta proposta surgiu após uma conversa com a educadora, que nos sugeriu abordar as figuras geométricas antes de introduzirmos a espiral, uma figura que as crianças tinham descoberto durante as suas pesquisas sobre o caracol.

Após a conversa no tapete, o grupo dirigiu-se para o exterior. Enquanto brincavam no campo de terra, a educadora trouxe uma caixa com pás, baldes e escavadoras, o que rapidamente cativou a atenção do grupo todo. Surgiram várias construções, incluindo casas, castelos, túneis, entre outras, que mostraram a criatividade e o entusiasmo do grupo.

Depois de algum tempo de brincadeira, decidimos fazer uma pausa para lavar as mãos e dar continuidade à proposta que tínhamos iniciado de manhã. Levamos para o exterior um pedaço de papel de cenário com figuras geométricas que discutimos anteriormente para que as crianças pudessem explorar as formas. No entanto, a resposta do grupo não foi muito positiva. As crianças estavam bastante inquietas e com dificuldades em focar-se na proposta e até as sentimos contrariadas e acreditamos que foi por estarem muito envolvidas com os novos brinquedos na caixa de areia. O grupo não nos queria escutar então decidimos que precisavam de algum movimento para que o ambiente não ficasse mais caótico. Então fomos pedindo que fossem para dentro das figuras que pedíamos, eles andavam livremente e assim que dizíamos o nome de uma figura eles tinham de ir para dentro das várias existentes, que foram desenhadas pela estudante e por crianças que quiseram desenhar também.

Como todo o processo de brincar com os baldes, arrumar e participar na proposta educativa demoraram bastante tempo devido à falta de adesão, em seguida o grupo foi almoçar.

Na sala depois do almoço sentámo-nos no tapete, todos e cantamos músicas para que o grupo acalmasse e demorou um pouco. Enquanto isso, a educadora entregou-nos uma história sobre figuras geométricas para lermos. Assim que viram a história ficaram empolgados para a escutar.

Lemos a história fomentando a sua curiosidade ao fazermos por vezes perguntas sobre o que achavam que ia acontecer, como “e agora será que se vai dividir outra vez em mais partes?” e estes muitas das vezes acertaram. Quando no livro apareceram imagens das figuras geométricas, quadrado e círculo (que eram amigos) a transformarem-se em conjunto em pessoas enquanto brincavam, o grupo ficou impressionado com as semelhanças e consequentemente com as capacidades dos dois. No final foram capazes de ficar ainda mais impressionados quando lhes mostramos que esses amigos tinham a capacidade de fazer o mundo todo ao fazerem parte das formas de quase todos os objetos, seres e construções.

Após a história referimos que a leitura da mesma tinha sido feita com alguma triste e perguntámos se tinham percebido isso e o silêncio reinou a sala e algumas crianças afirmaram que achavam que estávamos assim por que eles se tinham portado mal, numa outra ocasião (mas apenas fizeram algum barulho). Nisto respondemos que não e explicámos que não estávamos à espera de os ver da forma que estavam de manhã, não pareciam eles. Então dissemos que iríamos pensar se voltaríamos a repetir aquela proposta, tendo eles que fazer a parte deles.

Por sugestão da educadora, com caneta dividimos as duas mesas em 4 partes e desenhamos nas mesmas, as figuras geométricas, quadrado, retângulo, círculo e triângulo. Todo o grupo se posicionou ao redor da mesa e foi-lhe explicado que teriam que trazer para a mesa objetos com as mesmas formas geométricas que tínhamos mencionado. Todos foram buscar e assim que se reuniu um grande número de peças juntou-se as crianças que já estavam perto de cada uma dessas partes. E cada criança seria de recolher para a sua parte da mesa todos os objetos correspondentes a figura geométrica desenhada na sua parte.

Apesar de acharmos que colocar todo o grupo à volta da mesa pudesse gerar alguma confusão, não foi o que aconteceu e no momento de separar os objetos pela forma constatámos, ainda, que apesar de haver crianças que lideravam mais a situação estas colocavam os outros a pensar e acabavam também por os motivar. As crianças que lideravam eram maioritariamente as mais velhas e as que iam buscar os objetos eram as mais novas e as mais velhas confirmavam se a seleção estava bem feita. As mais velhas chegavam a questionar o grupo se algumas figuras realmente

pertenciam ao seu grupo. Algumas vezes ajudávamos a orientar os seus raciocínios, no entanto poucas foram as dúvidas, todos participaram a agrupar os objetos e fizeram-no com uma certa rapidez demonstrando que já reconhecem bastante bem as figuras geométricas abordadas.

Depois de todas as peças organizadas pedimos que o grupo arrumasse o que estava nas mesas, porque a seguir viria a próxima parte. Algumas crianças foram para a mesa dita de os crescidos mexer em massa e na mesa dos pequenos havia areia cinética. Cada criança teve ou um bocado massa ou um bocado de areia para explorar de maneira que quisesse, no entanto, fomos pedindo que também experimentassem fazer algumas formas geométricas, acho que ainda estavam desenhadas nas mesas. Quase todos quiseram fazer as formas nomeadamente na mesa com a massa. Na mesa com areia muitas das crianças apenas poderão a textura ou fizeram algum tipo de escultura como por exemplo um vulcão.

Na quarta-feira, foi a confeção do bolinho com os avós que começou pouco depois das 9h. Algumas crianças e familiares chegaram um pouco atrasados, mas foram se juntando. A manhã foi de grande cooperação, uma vez que tivemos avós e pais a ajudar a criança da sua família e outras, a educadora a ajudar a seguir a receita dando indicações e a ajudar as crianças e as estudantes ajudaram as crianças a fazer o bolinho, a vestir irem para a sala e a tirar fotografias.

Cada criança teve à sua frente um pouco de farinha antes de receber a massa do bolinho que ainda estava a ser preparada. Durante esse tempo houve algumas brincadeiras com a farinha que aproximam de certa forma mais as crianças umas com as outras e com os adultos presentes. Assim que a massa ficou pronta cada criança recebeu um pequeno pedaço para fazer pequenas esferas com distração e ajuda da educadora e ajuda das famílias e estudantes. Nem todas as crianças tiveram os seus familiares presentes, no entanto apenas no primeiro impacto é que se notou alguma tristeza, porque depois vários adultos eu encontro destas crianças e interagem com elas. Algumas crianças ainda que poucas (ex: MA, FR), não quiseram mexer na massa, mas outras fizeram bastantes bolinhos (ex: CM). À medida que terminava um bolinho colocava na cesta e assim foi até ficarmos sem massa e sem crianças na sala. Pois à medida que ficavam saturadas da proposta iam à casa de banho lavar as mãos e para o parque brincar.

Depois a pouco e pouco as famílias foram saindo deixando algumas crianças em lágrimas e juntámo-nos todos em roda (ainda que fazer uma roda seja uma dificuldade) e comemos o lanche da manhã todos juntos interagindo por vezes com algumas crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico que nasceu neste espaço.

Em seguida, regressámos à sala para iniciar a construção dos cartazes referentes às pesquisas realizadas até ao momento, e outro grupo continuou com as pesquisas que ainda estavam em falta.

Durante a construção dos cartazes, as crianças recortaram as imagens que tinham selecionado previamente. Para aprofundar a compreensão do que estavam a fazer, foram feitas algumas perguntas que incentivaram as crianças a partilhar o que realmente tinham compreendido durante as pesquisas. Foi evidente o interesse das crianças em expressarem as suas aprendizagens de forma independente, pedindo para serem elas a escrever o que estavam a transmitir. Para facilitar este processo, foi escrito num pedaço de papel as palavras e frases que eles queriam incluir, permitindo que as crianças copiassem para os cartazes.

A pesquisa foi realizada com a SS, a LL e a CV que a certo ponto estavam mais interessadas em tirar fotografias com a máquina fotográfica da Ana e em escrever no computador. Portanto, combinámos que podiam tirar fotografias e escrever no computador após as pesquisas e a concentração delas melhorou, no entanto, a SS foi quem não cumpriu o combinado então não tirou fotografias.

A seguir à hora do almoço sentámo-nos no tapete e estagiário teve a ideia de ler a história “O Caracol e a Lagarta” e o grupo foi desta vez provocado a prever os acontecimentos da história e a refletir sobre a moral da mesma. “Será que o Caracol e lagarta vão voltar a ficar chateados um com o outro por estarem a comer a mesma folha?” ao que o grupo respondeu que achava que não, porque já eram amigos e porque Enquanto eles discutiam outro animal apareceu e comeu a folha.

Falamos em seguida sobre a construção do cartaz e algumas crianças partilharam informação que acham importantes de estar no cartaz.

Um dos diálogos:

Ana -Como é que os caracóis deitam baba? (pergunta de uma criança)

FP-“Porque eles tão com medo, só tão a defender”.

VC-“Primeiro temos de molhar a nossa mão”

Ana-“É verdade, por que eles precisam de ter a pele o quê?”

VC-“Húmida para proteger o caracol e ele andar à vontade”

Depois perguntámos onde queriam deixar visível o que descobrimos e eles referiram que gostavam de ter à porta da sala, do lado de fora (em cima dos cabides).

Na sala entrou uma funcionária a dizer que duas crianças tinha insultado uma senhora por ser idosa, no entanto uma das crianças VC sensibilizou-se e começou a chorar afirmando não ter feito isso e sim uma criança do 1º ciclo do Ensino Básico. A outra criança afirmou também que não tinha chamado. Toda esta conversa fez com que o grupo se sensibilizasse dando ideia de tratamento possível.

No final, retomámos ao cartaz e as crianças tiveram a oportunidade de todas verem imagens dos ovos dos caracóis, de ver por onde saem “Saem pela bochecha!” - IT, e de ver um caracol bebé a comer a casca do seu ovo, despertando assim a sua curiosidade.

APÊNDICE 5- TABELA PARA CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS DE PRÁTICA PEDAGÓGICA

Meio Envolvente e Instituição	
Serviços ao redor da instituição / Espaços de Interesse	
Património	
Espaços verdes	
Coletividades	

História/ Missão	
Abordagens Pedagógicas	
Projetos e Parcerias	
Gestão/Horários de Funcionamento	

APÊNDICE 6- AUTORIZAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO

Declaração de Consentimento Informativo

Exmos (a) Encarregados de Educação,

Os nossos nomes são Ana Sebastião e [REDACTED] e somos alunas do 2º ano do Mestrado em Educação Pré-escolar da Escola Superior Educação e Ciências Sociais. A nossa integração na [REDACTED] visa proporcionar a realização de um estágio de observação e intervenção com funções de apoio e supervisão de crianças, conducentes à valorização da formação humana, à promoção do desenvolvimento pessoal e social e à aquisição e desenvolvimento de competências, seja a título individual, seja do ponto de vista grupal, de forma a promover um enriquecimento e crescimento profissional adequado.

Desta forma, vimos solicitar a vossa colaboração neste estágio de intervenção que estamos a realizar, com supervisão da docente Joana Bernardo.

Vimos assim solicitar a vossa autorização para a captação e registos dos vários momentos diários (fotografias, vídeos, desenhos e entre outros), para fins académicos relacionados com a prática pedagógica (estágio) e relatório final de investigação (tese).

Desde já, referir que será assegurada a confidencialidade em todo o processo. Os vídeos e registos, serão tratados de forma anónima e exclusivamente para fins académicos, garantindo a confidencialidade dos dados.

Caso autorize, basta assinalar em baixo.

Deste modo, ciente do estabelecido acima:

AUTORIZO

NÃO AUTORIZO

Nome da Criança: _____



Assinatura do Encarregado de Educação: _____


Assinatura da Educadora: _____

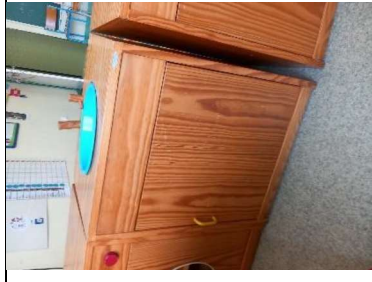
Obrigado pela sua colaboração!

Ano letivo 2024/25

APÊNDICE 7 - INVENTÁRIO DO ESPAÇO DA CASINHA (ANTES DA REESTRUTURAÇÃO)

Fotos dos espaços	Objetos	Quantidades	Material dos objetos
		<p>1-Armário de Loiças; 1-Balança; 19-Talheres; 2-Espatulas; 6-Chavenas; 1-frigideira; 1-jarro; 2-Bole com tampa; 3-Panelas com tampa; 1-Frigideira com tampa; 8-Pratos;</p>	<p>O armário era em madeira, o restante era tudo em plástico com exceção da luva e da pega.</p>

		<p>1-Tigela; 5-Copos; 1-Luva; 1-Pega; 1-Caixa com tampa; 1-Escorregor; 1-Porta talheres.</p>	
		<p>1-Máquina de lavar a roupa.</p>	<p>A máquina era em madeira.</p>



1-Lava-loiça;
1-Cuba (alguidar).

O Móvel era madeira e
o lava-loiça em
plástico.



1-Fogão com forno.


O móvel era em
madeira.



- 1-Cómoda;
- 1-Saco;
- 2-Fraldas;
- 1-Par de sapatos de bebé;
- 19-Peças de roupa de bebé;
- 7-Peças de roupa para adulto.
- 3-Chapéus;
- 1-Caixa para óculos.
- 1-Caixa para acessórios;
- 15-Pulseiras;
- 11-Colares;
- 7-Óculos de sol;
- 13-Anéis;
- 2-Ganchos para o cabelo;

A cómoda era em madeira e as roupas em tecido.
Os chapéus e a caixa de óculos eram em verga.
Os restantes objetos que correspondiam aos acessórios, eram feitos de materiais diversos, como metal, madeira, tecido, resina e ainda de plástico como a caixa que os acomodava.

		<p>1-Relógio; 1-Carteira.</p>	<p>O armário de roupas era em madeira.</p> <p>As roupas eram de tecido e os cabides de plástico. As malas em tecido e verga e dentro de uma delas constavam algumas carteiras e cartões feitos de plástico. As malas de médico e de maquilhagem eram de plástico e tudo o que havia no interior de cada uma era de plástico também.</p>
		<p>1-Armário de roupas; 9-Peças de roupa; 1-Bata de médico; 3-Cabides; 3-Malas; 2-Pares de sapatos de adulto; 3-Carteiras; 2-Cartões; 2-Malas de médico; 1-Cama pequena; 3-Frascos de medicamento; 1-Pinça;</p>	

		<p>1-Caixa de maquilhagem; 3-Porta maquilhagens; 1-Secador de cabelo; 1-Espelho; 1-Pulseira; 3-Frascos de verniz; 1-Frasco de perfume; 1-Pingente; 2-Batons.</p>	
		<p>1-Alcofa de passeio; 1-Manta.</p>	<p>A estrutura da alcofa era em ferro, no entanto, esta era revestida em tecido e tinha algumas partes de plástico e borracha (rodas).</p>



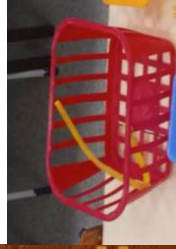
1-Cama;
 1-Colchão;
 1-Almofada;
 1-Forra de colchão;
 2-Lençóis;
 1-Cama de passeio;
 5-Bebés.

A cama era em madeira. O colchão, os lençóis, a almofada e a cama de passeio eram feitos de tecido e espoja. Já os bebês eram feitos em plástico e tecido e possuíam enchimento. A forra do colchão era em plástico.



1-Suporte;
 1-Vassoura;
 1-Pá;
 1-Escova;
 1-Espanador;
 1-Esfregona.

Tanto o suporte quanto os cabos dos utensílios eram de madeira e o restante em tecido (espanador) e plástico (vassoura).



1-Mesa;

4-Cadeiras;

1-Toalha;

29-Alimentos;

1-Cesta para alimentos.

A mesa e as cadeiras eram em madeira, sendo que os seus pés eram em metal. A toalha em tecido e todos os alimentos em plástico, incluindo a cesta dos mesmos.



1-Tábua de passar a ferro;

1-Ferro de engomar.

A tábua de passar a ferro era feita em metal e coberta com tecido. O ferro de engomar era em plástico e no interior constituído por uma parte elétrica, uma vez que já tocou música.

APÊNDICE 8- AUTORIZAÇÃO PARA A ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE

Consentimento/Autorização da entrevista

Tema: As potencialidades do espaço da casinha

Entrevistador: Ana Sebastião

Entrevistado: Educadora de Infância, valência de Jardim de Infância

Contexto educativo: Jardim de Infância público– sala dos 3 aos 6 anos

Local: Presencial

Duração: 30 a 60 minutos

A entrevista será realizada pela Ana Sebastião no dia 11 de novembro, à educadora [REDACTED] para obtenção de resposta a diversas dúvidas. As perguntas que serão colocadas têm como propósito perceber quais são as potencialidades do espaço da casinha e que alterações serão possíveis realizar nessa área.

Posto isto, esta entrevista tem como tema “As potencialidades do espaço da casinha”, e será utilizada unicamente para fins académicos, mais especificamente para o meu trabalho de investigação (Tese) que será construído envolvendo a instituição acolhedora da prática pedagógica supervisionada e a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria.

Assim sendo, pedimos o consentimento para a utilização de registos áudio captados durante a entrevista. Salientando que estes registos fornecidos serão confidenciais e destruídos após transcrição.

Deste modo, ciente do estabelecido acima:

AUTORIZO

NÃO AUTORIZO

Leiria, 11 de novembro de 2024.

*Se por motivos de gralha ou erro se quiser alterar algo que foi dito na entrevista terá de avisar quando a entrevista estiver a decorrer ou quando esta estiver a terminar para que possa proceder à correções.

APÊNDICE 9- GUIÃO DE ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE



Escola Superior da Educação e Ciências Sociais | Mestrado em Educação Pré-Escolar

Prática Pedagógica em Educação Infantil – Jardim de Infância | 1º semestre | Ano Letivo 2024/2025

Discente: Ana Sebastião, n.º 1230249

Docente supervisor: Joana Bernardo

Docente orientador: Joana Freitas Luís

Educadora: ██████████

Guião de Entrevista

Tema: As potencialidades do espaço da casinha

Entrevistador: Ana Sebastião

Entrevistado: Educadora de Infância, valência de Jardim de Infância

Contexto educativo: Jardim de Infância público – sala dos 3 aos 6 anos

Local: Presencial

Duração: 120 minutos

Blocos	Objetivos	Questões	Tópicos Orientadores
--------	-----------	----------	----------------------

<p>(A) Legitimação da Entrevista</p>	<p>-Abordar os principais objetivos com a entrevistada.</p>	<p>1) Explicar a temática proposta; 2) Dar importância ao fator anônimo do uso das informações fornecidas; 3) Questionar a recolha dos dados obtidos para o resultado trabalho.</p>	<p>- Pedir autorização para gravar a entrevista; - Dar conhecimento da transcrição da entrevista; - Garantir acesso à transcrição da entrevista.</p>
<p>(B) Introdução</p>	<p>-Motivar o entrevistado</p>	<p>1) Recuemos à sua infância. Lembra-se de brincar neste tipo de contexto? 2) Que memórias guarda? 3) Que parte do espaço da casinha ou objetos mais iria gostar?</p>	<p>-Explicar a sua escolha e que relação é que esta tem com as suas memórias de infância.</p>

<p>(C) Intencionalidade referente à área</p>	<p>-Perceber como é que este espaço surgiu</p>	<p>1) Quem foi que construiu este espaço aqui na sala? 2) Que brinquedos e móveis tinha? (alguns exemplos) 3) Com que regularidade este espaço é alterado?</p>	
<p>(D) Tipos de brincar na área</p>	<p>-Escutar e comparar a observação da educadora com a minha</p>	<p>1) Que brincadeiras costumam realizar as crianças do grupo no espaço da casinha?</p>	

<p>(E) Benefícios da brincadeira no espaço da casinha</p>	<p>-Escutar o ponto de vista da educadora em relação aos benefícios de brincar na área</p>	<p>Que benefícios tem esta área no seu ponto de vista, uma vez que esta faz parte da sala?</p>	<p>-Tendo em conta a sua experiência profissional, referida numa anterior entrevista, acredito que reconheça o espaço da casinha como uma área de grande importância e por isso esta faz parte da sua sala.</p>
<p>(E) Reestruturação do espaço</p>	<p>-Compreender as possíveis alterações possíveis no espaço -Perceber se terei o apoio da educadora e restante comunidade escolar à proposta de reestruturação da área da casinha</p>	<p>1) Se pudesse que alterações faria no espaço? Pode dar sugestões de melhoria? 2) Quais seriam os objetos que para si são os mais importantes em manter e quais os que são menos indispensáveis (sendo possível retirá-los)? 3) Seria possível trazer novos objetos para a casinha? Se sim, acha possível a colaboração da comunidade escolar?</p>	<p>-Compreender se na perspetiva da educadora seria possível ampliar o espaço, uma vez que no interior deste as crianças têm dificuldade em se movimentarem.</p>

<p>(F) Impacto da reestruturação</p>	<p>-Entender qual poderá ser o impacto das modificações na área</p>	<p>1) Considera que a reestruturação do espaço trará algum impacto no grande grupo e consequentemente um maior interesse do mesmo pelo espaço?</p>	<p>-Sejam quais forem as alterações ao espaço, estas estarão relacionadas com as necessidades e interesses das crianças, demonstradas no dia-a-dia e partilhadas na entrevista que se realizará ao grupo. Tendo em conta também a opinião da educadora e a minha.</p>
<p>(G) Considerações Finais</p>	<p>-Finalização da entrevista</p>	<p>1) Na sua opinião, existe algo que não tenha sido referido nesta entrevista e que considere importante?</p>	<p>-Agradecimento pela disponibilidade</p>

APÊNDICE 10- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE

Gravação de 11 minutos e 52 segundos, no telemóvel: Ocorreu no dia 11 de novembro de 2024, até ao 12:12h

(B) Introdução

1) Recuemos à sua infância. Lembra-se de brincar neste tipo de contexto?

Educadora: No espaço da casinha ... Eu não tinha uma casinha mas o que eu me lembro é quando a minha mãe estava a fazer o almoço por exemplo e eu tinha umas loucinhas não é uns brinquedos eu fazia também o almoço com a minha mãe, ou seja, ela dava-me as cascas das cenouras da batata e eu fazia os meus cozinhados para as bonecas. Eu não era propriamente... para já, eu não tinha as condições que têm os meninos agora que têm tudo e mais alguma coisa, não é. E às vezes uma caixa de manteiga da flora, (aquelas coisas), ou um pauzinho servia para ser a panela e fingir que estava no fogão a cozinhar, portanto lembro-me de fazer cozinhados. Como lembro-me de juntar as minhas bonecas todas e ensinar-lhes canções, portanto dentro do espaço da casinha eu brinquei muita coisa. Olha brinquei aos talhos, não é bem a cozinha...

Investigadora: sim.

Educadora: ... Não é bem na cozinha, mas é o jogo simbólico na mesma em que os cartões, cortávamos cartões e isto é bifés, isto é frango, isto é peru e ... Ó minha Senhora o que é que você quer para o seu almoço (não sei quê). Coisas assim do género do jogo simbólico.

Investigadora: Mas brincava com alguém... era só em casa só com a família?

Educadora: Olha, eu fui filha única até aos 6 anos, portanto até aos 6 anos eu brincava muito sozinha. Depois nasceu o meu irmão. O meu irmão não era assim propriamente um miúdo que quisesse brincar às casinhas que ele queria era carros e futebol e não sei quê. Mas brincava às vezes com as vizinhas, brincava com as vizinhas às casinhas, com bonecas. Só no âmbito da casinha, que tu queres saber, né?

Investigadora: Sim.

Educadora: ... Dar banho aos filhos, ensinar canções aos filhos, contar histórias aos filhos... Agora eu era o pai, agora eu era a mãe e eu agora era a tia ou então às vezes... tinha lá uma vizinha que era a Maria, normalmente ela era a tia que vinha visitar-nos, pronto é assim.

Investigadora: Então assim em relação à escola, não havia nenhum espaço semelhante.

Educadora: Não. Eu não fiz pré. E quando eu fui para a escola fui logo para o 1º Ciclo do Ensino Básico e durante e o 1º Ciclo do Ensino Básico que eu fiz, entrei setenta e um, não tem nada a ver com o que é agora. Era sentadinha, quietinha e na escola... O que é que a gente fazia fora disso. Tínhamos um intervalo de meia hora e então era jogo de elástico, saltar à corda, jogo de elástico, apanhada, escondidas. tudo o que desse para (educadora faz gesto comumente conhecido para sair de um lugar). Agora casinha propriamente não, mas tudo o que era brinquedos tipo, panelinhas, fogõezinhos... essas coisas todas. Eu quando fazia anos ou quando era a altura do Natal, eu pedia sempre essas coisas porque eu lembro-me de ter os mesmos 6 ou 7 anos e ter dito que queria que o Pai Natal me oferecesse um conjunto de painéis de alumínio. Não queria de plástico, queria de alumínio para serem iguais à da minha mãe e quando desembrulhei a prenda e vi que realmente eram de alumínio pensei “O Pai Natal é fantástico, ele faz mesmo as vontades às crianças”. Porque eram mesmo aquelas que eu queria, não queria de plástico. As minhas amigas tinham de plástico e eu não queria de plástico eu queria iguais à da minha mãe de alumínio, de cor de alumínio como as da minha mãe. Portanto, fora do âmbito da casa, não, não tinha. Ou eu ia para a casa das amigas ou as amigas vinham para a minha casa... e era assim brincamos. Agora na escola eu não fiz pré e tenho a ideia que as pessoas fizeram pré antes de mim... era mais no iniciar aprendizagens para o 1º Ciclo do Ensino Básico era já a preparação para a chamada escola primária, ou seja, grafismos, dobragens, era mais nesse âmbito. Daquilo que eu sei de colegas que me falaram que faziam isso... Eu não fiz, na escola do local onde eu vivia não havia pré, mas de colegas que frequentaram lembro-me de me falarem muitas vezes era muito isto.

2) Que memórias guarda?

(Resposta dada na pergunta acima)

3) Que parte do espaço da casinha ou objetos mais iria gostar?

Educadora: O tamanho das coisas. Porque quando eu era pequena os brinquedos que havia... Eu tinha um fogão, mas era um fogão (educadora gesticulou algo pequenos com os braços) estás a ver, era assim uma coisinha de 20 cm, ou... Eu tinha casinha de bonecas era assim, agora imagina eu em setenta e um, com 6 anos ter um fogão como o que eles têm aqui, um frigorífico uma máquina de lavar roupa estás a ver o tamanho. Nem é tanto o que lá está. Eu imagino que eu [] (nome da educadora) naquela altura ter essas coisas do tamanho que agora têm... era uma alegria. De certeza que eu nem ia querer sair de casa, não é? Porque não tem nada a ver, porque eu tinha as coisas, mas era tudo pequenino, agora isto é tudo à grande e quase tudo igual ao que realmente é na realidade, não é? Os fogões estão mesmo quase uma cópia daqueles que agora... não que agora são placas vitrocerâmica, mas são quase a imitar os fogões verdadeiros e máquinas de lavar e frigoríficos. Nós já tivemos ali um micro-ondas, foi para o lixo o ano passado, mas nós tivemos um micro-ondas que até quando fazia o fim do ciclo fazia, plim. Fazia isso tudo. Por exemplo, o ferro de engomar eu quando era pequenita tinha um ferro de engomar de madeira que o meu pai lá comprou numa feira qualquer, mas aqui este ferro que agora aqui temos já está avariado. Mas ele fazia música. Já viste o que é um ferro de engomar com música? Não ia gostar eu, é claro que ia gostar, até tu ias gostar.

(C) Intencionalidade referente à área

1) Quem foi que construiu este espaço aqui na sala?

Educadora: Este espaço já teve em vários espaços. Não foi sempre ali, ele já esteve no sítio onde agora é o acolhimento, já esteve ali, já este onde é a garagem. Portanto, todos os anos eu tento potenciar o melhor espaço possível para que eles tenham diferentes experiências, ou... Por exemplo, quando foi da pandemia eu queria que os espaços tivessem mais afastados uns dos outros para não haver muitos garotos juntos. Estar na garagem e casinha logo ao lado e então eu pus a garagem numa ponta a casinha noutra. Porque estás a ver num sítio... Atualmente estão 5 na

casinha, 4 na garagem, mas são muito próximos. Quando foi da pandemia eu tentei afastá-los mais. Tinha a garagem onde agora é a casinha e tinha a casinha onde agora é o acolhimento e tinha o acolhimento onde agora é a garagem. Portanto o espaço não tem sido sempre o mesmo, o ano passado e este ano tem ficado ali e acho há dois anos também. Acho que é o terceiro ano que a casinha está ali, é o terceiro.

Investigadora: Assim dessa forma?

Educadora: É

Investigadora: Só por si...é construído só por si ou...

Educadora: ...E eles, e por eles. Por exemplo, nós já tivemos ali mais equipamento, já tivemos ali um espelho, era um armário que está ali eu tirei-o porque eles disseram: “Com este armário aqui nós não conseguimos fazer isto ou fazer aquilo.” Eles queriam fazer coisas e isto é um armário... eu acho que está aqui o armário, é um armário grande tipo vestiário. Já não está cá. Portanto isto (biombo) também já lá esteve.

Investigadora: Á esse biombo, não é?

Educadora: Sim, estava sempre a cair, portanto teve de se arrumar. O armário tinha cabides, duas gavetas e depois tinha um espelho e aquilo estava tudo lá na casinha e eles às vezes iam fazer coisas e tivemos que tirar porque não havia espaço, ou então tinham de estar lá só 3 garotos, por exemplo. Eu tinha que pôr, ou menos meninos do espaço ou menos equipamento. Às vezes eles dizem “Ó [redacted] (nome da educadora), podias comprar...” Há dois anos pediram-me o micro-ondas, pronto. Depois queriam um carrinho verdadeiro que é aquele que eles agora têm que me custou quase cinquenta euros. Aquele azul que tem...o carrinho de bonecas.

Investigadora: Á sim, estava a imaginar um carro mesmo.

Educadora: E aquilo sai, tipo faz também de ovo para o carro. Aquilo custou... cinquenta euros aquilo. A tábuia de engomar elas que me pediram, pediram... Eles vão me pedindo eu vou comprando consoante vem a verba do Ministério da Educação. Agora, por exemplo o micro-ondas foi para o lixo porque a porta estragou-se. Durou dois anos acho eu, não durou muito e o plim só durou um ano. Sabes que é assim, os meninos atualmente, não têm cuidado de preservar as coisas porque se estragar a mãe comprar outro, estás a perceber. E na escola a gente tem que motivá-los para que as coisas... as coisas são de todos e que a escola não tem possibilidade de andar sempre a comprar coisas novas. Mas experimenta dizer isso a eles, eles dizem logo “A minha mãe depois dá-te dinheiro. A minha mãe depois compra.” E como não têm aquela coisa que se eu estragar... Como era quando eu era pequena, que se eu estragasse não tinha mais.

2) Que brinquedos e móveis tinha? (alguns exemplos)

(pergunta respondida acima)

3) Com que regularidade este espaço é alterado?

(pergunta respondida acima e complementada)

Educadora: E eu todos os anos tento mudar. Eu este ano era para ter mudado só que depois da maneira que eu pus as mesas, depois acabou por... Se eu tive posto as mesas de outra maneira. Por exemplo eu no ano passado não tinha duas mesas, tinha três. Três conjuntos de mesas.

Investigadora: Ok.

Educadora: Tinha três conjuntos de mesas. A sala tinha outra dinâmica, mas este ano pus só duas, por que pensei assim, este ano tenho meninos grandes e meninos pequenos. O ano passado eu tinha poucos meninos grandes, muitos médios, que são agora os finalistas, e pouquinhos de três anos também. E então fiz três conjuntos de mesas. Fiz um conjunto grande, depois fiz uma em que juntei as duas meias luas e fiz uma redonda e depois sobraram duas retangulares e fiz uma só com retangulares. Então tinha a mesa dos cinco anos que agora foram para o 1º Ciclo do Ensino

Básico, as dos quatro e a dos três anos. Porque podia ter juntado os três com os quatro, só que os de três era só o DS, que era mesmo pequenino, era uma menina que se foi embora (nome), foi para outra escola, e ... não me lembro que era, mas eram três. Então o que é que eu fiz, pus aqueles de três anos e depois fui buscar três de quatro anos, mas aqueles quatro anos acabadinhos de fazer e depois pus noutra mesa os de quatro anos que já iam fazer cinco, que era o caso do VC, o caso do LA, a SS. Que eram meninos que tinham quatro, mas já iam fazer cinco. Juntei-os ali e depois na outra mesa ficaram já aqueles que estavam quase a fazer seis anos, que eu tive muito meninos que fizeram seis anos até ao Natal. Portanto foi assim, aqueles que eu tinha a certeza que iam para o 1º Ciclo do Ensino Básico juntei-os numa mesa por que a partir de uma certa altura começo a trabalhar aprendizagens... lá está...a pré-escrita a pré-leitura, essas coisas todas. Isto foi mais para eu olhar e saber, aqui sentam-se os meninos que vão para o 1º Ciclo do Ensino Básico, ali sentam-se aqueles que não iram.

Gravação de 10 minutos e 26 segundos, no telemóvel: Ocorreu no dia 11 de novembro de 2024, até ao 12:29h

(D) Tipos de brincar na área

1) Que brincadeiras costumam realizar as crianças do grupo no espaço da casinha?

Educadora: O que eu tenho observado este ano... até tu observaste mais do que eu, mas normalmente eles fazem muito.... Ali há muitas coisas que acontecem, ali há fazer os almoços, fazer os jantares, cuidar dos bebés, fazerem festas de aniversário. Mas já vi lá partos, já tive lá uma que pus uma grande barriga por que a mãe estava grávida e então ela também estava e depois o bebé também nasceu e ... Por exemplo, ali há uma dinâmica que também depende de quem lá está, se reparares. Por exemplos os mais pequenitos estão lá para desarrumar é a única coisa que fazem. É tirarem tudo, tiram, tiram, não brincam a nada e poem tudo no chão. Uma coisa que eles estão a fazer muito é fazer piqueniques, tiram todo, metem nos poofs. “Então, mas vocês tiraram tudo da casinha porquê?” “Ah, porque agora estamos no quintal a fazer um piquenique” (exemplo prático daquilo que acontece) Ou seja, para eles o espaço dos poofs é o quintal da casa então levam as panelas, os pratos...sentam-se lá todos e vão fazer o piquenique.

Investigadora: Já os vi colocarem óculos. A preparar comidas.

Educadora: Sim, muito. E a trocar de roupas e a vestir roupas.

Investigadora: E hoje foram para lá muitos rapazes. Eu não sei, pode estar relacionado ou não, mas eles expandiram o espaço da casinha. Eles puseram-se a varrer o tapete da sala, com esfregona e tudo mais.

Educadora: Fizeram bem. (risos)

Investigadora: Eu disse “Hoje pode ser por que não está aqui mais ninguém na sala”.

Educadora: Olha o ano passado a MN gostava muito disso, este ano se calhar já não gosta tanto.

Investigadora: Não.

Educadora: Mas a MN no ano passado quando eu comprei aquele conjunto de limpeza ela adorava a pá e a vassoura. Passava a vida com a pá e a vassoura, sempre a varrer, sempre a limpar. Este ano acho que já não está com essa mania. Mas ela gostava muito de fazer isso. Os miúdos vão mudando, às vezes num ano vão lá e fazem de uma maneira, no outro de outra.

(E) Benefícios da brincadeira no espaço da casinha

1) Que benefícios tem esta área no seu ponto de vista, uma vez que esta faz parte da sala?

Educadora: Às de reparar que a casinha está em todas as salas da pré, por que a casinha tem uma importância terrível, por que vê bem... Eles ali vão fazer o jogo simbólico. “Agora eu sou a mãe!”, “Agora eu sou o pai!” (exemplos práticos dados pela educadora). Ora, eles estão a reviver as suas experiências, as suas experiências familiares. Eles estão... lá está ali está todo o jogo simbólico, portanto eles estão a fazer de conta que “Agora eu era a mãe!”, “Agora tu eras o filho!”, “Agora tu eras o pai!”. Eles estão a viver e isto é crescer, por que eles estão a... como é que te ei

de explicar... Estão a viver aquilo que é a sua experiência pessoal, não é? Eles não podem fazer ali coisas que eles não conheçam da sua vida pessoal, não é? E o que é que as crianças desta idade mais conhecem? O seu ambiente familiar, não é? A sua casa, a sua família. Antes deles conhecerem o oceânico, o fluvial, antes deles conhecerem a expo e antes de irem para a escola. O que é que eles conhecem? O seu ambiente familiar a sua casa, o sítio onde eles se sentem seguros. E normalmente os meninos quando vêm para a escola em setembro e que até choram... tu apresentas-lhes a casinha e é um sentiú onde eles logo e imediatamente gostam de estar lá. Fascina-lhes o ferro de engomar, o frigorífico, o fogão, a casinha, as bonecas, o carrinho. É uma coisa que para eles lhes diz muito, por que é uma coisa que lhes é familiar.

Investigadora: Traz-lhes então aquela sensação de calma é o que quer dizer.

Educadora: De estar em casa e as relações são aquelas que elas conhecem, são as relações da família. “E eu agora vou fazer de conta que sou a mãe”, “E agora vou fazer de conta que sou o pai”, “E tu és o filho!”. Estás a perceber? Depois mais tarde até se calhar até transformam aquilo por exemplo, como no ano passado, num centro de saúde. A casinha deixou de existir e passou a ser centro de saúde. Depois deixou de ser um centro de saúde e passou a ser um cabeleireiro, estas a perceber. Ou um centro de estética, uma coisa assim. Mas isso vai depois das necessidades e interesses deles, não é. Mas no início, tu vais onde fores, pelo menos eu em trinta e sete anos em todos os jardins de infância por onde eu já passei como educadora ou até como membro do sindicato que às vezes vou visitar as escolas, há sempre uma casinha das bonecas. Em todo o lado. Digamos que é essencial estar lá.

Investigadora: Eu não tenho tanta experiência quanto a (nome da educadora), mas também tenho visto muito isso.

Educadora: Mas se falares com as colegas vais ver. A casinha das bonecas é essencial numa sala de jardim de infância. Pode depois com os interesses das crianças... Eu uma vez transformei também a casinha, deixou de ser casinha e passou a ser uma frutaria por que eles queriam uma frutaria, queriam vender fruta, fomos vender fruta e deixou de ser casinha e passou a ser frutaria. Mas isso foi do interesse deles, do projeto deles, daquilo que eles pediram. E também já tive uma vez num sítio em que a casinha deixou de ser casinha e passou a ser uma escola. Os bebés eram os alunos, depois pediram-me um quadro, tivemos de pôr as cadeiras lá dentro, pronto. Estás a ver, são dinâmicas do grupo, mas a casinha base

quando a gente montamos uma sala, até a câmara, a primeira coisa que compra é o equipamento para a casinha, por que todos os jardins têm. Não sei se está errado ou não, eu acho que está certo. Para mim faz todo o sentido, mas pode haver filosofias e pedagogias que achem que...mas é sempre importante o jogo simbólico.

Gravação de 22 minutos e 52 segundos, no telemóvel: Ocorreu no dia 13 de novembro de 2024, até às 15:20h

(F) Reestruturação do espaço

1) Se pudesse que alterações faria no espaço? Pode dar sugestões de melhoria?

Educadora: Vocês podem mudar o espaço e eu não vos dou sugestões. Vocês é que têm de encontrar essas respostas junto dos meninos. Falem com eles, como é que eles gostavam de pôr. Já te disse que a sala já teve a casinha em vários posicionamentos. Falam com eles, perguntem onde é que eles gostavam de pôr, se é viável... Até podes experimentar um sítio e depois verem que não resulta e ... na semana seguir montar outra vez.

2) Quais seriam os objetos que para si são os mais importantes em manter e quais os que são menos indispensáveis (sendo possível retirá-los)?

Educadora: Na casinha... Eu acho que qualquer um se pode retirar.

Investigadora: Mesmo até em relação aos próprios móveis?

Educadora: Sim, olha...imagina por exemplo... Eu trabalhei num jardim de infância que tinha uma sala muito, muito grande, tão grande quase como aquela sala dali (apontando para a sala do lado). E eu tinha bastante espaço, a determinada altura eu reparei que os meninos passavam muito tempo no quarto por que a casinha das bonecas era muito grande, e então eu tinha a sala, a cozinha e o quarto e estavam divididos. Eles passavam muito tempo no quarto então pensei: Se eles gostam mais de estar no quarto por que o quarto tinha a cama de bonecas e um boliche,

mas um boliche assim grandinho, e eles adoravam brincar no boliche. E nesse sítio também tinha um candeeiro que eles ligavam e aparecia umas luzinhas no teto, então eles gostavam muito. Foi uma mãe que nos deu, uma mãe que o filho depois saiu da pré e ela disse “Ele já não liga a isto, se você quiser fique com isto”. E então eu tinha um conjunto de bonecas porque estava a trabalhar a diversidade, então comprei bonecas de cor negra, castanha, amarela e de cor branca. Tinha os bonecos todos e então eles gostavam muito de brincar com esses bonecos por que eram as várias tonalidades de pele e eles adoravam brincar no quarto. Então pensei assim. “Se eles estão tanto tempo no quarto e gostam tanto de estar no quarto, e às vezes estão uns cinco no quarto” O que é que eu fiz, apertei, a cozinha e a sala ficaram mais pequenas, os próprios móveis dividiam e o quarto ficou maior. No ano seguinte, já notei que não havia assim tanta coisa com o boliche nem com os bonecos. Naquele ano foi assim com aquelas meninas, com aquele grupo, com aqueles meninos. No ano seguinte voltei a pôr tudo outra vez, metade do espaço para o quarto, metade do espaço para a sala e para a cozinha. Estás a perceber?

Investigadora: Ok, sim.

Educadora: Agora é assim tudo se pode tirar... O sítio onde nós estamos a contar as histórias virou uma tenda, pendurámos fitas de tecido de tule fizemos e então aquilo ficou a tenda. Surgiu, nada surge por acaso, nós fizemos o dia do pijama havia lá um tema qualquer que falava de uma casa de princesas... Já não me lembro bem como era a história, só que os garotos disseram “É pena que nós aqui não temos assim uma casa dessas”, e eu disse, “Mas vocês gostavam de fazer?”, “Gostávamos!”. Então para o dia do pijama fizemos a tal tenda. Aquilo vinha lá a cima como uma argola, um arco daqueles de ginástica, ficou pendurado e depois os fios todos atados.

Investigadora: Sim já estou a ver.

Educadora: Fazia tipo a tenda do circo e então quando nós quisemos...eu quis, desmontar aquilo, eles disseram “Não tires, está tão bonito” e eu disse “Então mas agora para contar as histórias e tudo não dá jeito isto estar sempre aqui”. Então ficou a tenda ali e nós quando queríamos contar

histórias era na tenda, quando queríamos fazer alguma coisa era na tenda. Mas aquilo era tão grande que a casinha teve de desaparecer, porque aquilo ocupou muito espaço para aquilo ficar assim.

Investigadora: Não colocaram nada lá dentro?

Educadora: Estava tudo encostado à parede e eles quando queriam ir brincar iam buscar, mas a casinha por assim dizer não existia. Os móveis estavam todos contra a parede, eles queriam por exemplo, brincar com as bonecas iam buscar a boneca e iam para ali brincar. A caminha, eles não iam buscar a caminha, mas iam buscar os lençóis, por que eu até dizia a uma auxiliar que trabalhava aqui “ [REDACTED] (nome da auxiliar), eu acho que eles não estão a precisar da casinha” e ela dizia “Pois não” e um dia eu perguntei “Vocês (grupo de crianças), não querem desmontar isto e por aqui a casinha?”, “Não” (resposta no antigo grupo). Eles não quiseram. Olha foi a irmã da FP, foi o último ano da irmã dela. Não foi o ano todo, foi de novembro até ao final do ano, praticamente. Em setembro e outubro ainda tivemos a casinha e depois do dia do pijama nunca mais voltámos a ter a casinha, porque o espaço da casinha foi todo ele preciso. Aquilo ficou uma tenda de circo autêntica. Por que então depois era assim quando eles queriam brincar. Porque aquilo serviu para tudo, aquilo serviu para ser inicialmente um palácio, depois foi tenda de circo, depois foi casinha, depois foi sítio das histórias. Serviu para tudo, era uma tenda que servia para tudo e estava tão bonito. Tive lá um pai e um avô que ajudaram a fazer aquilo e ficou muito giro e não foi necessário, nunca mais voltei a ter aquilo. Por que lá está, tem a ver com... Eu uma vez fiz um projeto muito, muito, muito giro, que nunca mais conseguí repetir, porquê, porque aquele ano tinha ali meninos que puxavam por mim para que aquele projeto tivesse tido aquele caminho. Estás a perceber? E às vezes tu precisas de um, ou dois, ou três que te puxem para aquele caminho e eu também nunca mais...fiz isso no ano de dois mil e dezassete, dezoito...dezanove, já não me lembro...dezassete, dezoito e nunca mais voltei a fazer. Nem tive meninos como aqueles nem tive ideias como aquelas. Lá está, depende muito. Cada ano, cada grupo é diferente. Se eles quiserem tirar tudo, tiramos. Por exemplo, nós o ano passado quando elas (estudantes do ano letivo anterior) fizeram lá o centro de saúde e quando fizeram lá o centro de estética alguns móveis tiveram de sair dali, pusemos noutra canto. Houve aqui uma estudante que mudou aquele móvel dos jogos para outro sítio, aquilo também saiu dali. Foi para o lado de onde estão agora os móveis da casinha, encostado ao poof onde eles

se sentam, ela pôs ai. E os jogos, eles sempre que queriam fazer jogos faziam os jogos onde nós contamos as histórias, porque ela precisou do espaço da garagem para fazer as coisas dela, é assim. E houve um ano que eu transformei a garagem numa gruta dos homens pré-históricos, era o que precisávamos. A nossa porta transformou-se numa gruta com montes de papel amarrado, depois pintado e depois tinha tochas de fogo à entrada e eles entravam. Depois aquilo tinha uma espécie de um túnel que ia direto à garagem e aí era onde os homens primitivos viviam. Claro que foi só um período, mas teve um período em que funcionou, como a casa dos homens pré-históricos.

Investigadora: Com tudo o que os homens primitivos tinham!

Educadora: Tivemos de inventar o fogo, as roupas, os colares, as coisas que eles usavam.... Aprendemos a comer carne. Fizemos uma fogueira e depois a professora (nome da professora de dança) fez uma dança dos homens primitivos. Foi muito giro, ela depois disse “Vocês querem aprender como é que dançavam os homens primitivos”, “Queremos”, “Então vá, vamos”. E depois foi muito giro por que havia mesmo coisas nas mãos vermelhas, amarelas e cor de laranjas, depois havia uma parte em que iam ao meio... Era mesmo uma música de homens primitivos, foi muito giro. Depois a professora aderiu também ao projeto. Mas tudo se pode mexer, eu até acho que a gente na sala pode fazer o que a gente quiser, queiram os meninos fazer as coisas...que seja esse o interesse deles.

3) Seria possível trazer novos objetos para a casinha? Se sim, acha possível a colaboração da comunidade escolar?

Educadora: Para trazer o quê, o que é que precisas?

Investigadora: Isso também queria falar consigo, tendo em conta as sugestões deles e o que tenho visto.

Educadora: A comunidade é receptiva agora depende daquilo que tu precisares. Por exemplo, se tu quiseres viste...à hoje de manhã não foste lá acima comigo, lá em cima há um biombo, lá em cima estão umas grades. Há coisas lá em cima naquela sala que se tu achares que precisas daquilo, podes ir lá buscar.

Investigadora: A minha ideia era agora com a entrevista, tanto a si como às crianças e daquilo que tenho recolhido fazer como se fosse uma lista e depois perguntar também quem é que pode ajudar com o que conseguisse.

Educadora: Eu acho que a comunidade é receptiva e até agora tudo o que a sala tem precisado os pais têm colaborado, portanto. Até às vezes o marido da [REDACTED] (nome de uma auxiliar) ...olha agora precisei de fazer aquelas coisas para os aniversários, dos cinco anos, seis anos e pedi-lhe a ele se podia por que ele é todos dados às carpintarias...eu paguei o material e ele ofereceu o trabalho. Grades, qualquer coisa que precisasse...

Investigadora: Sim eu estava a pensar, fazer primeiro uma lista e depois também passar com uma pequena contextualização para depois colocar na sala.

Educadora: Eles falaram no sofá, eu não tenho o sofá. Agora imagina, na sala do lado há um sofá. Podemos perguntar aos meninos daquela sala se emprestam o sofá por uns tempos. Só por uns tempos depois nós devolvemos. Está lá o sofá azul. Ou então fazemos com as nossas cadeiras, pomos almofadas, cobrimos com uma colcha ou um lençol e inventa-se um sofá. Eles falar disso do sofá, não é? Houve um ano que eles quiseram ter vasos. Então como eu tenho as grades lá em cima fomos lá buscar as grades lá em cima e depois fizemos vasos com os potes da manteiga da flora, BeceI. Forrámos com feltro e depois posemos esponja da florista e flores verdadeiras. Durante algum tempo tivemos um gradeamento com vasos e flores. Depois furei aquilo com arame para aquilo se aguentar bem às grades. Claro que tínhamos de andar sempre a mudar as flores, mas depois as mães mandavam flores dos jardins delas e aquilo era fácil, porque era só montar nas esponjas depois por água. À sexta-feira iam sempre para o lixo e à segunda-feira vinham sempre flores novas. Depende muito daquilo que eles pedem. Já foi hospital, cabeleireiro, já foi centro de estética, já foi tanta coisa que eu... e já estive... e estou só a falar aqui mesmos na sala da (localidade)... E mesmo o sítio, a casinha já teve em vários sítios. Às vezes até começa num sítio diferente e depois acaba por voltar ao sítio do ano anterior.

Investigadora: Sim, eles também deram ali uma ideia de troca, não sei se ouviu.

Educadora: Sim, vamos ver onde é que eles querem por.

Investigadora: Já disseram!

Educadora: Ali onde eu tenho... Aquele armário onde eu guardo o material todo, estás a ver. O sítio onde tem aquela parede com cores, aí já foi o sítio da conversa e a casinha já foi onde agora é o sítio da conversa. Aquilo agora só ficou mais vezes ali por que depois a determinada altura em fixei o calendário à parede. Mas pode-se mudar. Já esteve em vários sítios...ela já esteve em vários sítios, já esteve onde está a garagem, já esteve ali onde é...só não esteve à entrada.

Investigadora: Onde está o computador?

Educadora: Sim. Mesmo o computador já esteve onde agora é o armário dos jogos, já teve noutro sítio. A sala não estica, mas nós gostamos de mudanças.

(G) Impacto da reestruturação

1) Considera que a reestruturação do espaço trará algum impacto no grande grupo e consequentemente um maior interesse do mesmo pelo espaço?

Educadora: É por que a mudança... Eu acho que as mudanças são sempre positivas. Dão trabalho, mas eu acho que são positivas e também não há nada como mudar, viver estas experiências e depois refletir sobre. Eu não posso dizer se vai resultar ou não vai resultar por que ainda não vivi essa mudança. Temos de mudar primeiro e depois tiramos as nossas conclusões, “Olha, afinal correu tão bem” ou então “Olha, se calhar tínhamos umas expectativas tão altas e não correu bem”. Mas também pode acontecer exatamente “Olha, afinal se soubesse tinha posto aqui sempre a casinha, está giro assim, resulta bem”. Eu acho que o impacto a gente só pondo em marcha é que vamos ver, mas há sempre algum impacto. Mais que não seja esquecermo-nos de onde era a casinha e ...”ai, enganei-me, já não é aqui.”. Aquele móvel das cores já esteve em vários sítios e eu quando mudo ando à procura do armário. Ele está lá na sala só que eu vou buscar a tesoura e as colas ou sítio errado. Causa sempre impacto, sempre, bom ou mau, mas causa sempre e, portanto, acho que tu tens agora o novembro e dezembro para descobrir isso. Acho que é giro, uma experiência.

Investigadora: Sim, o que depois também não estiver bom pode-se ir trocando.

Educadora: Claro. Imagina por exemplo que a determinada altura durante a mudança tu verificas que se calhar as ideias deles eram muito interessantes, mas que aquilo ou não cabem lá os cinco ou se calhar até cabem mais. Vais vendo, vais analisando, vais refletindo e vais fazendo alterações, sim ou não. Não há outra hipótese, tens de experimentar.

(H) Considerações Finais

1) Na sua opinião, existe algo que não tenha sido referido nesta entrevista e que considere importante?

Educadora: Não. Daquilo que tu me perguntaste acho que estava bem estruturada e focava o essencial. Eu acho que a entrevista podia ser interessante... escolher uma pergunta que fosse igual à minha para fazer aos garotos. Uma pergunta que fosse comum a mim e aos garotos. E se não tivéssemos casinha? Como é que se iam sentir, se a [REDACTED] (nome da educadora) chegasse aqui e tirasse tudo e vocês não tivessem mais casinha para brincar, como é que vocês se sentiam? Houve um ano em que a casinha foi um restaurante, mas foi por pouco tempo, foi só duas semanas. Houve uma colega que teve cá um pai no Dia do Pai e ele era cozinheiro e fazia umas comidas e não sei o quê com os garotos e depois quando esse pai veio, nós tivemos de arranjar mais espaço na sala e depois os garotos quiseram fazer da sala um restaurante e primeiro a sala foi um restaurante, quando esse pai veio e depois de esse pai ir embora a casinha passou a ser o restaurante. Eles eram os cozinheiros e tivemos de por lá duas mesas para eles... por que um restaurante não tem só uma mesa, tem de ter duas. E depois tinha um cozinheiro, aquele senhor a perguntar o que quer comer... mas durou pouco.

Investigadora: De qualquer das formas isto está tudo associado à parte do jogo simbólico.

Educadora: Sim, por exemplo, o ano passado quando elas fizeram a esteticista estavam caladas a pintar as unhas, a fazer as limpezas de pele, todas caladas. "E como faz a esteticista? Isto está tudo calado!" e a CV dizia-me assim "Então falas o quê?" "Falo do marido, do trabalho, das minhas filhas... Falo mal das vizinhas, falo mal dos atores das novelas. A gente na esteticista falamos de tudo, sobretudo da vida dos outros" "Ai, eu gosto disso" disse a CV, não é (risos) e ainda disse "A minha mãe também faz isso, quando vai para a cabeleireira fala mal das vizinhas". E então vou ter com a [REDACTED] (nome de uma das estudantes do ano letivo anterior) e comecei a falar "Então e o marido?". Eles quando nos viram a

fazer o jogo simbólico e a falar...durante aquele dia. Depois quando os outros foram, já começaram a falar, já a própria ■■■ e a ■■■ (nome das duas estudantes do ano letivo anterior) começaram a falar “Então e para onde é que vai de férias?” “E a sua família, como é que está?”. Estas a ver, na esteticista ninguém está calado. É o faz-de-conta é muito giro. Estamos a fazer o jogo simbólico. Eu tive uma garota que teve um filho.

Mais alguma coisa?

Investigadora: Não, terminámos. Obrigada!

Educadora: De nada!

APÊNDICE 1.1- GUIÃO DA CONVERSA COM GRUPO DE CRIANÇAS PARA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO DA CASINHA



Escola Superior da Educação e Ciências Sociais | Mestrado em Educação Pré-Escolar

Prática Pedagógica em Educação Infantil – Jardim de Infância | 1º semestre | Ano Letivo 2024/2025

Discente: Ana Sebastião, n.º 1230249

Docente supervisor: Joana Bernardo

Docente orientador: Joana Freitas Luís

Educadora: [REDACTED]

Guião da conversa com o grupo de crianças para reestruturação do espaço

Tema: As potencialidades do espaço da casinha

Entrevistador: Ana Sebastião

Entrevistados: Grupo de crianças (22 crianças), valência de Jardim de Infância

Contexto educativo: Jardim de Infância público – sala dos 3 aos 6 anos

Local: Presencial

Duração: até 30 minutos

Questões	Estratégias de compreensão
1) Gostam de brincar na casinha?	
2) Se não porque é que não gostam?	
3) Existe alguma coisa que não gostam na casinha?	-Que brinquedos, móveis (armário, mesa) a organização (o sítio onde está a cama, o fogão e entre outros)
4) Na casinha gostam de brincar a quê? Com o quê?	-Quais é que são as vossas brincadeiras lá? -Quais são os brinquedos que usam nessas brincadeiras? (Pedir para tirarem fotografias ao espaço e explicarem o porquê das escolhas)
5) O que gostavam de ter na casinha?	-Pensem em lugares parecidos, cozinhas que têm em casa, loiça e roupas, por exemplo. Têm lá brinquedos que gostavam de ter, para poderem ter brincadeiras diferentes.
Agradecer ao grupo pelas respostas	

Gravação de 38 minutos e 40 segundos, no telemóvel: Ocorreu no dia 13 de novembro de 2024, até às 10:18h

1) Gostam de brincar na casinha?

VC: Eu! Eu gosto de limpar a casinha.

CV: Eu também!

LA: Eu também!

VD: Eu também!

Algumas crianças: Eu também!

VC: Eu gosto de limpar!

Educadora: Um de cada vez!

Investigadora: Dedo no ar. Há outra coisa para além de limpar a casinha que vocês gostem de lá fazer?

LA: Gosto de fazer a cama!

Investigadora: Gostas de fazer a cama?

AS: Eu já fiz a minha cama.

Investigadora: vamos ouvir os outros. O GR o que é que gosta?

GR: (fez o gesto de quem passa batom)

Investigadora: Ui, passar batom, muito bem. Então agora vai dizer mais o AS e o DO, digam lá.

AS: Andar de carro e passear.

Investigadora: Na casinha?

AS: Não.

Investigadora: Não é na casinha. Tu ontem estiveste a brincar com os bebés, foste fazer qualquer coisa com os bebés.

VC: (risos)

GR: A estragar.

Investigadora: A estragar?

Educadora: Espero bem que não.

Investigadora: Então vocês gostam de estragar?

LA: Só o AS.

VC: (risos)

LA: Se estragas compras outro.

Educadora: Não, não compra nada que a escola é pobre. Aquilo foi muito caro.

VC: Não a mãe dele que compre.

Investigadora: Pode dizer o DO.

DO: Cozinhar.

Investigadora: Gostas de cozinhar? E tu utilizas o quê? Que tu disseste. O que é que pões na mão quando vais cozinhar?

DO: A luva.

Investigadora: Ele gosta de usar a luva para proteger-se.

Educadora: Porque é isso que a mãe faz, não é DO?

AS: Para não queimar a mão.

VC: Eu não encosto na comida. Ai, ai ai (fez expressão de dor) queimo-me todo (risos).

Investigadora: OK, dá para fazer essas coisas todas. Mas olhem, há aqui alguém que não goste da casinha.

2) Se não porque é que não gostam?

SC: Eu.

Investigadora: Mas eu já te vi lá a brincar... já te vi lá a brincar.

MN: (Com o dedo no ar). Eu brinco às vezes. Mas eu gosto mais ou menos.

Investigadora: Então todos gostam da casinha?

Algumas crianças: Sim!

PS: (com dedo no ar) Eu não gosto.

Investigadora: Porque é que não gostas?

Educadora: Não gostas, mas costumavas brincar aqui, não é? Já cá estiveste... ainda ontem.

PS: Sim, mas o que eu gosto mais é do quadro e a garagem.

Educadora: É o que tu gostas mais, mas quando vens para aqui. O que é que gostas de fazer aqui? Fazer a comida? Cuidar dos bebês?

Investigadora: o SC também esteve com o dedo no ar, mas também já lá esteve.

Educadora: Antes quando o PS vinha para aqui era o cão. Os outros metiam-lhe uma coisa á volta do pescoço e ele era o cão. (risos) Nas casas também há animais! Também podemos ter um cão em casa.

CV: Eu tenho um cão.

MN: Eu tenho dois.

CR: Eu tenho zero.

Investigadora: É verdade a ██████████ (nome da auxiliar) deu-me aqui uma ideia de pergunta para vocês. O que é que vocês gostam menos de fazer na casinha? (Pergunta semelhante á do guião).

4) Na casinha gostam de brincar a quê? Com o quê?

(Respondida logo acima)

3) Existe alguma coisa que não gostam na casinha?

Educadora: Há aqui uma coisa que eles não gostam de fazer. E eu sei (nome da auxiliar) também sabe.

Investigadora: É no final.

DO: Eu não gosto de limpar a casinha.

Educadora: E a SS? O que é que tu não gostas de fazer?

SS: Não gosto quando fazem barulho na casinha.

Educadora: MN o que é que tu não gostas de fazer aqui? Eu sei que tu gostas muito da casinha, mas há uma coisa que tu não gostas.

MN: Que eles façam muito barulho com as coisas.

Educadora: Mas não é isso. Tu às vezes ficas triste quando todos vão embora daqui e deixam isto... como? Depois quem é que tem de arrumar? A MN fica triste porque todos desarrumam e depois ela fica a arrumar.

Investigadora: E isso acontece algumas vezes.

Educadora: Acontece muitas vezes, muitas.

CV: Como a VD ontem... ela estava a arrumar... na casinha sozinha a arrumar e casinha toda sozinha.

Educadora: Pois. A VD com três anos... e depois há aqui pessoas que já fizeram seis ou vão fazer seis e não arrumam.

VC: Eu arrumo.

Educadora: És linda VD. Eu acho que é isso que eles não gostam.

CV: ■■■ (nome da educadora) sabes que eu e a SS ajudamos a VD?

Educadora: Muito bem, lindas!

Investigadora: Há meninas aqui que ajudam a arrumar, mesmo sem terem brincado. E olhem eu acho que também há algumas frutas e algumas loiças que vocês também não devem gostar, por que vocês desarrumam. Vocês sabem-me dizer o que não gostam?

VC: Eu sei. Não gosto que eles partem a casinha.

Educadora: Eu também não, não temos outra.

Investigadora: Eu ontem também vi assim umas coisas que eu fiquei assim um bocadinho... (expressão assustada)

LA: Não gosto que deixem a casinha toda desarrumada.

VC: Eu também não gosto.

DO: E eu também não.

Investigadora: E gostam dos brinquedos todos que lá estão?

VC: Mas eu não gosto que partem a casinha, isso é que não.

LA: Eu não gosto das bonecas.

GR: Tudo partido depois esta escola fica feia.

VC: Não fica nada.

LA: Toda partida.

Investigadora: Então se calhar a casinha também tem muitas coisas e os meninos também não sabem tomar conta de tantas coisas.

CR: Todas sim.

VC: Não, todas não só algumas.

Auxiliar: Eu acho que há uma coisa que os meninos também não sabem fazer. Mesmo que arrumem, não sabem arrumar as coisas. Olhem...por exemplo, às vezes vou dar com...

Educadora: Há aqui meninos que poem os filhos no forno.

Auxiliar: Isso mesmo.

Educadora: Até parece que lá em casa as mães poem os filhos dentro do forno.

Investigadora: ...E frutas dentro da máquina de lavar a roupa.

(risos)

Auxiliar: ...E dentro daquela cómoda que é da roupa está lá as frutas. E o que está na cómoda está no fogão.

Educadora: E sabes o que é que eu também já vi. Porem sapatos ao pé da roupa. (risos de algumas crianças e expressões de nojo) Eu um dia vou á casa destes meninos ver como é que a mãe arruma as coisas, porque eu não acredito que a mãe ponha, filhos no forno, não acredito que a mãe ponha comida na máquina de lavar a roupa (expressões de nojo), não acredito que a mãe ponha sapatos ao pé da roupa...mas eu vou lá.

Auxiliar: ...Nem comida no roupeiro, nem na cómoda ao pé da roupa.

VC: Eu não pus o bebé no forno a dormir!

CV: Eu também não!

Algumas crianças: Eu também não!

5) O que gostavam de ter na casinha?

Investigadora: Eu por acaso estou com o dedo no ar! É assim do que eu percebi...os amigos então...o problema é então não saber arrumar. Vocês gostam de muitas coisas, mas eu acho que vocês gostam muito é dos brinquedos todos, mas eles são é muitos. Eu acho que poderíamos mudar algumas coisas na casinha e eu gostava muito da vossa ajuda.

Educadora: Eu tive uma ideia. Uma ideia para mudar as coisas, é tirar tudo daqui, não haver mais casinha. Assim ninguém desarruma.

LA: Não.

MN: Não.

Algumas crianças: Não.

VC: E depois só há a garagem.

Educadora: Não, tiramos a garagem também por que também ninguém gosta de arrumar.

VC: Gostamos!

Auxiliar: Há aqui uns meninos que gostam de arrumar, mas já reparei que há meninos...

Educadora: Levamos daqui a garagem também. O que é que tu achas Ana?

Investigadora: Talvez.

Educadora: Quando eles não arrumarem chamamos aqui a [REDACTED] (educadora da sala ao lado) e dizemos “Queres o fogão? Podes levar o fogão. Queres o lava-loiça? Leva. Queres a...”. Ela leva tudo para a sala dela.

Auxiliar: Eu concordo, ainda por cima para chegar àquela sala é só empurrar a porta.

Investigadora: Eu tinha a ideia de tirarmos algumas coisas que vocês não gostassem tanto e trazer para cá algumas novas que vocês sugerissem. Mas é assim, eu também não posso fazer isso se vai haver muita confusão. Se depois deixamos tudo por todo o lado, tudo em sítios que não é para arrumar. Deixamos tudo para qualquer lado com coisas novas.

Educadora: Sabes Ana, nós tínhamos aqui um micro-ondas muito lindo, que tinha uma porta, punha-se a comida lá dentro, carregava-se no botão e aquilo andava à volta e plim, plim. E depois também tínhamos aqui um ferro que já não temos que também acendia as luzes e fazia plim, mas estragaram. E temos aqui um carrinho de bonecas que custou cento e vinte euros que eles às vezes poem-se lá dentro como se eles fossem bebés,

não sabem que aquilo é para pôr bonecas e que aquilo não aguenta o peso deles. As coisas que a gente compra para aqui são muito caras porque são boas e não pode durar só um ano tem de durar muitos anos e são caros.

(Algum ruído)

Investigadora: Então MN, diz lá. Vamos ouvir a MN por que a MN deve ter alguma ideia, para solucionar isto.

Educadora: Temos de escrever aí (no quadro) as ideias deles. Se gostamos temos de tomar conta. Imaginei a vossa mãe em casa começar a partir tudo. Depois querem fogão e não têm, o frigorífico não têm, querem camas, estão partidas.

MN: Há meninos que deitam se na cama e é muito peso para ela.

Investigadora: A cama não aguenta.

Educadora: Esta por acaso aguenta, o pior é quando eles desmontam tudo e depois não fazem a cama...isso é que não pode ser.

VC: Eu tenho lá brinquedos que eu não gosto, em minha casa e é ... tenho duas bonecas em casa da minha avó, tenho um carrinho em casa da minha avó de bonecas e outro em minha casa que é um fino e um grosso que é quase igual. E também tenho outra boneca duas bonecas em minha casa.

Auxiliar: Mas é na casinha daqui.

VC: Ah!

Investigadora: Agora vai dizer o LA, que está há muito tempo com o dedo no ar

LA: Se não arrumam a casinha é melhor fechar a casinha.

Investigadora: É melhor fechar.

VC: Não, trancar.

Investigadora: Mas como gostam da casinha acho que conseguimos fazer um esforço final, podemos tentar mudar.

VC: Não, eu tive uma ideia...

Educadora: O PS pode dar uma ideia para a casinha, ele tem sempre boas ideias. Dá lá uma ideia

PS: Não pisar os brinquedos da casinha.

Educadora: Sabes uma coisa...no outro dia os meninos tinham bonecas no chão e pratos no chão e estavam a pisar os pratos. Até parece que as mães poem os filhos no chão. Eu nunca vi mães porem filhos no chão!

LA: Eu também não.

VC: Tem que se trocar a fralda no sofá ou na cama. A minha mãe nunca me deita no chão.

Investigadora: Agora vai dizer o AS, que desta vez ainda não falou.

AS: Não estragar as casas. As casas dos meninos.

VC: Eu tenho uma coisa importante. Quando desarrumarem a casinha e forem se embora é por só lá uma máquina e depois arrumasse sozinho... Um robô.

Auxiliar: Mas a escola não tem assim tanto dinheiro para comprar um robô.

LA: As nossas mãos é que são um robô.

Auxiliar: Ele deu uma boa ideia, as nossas mãos, dedinhos são uns grandes robôs e são mesmos.

VC: Não, mas eu tenho uma ideia a minha mãe manda o dinheiro de todas as mãos.

Auxiliar: Pois, mas isso não é para comprar robôs para a casinha, é para comprar folhas, brinquedos, os carinhos, os jogos, as canetas, os lápis... não dá para ...

Investigadora: Como vocês estão a dizer que a casinha está sempre muito desarrumada... vocês gostam muito dos brinquedos, mas se calhar há alguns que vocês não gostam tanto e que se calhar podíamos trocar por outros diferentes, porque a casinha tem muitas coisas e isso pode dificultar vocês arrumarem, ou não? É muito difícil arrumar uma casinha que tem muitas coisas.

VC: Já sei, podemos arrumar com o robô.

Auxiliar: VC esquece o robô, o robô é muito caro, o dinheiro das mães não dá. Tem de ser muitos anos, muitos anos para pagar.

Investigadora: Mas nós temos de aprender a arrumar, não podemos ter robôs para a vida toda.

MN: podemos tirar fotografias às coisas e depois pomos na parede onde estão as coisas e depois quando desarrumamos pomos as coisas onde estão as fotografias.

Investigadora: Boa ideia! Vamos por fotografias.

Auxiliar: Rica ideia, deixar as coisas arrumadas como está na fotografia.

VC: Eu tenho uma boa ideia. A minha ideia é trocar a casinha por outra casinha nova.

Auxiliar: Pois é um aboa ideia, mas a câmara não manda para casinhas novas. A [REDACTED] (nome da educadora) tinha de pedir...já pediu à camara, uma caminha nova, mas a câmara diz que não tem dinheiro agora vai construir a paragem do autocarro lá em baixo ao pé das piscinas e diz que não tem dinheiro. São uns bandidos. (risos)

VC: Mas têm de juntar o dinheiro todo.

LA: Tenho muito dinheiro no banco, tenho dez.

Investigadora: Vou dar uma última pista para ver se vocês me ajudam, estamos mesmo a acabar. Eu sei que vocês querem ir comer e depois há uma coisa que temos de ir fazer lá fora que vai ser muito interessante. Por isso preciso que vocês arrumem o vosso corpo. Vocês em casa têm coisas parecidas com o que têm cá na casinha. Vocês devem ter uma cozinha a sério, pelo menos, não é? Guarda-roupas, sapatos. Há alguma coisa em casa que gostassem de ter aqui na escola, por exemplo? Alguma coisa que a mãe tem na cozinha, por exemplo, ou o pai, a família, por exemplo?

MN: Queria que a casinha tivesse um sofá.

VC: Comprar coisas novas.

Investigadora: Mais alguém tem alguma ideia. KS diz lá tudo ainda não falaste.

KS: Cuidar dos brinquedos.

Investigadora: Boa! Agora estamos cheios de ideias (vários dedos no ar). Diz.

VC: E agora que não estraguem os brinquedos por que não temos dinheiro.

Investigadora: Exatamente! E mais, diz.

GR: E se quisermos trocar a casinha para pôr noutra sítio?

Investigadora: A casinha por outro sítio? Que outro sítio?

VC: Assim. Esta parte fica no mesmo sítio e esta parte para ali e agora a garagem vem para aqui. (gesticulou a troca de espaços da casinha com a garagem)

GR: Sim, a garagem para ali.

Investigadora: Têm mais alguma ideia ou já está tudo? Olha a IS disse que não falou. Diz lá IS.

IS: Não gozar.

VC: Eu sei uma boa ideia, é que hoje não estraguem a casinha por que ela é muito cara.

Educadora: Por exemplo, eu podia comprar para aqui uma máquina de café. Sabe [REDACTED] (nome da auxiliar) antes de vir para aqui sabe o que tínhamos aqui e os meninos estragaram... Não foram estes, foram outros meninos. Tínhamos um aspirador, tínhamos um aspirador que carregava-se no botão e fazia, zzzz,zzz. Tinha de se por pilhas, mas fazia. E tivemos uma torradeira, mas não foram estes meninos, estes não têm a culpa. Eles ainda estavam na barriga da mãe quando...olha foi no tempo da irmã da MN. Tínhamos um aspirador cor-de-rosa muito giro, sabes. Que fazia mesmo o barulho de aspirador e tínhamos uma torradeira. Mas a torradeira não durou muito tempo, puxavam tudo com muita força e desprendeuse. Agora eles podem fazer uma lista de coisas que gostavam de ter aqui. A (nome da educadora) podia ver se tinha dinheiro para comprar só que eles também não podem partir tudo.

VC: Eu já tinha uma ideia, comprar um robô para vir aqui. Arrumar isto tudo sozinho.

Educadora: Eu também queria um desses.

Investigadora: Mas [REDACTED] (nome da educadora) estava a falar de um aspirador e da máquina de café, isso são coisas que estes meninos devem ter em casa na cozinha a sério e eu perguntei se havia alguma coisa da cozinha a sério que pudéssemos trazer para cá ou parecido. A MN até deu uma ideia, que queria que a casinha tivesse um sofá.

Educadora: E eu tive uma ideia Ana... já que os meninos gostam tanto de tirar fotografias, vão pedir à mãe o telemóvel e vão tirar fotografias à cozinha da mãe para nós vermos como é que é a cozinha da mãe ou fazem um vídeo...o que é que a mãe tem na cozinha. E depois trazem para depois nós vermos como é a cozinha. Podem mandar, sim. O que é que acham da minha ideia de toda a gente pegar no telemóvel da mãe e fazerem um vídeo para todos nós vermos como é a vossa cozinha. Há cozinhas que têm churrasqueira. A minha não tem.

LA: A minha tem.

Educadora: Estas a ver!

VC: A minha também! A minha tem lá fora.

CV: A do SC tem.

Educadora: E há cozinhas que têm dispensa e há cozinhas que têm máquinas de lavar a roupa e há outras que não têm.

Algumas crianças: Eu tenho!

Educadora: Oh Ana, o que é que achas de eles fazerem um vídeo ou fotografias da cozinha deles?

Investigadora: Boa ideia!

Educadora: Ana também não temos aqui, esta casinha não tem caixote do lixo.

VC: Eu tenho um ecoponto.

Educadora: Tem vassoura, tem pá... não tem caixote do lixo. Vocês não estão a dar ideias, eu é que estou.

LA: Então um caixote do lixo.

VC: Eu vou mandar vir pelo telemóvel. Já chegava.

Investigadora: Ninguém tem mesmo mais ideias?

MN: Antes tínhamos uma maquiagem, mas os meninos estragaram.

VC: Ya, e também tínhamos lá coisas de médico.

CV: Mas já perderam, fui eu que trouxe as coisas.

Investigadora: Uma última ideia para irmos comer.

VC: Nunca destruir a casinha e também não destruir a garagem.

Investigadora: Chefe, quem estiver bem sentido pode chamar para ir.

APÊNDICE 13- GUIÃO DA CONVERSA COM GRUPO DE CRIANÇAS PARA AVALIAÇÃO DA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO DA CASINHA



Escola Superior da Educação e Ciências Sociais | Mestrado em Educação Pré-Escolar

Prática Pedagógica em Educação Infantil – Jardim de Infância | 1º semestre | Ano Letivo 2024/2025

Discente: Ana Sebastião, n.º 1230249

Docente supervisor: Joana Bernardo

Docente orientador: Joana Freitas Luís

Educadora: [REDACTED]

Guião da conversa com o grupo de crianças para avaliação da reestruturação do espaço

Tema: As potencialidades do espaço da casinha

Entrevistador: Ana Sebastião

Entrevistados: Grupo de crianças (22 crianças) e equipa da sala, valência de Jardim de Infância

Contexto educativo: Jardim de Infância público – sala dos 3 aos 6 anos

Local: Presencial

Duração: até 30 minutos

Questões	Estratégias de compreensão
1) Gostam de brincar na casinha?	
2) Na casinha gostam de brincar a quê?	
3) Agora fazem alguma brincadeira que não faziam antes da casinha ser mudada?	-Há alguma brincadeira que antes não podiam fazer por que não tinham os brinquedos que têm agora? Que brincadeiras novas fazem?
4) Gostaram das alterações feitas na casinha? Porquê?	-Agora que não há mais nada para colocar na casinha, sentem que falta alguma coisa ou que podia sair mais alguma coisa?
5) Gostavam que a casinha continuasse assim ou mudavam mais alguma coisa?	
Agradecer ao grupo e educadora pelas respostas	

APÊNDICE 14- TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA COM O GRUPO DE CRIANÇAS PARA AVALIAÇÃO DA REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO DA CASINHA

Gravação de 13 minutos e 17 segundos, no telemóvel: Ocorreu no dia 18 de dezembro de 2024, até às 14:41h

1) **Gostam de brincar na casinha?**

Algumas crianças: Sim!

Investigadora: Ok. E há alguém que não goste?

FP: Eu!

Investigadora: Quem?

FP: Eu!

Investigadora: tu não gostas? A sério?

FP: Não.

Educadora: Vai poucas vezes.

Investigadora: É verdade, há meninos que vão pouquinhas vezes.

Educadora: Já a irmã dela não queria ir, só queria era puzzles e jogos.

Investigadora: Pronto, é só a FP. Os outros meninos gostam de brincar?

Algumas crianças: Sim!

2) Na casinha gostam de brincar a quê?

SC: Eu e o PS gostamos de brincar com as roupas da tropa.

3) Agora fazem alguma brincadeira que não faziam antes da casinha ser mudada?

Investigadora: Mas isso é...eu acho que isso é uma brincadeira nova. Então descobrimos brincadeiras novas?

Educadora: E há coisas novas. Querem ser tropas militares.

Investigadora: E já é uma das brincadeiras que mais gostas SC?

SC: Sim!

Investigadora: Ele (SC) gostava de brincar aos ricos, tinha muitos anéis.

SC: Muitas pulseiras.

Investigadora: Tu também PS.

AC: Também sou rica.

DS: Pois, eu também!

Investigadora: E mais...os outros meninos. A que gostam de brincar?

Educadora: A MN gosta muito de brincar na casinha. A fazer o quê MN?

MN: Panquecas (com muito entusiasmo). Mas eu não como!

Educadora: Ela costuma fazer restaurantes na casinha.

MN: Pois costume!

Educadora: Depois faz sopa, bolos...

Investigadora: E agora desde que veio para ali uma casinha diferente. Que agora aquilo é quase tudo diferente...tu (MN) estavas com uns tachos a por um muitas coisas lá dentro, a VD esta te a ajudar a enrolar massa. O que é que vocês estavam a fazer? Que brincadeira era aquela?

MN: Estávamos a fazer sopa! Sopa com fruta!

Investigadora e Educadora: Muito boa!

Investigadora: Então e aqueles tachos, são bons para fazer sopa?

MN: Coloquei morangos, cerejas, a CR ajudou-me.

CR: Eu era a filha.

MN: Não foi CR?

CR: Foi.

Investigadora: Gostam de brincar às filhas? Gostas de ser a filha?

CR: Sim!

MN: Colocámos ameixa, pera, cenoura...

CR: ...E ovo.

MN: Também a VD não parava de nos incomodar.

Estudante 2: Oh! Ela estava a brincar com vocês.

Educadora: A VD é mais pequenina, então. Ela é pequenina.

Investigadora: Ela às vezes gosta é de estar a ver o que é que há o que é que não há.

MN: Ela também...levou alface (para a sopa).

Educadora: E eu acho que há aqui outra menina que gosta muito da casinha. Desde o primeiro dia que chegou a esta escola que gosta muito da casinha.

Investigadora: É não é, gostas muito da casinha? Onde é que tu gostas de brincar na casinha? O que é que tu gostas mais de fazer na casinha?

Educadora: É brincar de quê?

Investigadora: É nas comidinhas?

Educadora: Oh IS! Fazes de mãe ou de cozinheira?

IS: Cozinheira!

Auxiliar: Ela sabe muito bem mexer a panela e o tacho.

Investigadora: Olha, já estiveste com os tachos novos?

IS: Sim!

Investigadora: Boa!

Educadora: E a preparar comidinhas.

MN: Eu já tenho dois lá em casa (tachos).

Investigadora: Uh! Estes são muito giros não são?

Educadora: Olha IS, mas às vezes você também gosta de fazer de mamãe, não gostas de fazer de mamãe? Ter uns bebezinhos? E você é mãe ou titia? Quando tu brincas com os bebês, tu és a mãe ou a tia? No outro dia eu ouvi uma conversa entre ela e a VD para ver quem é que era a mãe e quem é que era a tia. Não se estavam a entender muito bem. Você era quem, a mãe ou a tia? Eu depois conto-vos o contexto...era um boneco da cor...

Investigadora: Ah, já percebi!

Educadora: E ela queria a tia e a outra disse “Não, tens de ser a mãe!”.

Investigadora: Mas eu... há aqui mais meninos que eu sei que gostam da casinha, mas não vão lá muitas vezes.

Educadora: A IT.

Investigadora: A que é que tu brincas lá? E brincadeiras novas...há ali uma coisa nova na caixa dos médicos que vi estares a mexer. O que é que era aquilo?

IT: O quê?

Investigadora: Aquilo grande (manta térmica).

IT: O dourado (manta térmica).

AC: A seringa grande! (com muito entusiasmo)

Educadora: Não é isso que ela está a dizer, é uma manta.

IT: É uma manta dourada. Nós pusemos ali... nós tapámos ali para ser uma porta a fingir.

Investigadora: Pois é vocês gostam de fazer isso, não é? Fazer de conta que é uma porta.

IT: Mas estava sempre a sair do lugar.

Educadora: O DO também, o DO gosta muito é dos óculos de sol e dos chapéus.

Estudante 2: O que é que tu mais gostas de fazer na casinha?

DO: Gosto de ser o pai e usar a luva.

Investigadora: Por a luva, não é? Para não se queimar. Olha, e tu já foste vestir... porque eu também já te vi vestir os casacos. Tu já experimentaste o casaco do militar?

DO: Eu já experimentei o casaco da mamã (risos).

Investigadora: Aquele da mamã. E o outro? O tropa?

DO: Não.

Investigadora: Tens de experimentar!

Educadora: Mas o FR já vestiu a roupa do pai aqui.

Investigadora: Então, e vocês gostaram daquilo que nos mudamos na casinha.

Algumas crianças: Sim!

4) Gostaram das alterações feitas na casinha? Porquê?

Investigadora: O que é que vocês mais gostaram que mudou?

Educadora: O que é que mudaram?

MN: Trocámos a casinha com a garagem.

Investigadora: E gostaram que trocasse?

SC: Foi.

GR: Era a minha ideia. Que eu disse.

Investigadora: Foi a ideia do GR sim senhora.

Educadora e SS: Isto assim está muito mais aberto.

Educadora: E há ali coisas novas. O que é que vocês gostaram mais?

LA: Eu sei!

GR: Eu sei!

SC: O micro-ondas!

Investigadora: Quem é que disse?

Estudante 2: O SC.

CV: Eu sei, eu sei!

MN: Do aspirador!

GR: Eu já me lembro de uma coisa azul.

LA: Do aspirador.

GR: Também!

Educadora: O FR gostou do sofá.

GR: Eu gostei do sofá.

Investigadora: Ela (MN) gostou das colheres de bebé.

Educadora: ...E do aspirador.

Investigadora: E de terem trazido embalagens de casa?

Educadora: Olha, eu gostei das panelas novas. Vi ali umas panelas lindas.

Investigadora: E mais alguma coisa da casinha?

Educadora: Oh LL! Tu também vais muito para a casinha. O que é que tu gostas mais na casinha? Ela o ano passado chateou-se aqui com o pessoal. O ano passado ela quando ia para a casinha fazia sempre de filha e ela um dia chateou-se. Disse que não ia mais para a casinha por que era sempre a filha. Ela queria ser a mãe e era sempre a filha. Mas foi quando ela veio, ainda era muito pequenina.

Auxiliar: Ela queria o baloiço só para ela.

Investigadora: Ainda hoje ela gosta tanto. Estivemos a tirar fotografias ao baloiço.

Estudante 2: E agora LL o que é que tu mais gostas de fazer na casinha? Das coisas novas?

LL: Dos talheres.

Investigadora: O que ficam agarrados ou os outros?

LL: Agarrados.

MN: Eu também!

Estudante 2: Eu gostei muito foi da transformação do frigorífico.

Educadora: Eu gosto muito é disto (frigideira).

AC: Eh, Eh!

MN: É nessa que eu faço as panquecas.

AC: É! (risos e gritos eufóricos).

Educadora: E isto (cortador de pizza).

MN: Para cortar bolos.

AS: Para coisas grandes.

Educadora: Quem é que trouxe esta panela?

DO: O FR.

Estudante 2: Foste tu, FR?

MN: As coisas da tropa.

Investigadora: Se calhar foi de algum dos meninos que faltou.

SC: Fui eu!

Investigadora: Ele trouxe outras.

Educadora: Acho que foi a AC.

AC: Fui eu! Não, as fraldas.

Investigadora: Sim, pois foi. Foi o muda-fraldas.

Estudante 2: Vocês já mudaram a fralda a algum nenuco?

Algumas crianças: Eu sim!

Outras: Não!

SC: Eu não! Não gosto de pegar no cocó.

(risos)

Investigadora: Então eu tenho de vir aqui para aproxima para vos ver mudar a fralda.

GR: Nós não temos fralda.

Investigadora: Têm sim, tens de ir ver. Agora temos de começar a tirar os bíbes, amigos.

Gravação de 6 minutos e 1 segundo, no telemóvel: Ocorreu no dia 19 de dezembro de 2024, até às 10:35h

5) Gostavam que a casinha continuasse assim ou mudavam mais alguma coisa?

LL: Sim!

MN: Sim, e trazer coisas. Já perguntei à minha mãe. Mas também esqueci-me de te dizer uma coisa...a salada de vegetais e fruta também levava alface e ameixa e também levava pimenta, água e um cheirinho...um...iogurte e também levava um pouquinho de pimenta. (risos)

Investigadora: E a IS gostava que a casinha ficasse assim?

IS: Sim!

Investigadora: E continuar a trazer coisas? Depois vocês têm de ver...é muita coisa para a casinha. Algumas coisas vão ter de sair e vocês têm de arrumar.

MN: Não, eu vou trazer poucas coisas.

Investigadora: E a ■■■ (nome da auxiliar) sabe, ontem a Ana desarrumou a casinha toda, para arrumar tudo bem outra vez.

MN: Eu vou trazer poucas coisas.

Investigadora: Por baixo ali da parte dos móveis, tem comida. Por exemplo, o frigorífico. Mas tem lá aqueles papéis que tu disseste, fotografias.

MN: Sim! No frigorífico, vou por docinhos, doces.

Investigadora: E tu DO, o que é que trouxeste para a casinha? Foram as frutas?

Auxiliar: Não, quem trouxe isso foi a FR.

DO: Canecas. Muitas coisas. Eu já não me lembro.

Investigadora: E gostas da casinha assim? Está melhor do que antes?

DO: Sim!

Investigadora: Antes de estar do outro lado?

DO: Sim!

Investigadora: E se ela ficasse assim para sempre, estava melhor?

DO: Estava! Mas como é que alguém conseguiu tirar a casinha dali e pô-la ali, como?

Investigadora: Tirámos tudo para fora. Pusemos o tapete da garagem, tudo ali em cima do tapete onde nos reunimos e depois assamos os móveis todos. Pegámos neles ao colo.

DO: E como é que conseguiram carregar aquilo todo da casinha?

Investigadora: Com muita força, eu e a [REDACTED] (nome da outra estudante). Nós comemos muita sopa!

APÊNDICE 15- REGISTOS DE OBSERVAÇÃO DO ESPAÇO DA CASINHA

Observação pela investigadora: Ana Sebastião Dia: 28 de outubro de 2024 (Segunda-feira)			
Intervalo de tempo: 11:27 às 11:35h (aproximadamente 8 minutos e 46 segundos)	Idades: 3 e 5 anos	Crianças envolvidas: CM, LL, IS, MA e VD	Informações adicionais: As crianças que foram para este espaço foram as que quiseram ir brincar na casinha após perguntar a várias crianças enquanto estas estavam no espaço exterior.
Tipo de brincadeiras: Servir refeições à investigadora e à MA (que estava a precisar de algum mimo).			
Objetos utilizados: Alimentos de plástico, cordões de plástico, loiças de plástico, fogão de madeira, mesa central da cozinha em madeira, armário de madeira, lava-loiça que é um alguidar de plástico (encrustado num armário de madeira) e óculos de sol.			
Descrição da observação: Ao chegarem à sala a maioria das crianças dirigiu-se ao placar com as fotografias de todas as crianças para retirar a sua fotografia e colocar na área. As crianças que não se lembraram desse pormenor foram alertadas pelas restantes. Quando chegaram área da casinha foram logo em direção às frutas vegetais para preparar refeições para a investigadora que disse que queria brincar com elas e posteriormente também confeccionaram refeições para a MA. A IS fez uma sopa à investigadora com uma folha de alface tomate e mais alguns condimentos e até algumas frutas. A LL também ofereceu sopa especificando que era de legumes (feita com colares de pérolas, cerejas e morangos). A certa altura já estavam quase todas a preparar refeições para investigadora e para a MA. A CM Fez a sobremesa quer composta por várias frutas e ainda lhe perguntou se queria chá ou café. Respondido que não gostava de chá, então queria café, esta foi em direção aos copos do armário, no entanto ainda voltou para trás para perguntar se queria chocolate quente ou com chocolate. Ao ver esta situação a IS também quis traz uma bebida. Em seguida a CM fez um hambúrguer com uma folha de alface a rodela de tomate sem pão e sem carne para a investigadora. Enquanto comia a VD apareceu com uns óculos de sol e sem qualquer explicação pediu para os colocar na investigadora. Depois a MA entrou na cozinha e disse que ia fazer sopa referindo que			

experimentou sopa em casa e que descobriu que agora gosta de sopa. Depois de ter entrado na cozinha a MA referiu que deixaram de a servir e então a CM que é sua prima foi lhe dar um doce. A IS então referiu que era a mãe da investigadora é que o FR e o GR eram os seus irmãos. Por último, a VD pede para ir para ir à casa de banho e a investigadora apercebeu-se de que fiz xixi dentro do espaço da casinha então todas as crianças tiveram de sair desse espaço. O chão foi limpo e a criança foi mudada. Depois todas regressaram para ajudar a arrumar e foram lavar as mãos para almoçar.

Complemento com vídeo:

A MA assim que entrou na casinha chamou logo a investigadora freneticamente até que esta fosse ter consigo para lhe servir uma refeição ao que a investigadora respondeu: “Que refeições têm para mim?”, ao que a MA respondeu: “Hambúrguer” e a CM acrescentou: “E a sopa”. Enquanto isso a LL distribuiu pratos pela mesa e voltou a arrumá-los empilhados, sozinha. Depois começou a passar alguns vegetais para a CM. Ao ouvir falar em sopa a MA fez questão de informar a investigadora de que passou a gostar de sopa. A LL voltou a ficar sozinha a e pegou nos pratos para prepara sozinha refeições com colares. A IS comentou que um dos alimentos presentes na sopa parecia um coração, de forma animada. Tanto a LL como a CM ao verem refeições serem servidas à investigadora, foram-lhe oferecer um pouco de comida também, gritando: “Quem quer sopa?”. A certo momento começou a haver alguma disputa sobre quem dava mais comida à investigadora, até que entrou na casinha a VD a dizer: “Eu ainda não estou a comer nada!” o que despertou a atenção de todas as meninas que disseram que lhe iam fazer algumas refeições. De tantas comidas que começaram a ser preparadas até pela VD que queria comer, a investigadora perguntou se queriam ajuda, mas estas quiseram apenas servi-la enquanto partilhavam com a mesma os seus gostos pessoais em relação a alimentos. A LL voltou a focar-se nos seus cozinhados mexendo o tacho balançando-o com o auxílio da luva, deixando de participar na conversa. Mais refeições surgiram para a investigadora então esta teve a ideia de referir que algumas crianças ainda não tinham sido servidas no sentido de permitir que estas interagissem.

Na terça-feira dia 29 de outubro, não foi possível registar brincadeiras no espaço da casinha. De manhã o grupo brincou pela primeira vez este ano letivo com baldes e pás e devido ao seu envolvimento passaram muito tempo a brincar na caixa de areia. Quando tiveram de arrumar ficaram tristes, demoraram muito tempo e depois nem sequer aderiram à proposta educativa planeada para aquele dia (todas estas etapas demoraram a manhã inteira). Da parte da tarde, entraram na sala e dirigiram-se logo para o tapete como é habitual para que cheguem todos e se acalmem primeiro. No entanto, no início desse

momento de acalmia uma criança adormeceu e foi colocada no espaço da casinha, logo não foi possível observar as crianças no espaço, uma vez que o mesmo estava a ser usado pela criança a dormir.

Observação pela investigadora: Ana Sebastião

Dia: 30 de outubro de 2024 (Quarta-feira)

Intervalo de tempo:	Idades: 3 anos	Crianças envolvidas: VD	Informações adicionais:
11:55h ao 11:59h (aproximadamente 4 minutos e 53 segundos)			A criança foi explorar o espaço da casinha por autonomia própria e por curiosidade sua de forma completamente espontânea. No momento em que estavam a ser definidas tarefas a cada criança
Tipo de brincadeiras: Exploração de materiais			
Objetos utilizados: óculos de sol de plástico, pulseiras de metal e tecido, anéis de plástico, loiças de plástico, armário de madeira, lava-loiça que é um alguidar de plástico (encrustado num armário de madeira).			
Descrição da observação: Durante o momento em que algumas crianças estavam de pé a receber indicações para onde cada um ia. A VD dirigiu-se para o espaço de casinha. Ficou durante algum tempo a observar tudo ao seu redor levantou alguns objetos para ter acesso à caixa onde estavam os óculos tirou uns e levou-os até ao lava-loiças. Enquanto voltava para a caixa de óculos observou um pouco mais o espaço e foi buscar alguns acessórios para juntar ao que já tinha levado para o lava-loiça e saiu do espaço porque foi-lhe atribuída uma tarefa.			
Complemento com vídeo: Embora a VD tivesse a precessão de que não era suposto estar ali naquele momento pelas vezes que olhou para trás, manteve-se a explorar, ignorando as indicações da educadora, que falava da outra ponta da sala para que todos a ouvissem. Após algum tempo em que a mesma esteve sozinha a aproveitar para explorar antes de ser chamada, foi mencionado que as crianças mais novas podiam ir se sentar para fazer um desenho do pai, ao ouvir isto a VD saiu logo do espaço sem arrumar o que deixou no lava-loiça.			

Na segunda-feira dia 4 de novembro não houve registro de observação de brincadeira no espaço da casinha. Uma vez que estava prevista uma greve que foi levada a cabo pela auxiliar de ação educativa da sala, logo não houve escola.

Observação pela investigadora: Ana Sebastião			
Dia: 5 de novembro de 2024 (Terça-feira)			
Intervalo de tempo:	Idades: 4 e 5 anos	Crianças envolvidas:	Informações adicionais:
14:35h às 14:59h (aproximadamente 24 minutos e 50 segundos)		CV (entra primeiro e sai depois de pouco tempo), SS, CR, VC, LA e AS (entra a meio da brincadeira)	As crianças foram brincar no espaço por livre e espontânea vontade.
Tipo de brincadeiras: Mães e aos pais, limpezas, organização de roupas e reformas na cozinha (consertos, construções e pinturas)			
Objetos utilizados: Bebés, tábua de passar a ferro, ferro de passar a roupa, alimentos de plástico, cama dos bebés e materiais de limpeza, loiça de plástico, acessórios de moda (pulseiras) e óculos de sol.			
Descrição da observação: A CV entrou na casinha sozinha, sentou-se na cama e colocou um bebé ao colo para lhe fazer massagens nas orelhas. Logo, entrou a SS e a CR (de joelhos) e a CV afirmou que ela (CR) não era a bebé por que não queria tratar dela. A SS enfrentou-a e disse que ia ser sim. Logo chegaram o VC e o LA. VC a afirmou querer ser o irmão mais velho enquanto o LA abraçou a CR que estava a chochar no dedo. A SS aceitou que o VC fosse o irmão, mas a CV não aceitou a CR como bebé e o LA levantou-a do chão, sentando-a à mesa. A CV saiu da sala atrás da educadora e a SS começou a passar a ferro e o LA e VC começaram juntos a arrumar o lençol da cama e a limpar com uma escova o mesmo, enquanto a CR fingia comer uma cenoura. Entretanto, a CV voltou e repete que a CR não é a bebé e o VC fingiu ser um bebé, enquanto se atirava para o chão e tentava queimar a tábua de passar a ferro com o ferro. A CR ficou triste e a CV tentou animá-la, enquanto a SS tentou varrer com uma pá lixo de cima da tábua para o ferro de engomar. O LA voltou a tentar pegar na CR ao colo e colocou-a na cama dos bebés. A CV continuou a explicar à SS que a CR não podia ser um bebé e saiu da casinha. O VC saiu da casinha também e voltou com a pá na mão a dizer que era o pai, dirigiu-se à mesa central e foi buscar um talher, fingindo reparar as bancadas com este. O LA tapou a CR na cama dizendo que ela estava a dormir, e a SS tirou as roupas da gaveta para passar a ferro. A SS colocou a roupa na gaveta e fechou a passagem da casinha com a tábua de passar a ferro. O VC começou a arranjar o chão, enquanto o LA lhe foi buscar mais talheres passando a ser o assistente e a SS começou a limpar o chão e os bebés (que estavam no chão) com uma esfregona. Em seguida a SS, foi buscar uma vassoura e tentou limpar a CR que fingiu ter acordado com uma birra, então a SS fez o som do galo, a CR saiu da cama e SS continuou a limpar os móveis da casa com uma escova. A bebé foi colocada na mesa e a SS fingiu ralar			

com a mesma para comer fruta. A SS ajeitou o lençol da cama e a bebé fugiu para a lateral da cama e ficou lá a chuchar no dedo. A bebé chamou o LA de Papá. O AS entrou na casinha e ficou a observar a brincadeira para a perceber, depois de algum tempo foi buscar a esfregona e começou a limpar o chão. O VC e o LA começaram a construir algo em conjunto. A SS, voltou a passar a ferro, mas logo se cansou e continuou a limpar os móveis com uma escova. O AS também se cansou de limpar e foi ter com a bebé que estava a dar um abraço ao LA, por isso decidiu ir buscar um bebé de plástico para a CR, que foi devolvido a cama pelo CV por isso este deu-lhe outro bebé que novamente foi recusado e devolvido também à cama pelo LA. A SS começou a retirar tudo o que estava dentro do lava-loiça, o LA parou de ajudar o VC e começou a alimentar a CR e recebeu um abraço da mesma. Ao tirar pulseiras debaixo do lava-loiça a SS oferece à CR. Após acabar de dar comida à CR o LA levou os bancos da cozinha para perto do VC e o AS procurou uns óculos de sol para os colocar em si. Entretanto o LA explicou ao AS que a barreira de bancos foi precisa para dizer que ali estava em obras. A bebé passou um batom e a SS saiu da casinha para terminar uma proposta com a educadora. O AS entrou no espaço da construção e o LA fez uma divisão com as cadeiras entre a mesa e os móveis a bebé fingiu comer várias frutas e o AS abraçou-a e tentou que esta comesse, enquanto o LA ofereceu comida, mas esta recusou e começou a bater com a fregona nos bancos. A construção do VC aumentou para as laterais da cama (este usou um bole para vedar os cantos da cama) e a bebé começou a atirar com coisas e a passar por debaixo da mesa enquanto o AS e o LA tentaram controlar os seus atos. Tudo quanto o LA e o AS deram à CR esta mandou fora. Depois a SS entrou na casinha e colocou um lenço a servir de babete na CR, sentando-a na mesa de forma um pouco agressiva e ordenando ao AS que lhe desse comida. O LA e o AS ofereceram comida à CR e esta recusou sempre atirando tudo para o chão, o VC afirmou para terem cuidado por que estava a pintar a casa (usando uma vassoura para espalhar a tinta nas paredes e móveis). A SS depois de ter dado as suas ordens começou a arrumar a cozinha. O AS deu mimo, no chão à CR enquanto o LA lhe preparou uma refeição que fez ao lume para lhe dar. A SS começou a passar a esfregona no chão e o AS começou a passar uma escova de limpeza no cabelo da CR e colocou-a de pé, mas esta voltou a colocar-se de joelhos afirmando que os bebés não se poem de pé e sim de gatas. A SS continuou a arrumar as coisas que estavam no chão e deu ao VC vários talheres para a construção e este colocou-as todas alinhadas entaladas numa calha que estava no chão. O AS tirou os óculos e comeu uma melancia enquanto a bebé fugiu e todos chamaram por ela. O VC foi buscar a pá para a construção, enquanto o AS foi buscar talheres para poder servir comida à bebé. Ao mesmo tempo que VC fez uma barreira à volta da CR com os bancos, a SS foi à construção deste retirar talheres e este ficou chateado com ela. Mas logo deixou de se preocupar por aperceber que é interessante atirar os pratos. Com exceção do VC, todas as restantes crianças estiveram a tomar conta da bebé, tentando

limpar o espaço em que estavam e alimentando-a. Devido ao pouco espaço que tinham e com os bancos que ainda impediam a passagem, a SS quase caiu ao passar para o lado da construção para ir buscar mais loiças. O VC desistiu da construção e passou a dar mimos à CR, enquanto o LA tentou-lhe dar comida e o AS se afastou para limpar o pó da tábua de passar a ferro com o espanador. De repente caiu o escorredor em cima do VC e todos riram incluindo ele, que logo após se atirou para o chão e fingiu estar inconsciente. Quando se aperceberam a SS e o AS foram em seu auxílio, tentando chamar por este. Rapidamente retomou a consciência dizendo que desmaiou. Voltou a desmaiar e foi pisado pela SS sem querer devido a falta de espaço e deste achar engraçado começar a prender os pés da SS para ela não conseguir andar. A CR e o LA começaram a fazer cocegas um ao outro e o VC e a SS tentam levá-los com a vassoura e uma escova por que VC afirmou ter ouvido a campainha tocar (que seria sinal para arrumar, pois quem tinha tocado era a mãe da IT que estava à porta da instituição para entrar com o bolo de aniversário dela). Ainda assim o AS fingiu reparar o espaço da construção. Em seguida, o VC tentou dar comida à CR mostrando estar sem paciência e então a SS levou a bebé para o seu colo levando todos atrás para ver o que se estava a passar. O AS deu festinhas na cabeça da CR enquanto o VC se pus em cima delas para um abraço, ao ver isto o LA bateu do rabo do VC para eles a largarem. Após isto, o VC colocou-se em cima de um banco com a vassoura na mão e cantou a música para arrumar quando a educadora disse para arrumarem. Com isto, todos saem das suas personagens e começam a arrumar apercebendo-se de que uma aranha invadiu a casinha, indo todos ver. O VC tentou matá-la com a vassoura, mas o LA disse-lhe para não fazer isso. A aranha fugiu e a CR gritou. Ao ver isto, a auxiliar entrou no espaço e pediu para arrumarem a casinha, para poderem comer o bolo da IT e todos começaram a arrumar esquecendo a aranha que fugiu para de baixo dos móveis. Quase tudo o que desarrumaram foi arrumado, mas a auxiliar voltou ainda ao espaço para arrumar alguns brinquedos.

Complemento com vídeo: De início a CV insistiu que a CR não podia ser a bebé: “Ela não é a bebé, ele é que é (bebé de plástico do qual ela agarrou, assim que entrou e ficou a mexer-lhe nas orelhas). Ela é a irmã mais velha. Não vou brincar com ela” o que gerou algum conflito com a SS que aderiu à ideia da CR de ser a bebé. Enquanto isso a CR apenas ficou na personagem de bebé e não comentou a situação. Ao ouvir a discussão entre a CV e a SS, o LA e o VC entraram da casinha. O LA dirigiu-se logo à CR e tentou pegar-lhe ao colo, assumindo aceitando assim a brincadeira e o VC referiu que podia ele ser o irmão mais velho. A educadora atravessou o espaço para passar para a sala do lado e referiu para todo o grupo, mas tocando no braço da SS: “Façam muito barulho façam que vão ver se vos deixo repetir o bolo! Façam muito barulho.” Mais uma vez a CV voltou a insistir que a CR não podia ser a bebé, mas desistiu quando percebeu que nada iria mudar e saiu atrás da educadora para a sala do lado. Em seguida volta e tenta convencer a CR a não ser a bebé, enquanto o LA e o VC limpam a cama

dos bebés. O VC no meio do caos decidiu agir com um cão, colocando-se de joelho e com a língua de fora- Cada um assumiu uma função na casa, sendo a da SS passar a ferro, o LA cuidar da bebé, o VC preparar a cama para a bebé e a CV a ficar cada vez mais chateada. Quando a educadora regressou parou no espaço da casinha para referir que iria começar a apontar no telemóvel o nome dos meninos que estavam a fazer barulho, depois atravessou o espaço, contornando as crianças para conseguir sair do para o restante espaço da sala. Quando viu a educadora passar o LA perguntou-lhe: “podemos descalçar-nos?” ao que a mesma respondeu que não, o que fez o LA dizer à CR que não podia descalçar-se deixando a confusão com o facto de ter de se deitar com os sapatos postos. A CV saiu da casinha chateada e o VC referiu que podia ser o pai. Enquanto o LA cobria a CR na cama e dizia a todos que a CR estava a dormir, as restantes crianças continuavam focadas nas suas tarefas, a SS tirava roupas da cómoda e passava-as a ferro, a CR fingia dormir e o VC começava a arranjar o fogão com um garfo. Nisto a educadora volta a falar do barulho que se fazia ouvir na sala dizendo: “Está muito barulho! Está-me a doer a cabeça, amanhã fico em casa e vocês já não vão ao passeio.” O VC deixa de arranjar o fogão para se dirigir para o chão para o arranjar, chamando o LA para o ajudar, ao que este ainda embala uma última vez a bebé antes de ir. Ao ver a bebé sozinha a SS foi acomodá-la e arrumou os restantes bebés de plásticos que estavam no chão caídos e em seguida foi verificar o conserto do VC e do LA, antes de voltar às lides domésticas. A bebé acordou e começou a pedir comida à SS que a serviu de forma um pouco agressiva o que a fez se esconder perto do local do conserto. O AS entrou no espaço perguntou o que estava a acontecer e ficou a observar e depois assumiu o papel de cuidar da bebé, enquanto a SS arrumava a cama e limpava o chão. A certo momento a bebé volta a ficar perto do LA e do VC e o AS juntasse à SS na limpeza do espaço, até se lembrar da bebé que fingiu bater-lhe. O VC reclamou com o AS para deixar a CR em paz e sair dali para que eles pudessem ter espaço para as obras. Antes de voltar ao conserto o LA certificou-se de que a CR estava bem e o AS começou a dar à bebé vários bebés e ela ao recusar chamou à atenção do LA que em sua defesa colocava os bebés de novo na cama. A CR pediu comida ao LA que aproveitou os talheres que tinha da construção para a alimentar, enquanto o AS voltava para as limpezas vendo-se impedido de voltar para junto da bebé devido a uma barreira feita pelo VC com bancos para que ninguém passassem para as obras. A SS saiu da casinha e o AS entrou na zona em obras para ajudar o VC que lhe pediu ajuda. Por alguns instantes o LA saiu da zona em obras pegando na bebé CR e colocando-a num canto da cozinha para a alimentar delimitando a zona com dois dos bancos que delimitavam a área em obras. Enquanto o LA tentava alimentar a CR, esta fugiu e o AS foi atrás dela e levou-a para junto da mesa para ir comer, porém esta recusou tudo o que lhe dava o LA e o AS atirou-lhes os alimentos para cima. Para além de atirar alimentos começou a atirar tudo o que encontrava deixando os dois rapazes sem saberem o que fazer para lidar com

aquele comportamento. A SS voltou para o espaço da casinha e começou logo a organizar o espaço e a brincar com a bebé, enquanto o AS observou. Entretanto a SS agarra firmemente na CR e senta-a de uma forma um pouco rude e dá-lhe uma palmadinha nas costas, assumindo o papel de um adulto que educa de forma bastante assertiva. O AS tentou alimentar a CR e esta voltou a atirar os alimentos enquanto a SS continuou a arrumar o espaço e o VC começou a fazer a limpeza do espaço. Do lado de fora do espaço a VD observou as tentativas dos colegas de arrumar a casinha e entregou os objetos que foram atirados para fora à SS. O AS levou a CR para um canto da cozinha para a pentear e deixa o LA chateado por não ter espaço para se dirigir à CR também, mas rapidamente desistiu e começou a preparar refeições no fogão, enquanto a SS limpava a casinha e o VC arranjava o chão com talheres. O LA chamou a bebé: “Bebé, anda ao papá!” para lhe dar comida. O VC que também lhe queria dar comida, cercou o espaço e pediu ao AS para sair dali por falta de espaço para circularem e este começou a limpar a casa e a SS foi ajudar o VC nas obras e quase caiu de cima de um banco ao deslocar-se para lá por falta de espaço para passar. O VC dirigiu-se à CR para brincar com ela e num momento de desequilíbrio aproveitou a situação para fingir um desmaio e a SS foi em seu auxílio e este despertou e deu-lhe uma palmada na testa ao que esta respondeu com um pontapé de leve no rabo deste. Como o VC gostou da ideia do desmaio, volta a fazê-lo e a SS quase que o pisou e este com os pés prendeu-a e ela quase que caiu de novo. Ao longe a auxiliar alertou para eles não se magoarem senão teriam de sair dali e mencionando que estava a ver o que a SS estava a fazer ao que esta respondeu “Só estou a tentar arrumar.”. O LA deu mimo à CR colocando-a no seu colo e o VC tentou se aproximou e teve o seu dedo colocado na boca da CR por ela mesma, tal como um bebé a chochar, o que fez este sair dali e começar a varrer a casinha. A certo momento a campainha do portão da instituição tocou e o VC afirma ter ouvido o que fez com que comessem a arrumar, com exceção da CR e do LA que continuaram ainda sentados. Ao verem os dois sentados todos se dirigiram até eles para brincarem e alimentarem a bebé. Num momento de em que a SS pegou na CR para lhe dar colo o VC pôs-se em cima delas, mas logo se afastou por um beliscão que o fez colocar-se em cima de um banco e cantar a música de arrumar. A educadora informa o grupo que “A mãe da IT está a chegar (pois a mesma fazia anos naquele dia e vinha cantar os parabéns à instituição) e na minha está o nome de quem fez barulho. Comecem a arrumar antes que coloque na minha cabeça mais pessoas.” Uma aranha apareceu no espaço e dividiu opiniões por que algumas crianças queriam matá-la e outras afirmaram que “não, é da natureza”, então a auxiliar entrou na área e disse para arrumarem que a aranha não lhes fazia mal nenhum, mas ainda demoraram a ignorar o animal que foi para debaixo do armário das loiças. O LA foi o último a sair da casinha por que ainda tinha interesse no percurso da aranha, no entanto, a auxiliar entrou no espaço a fazer uma contagem decrescente para estar tudo arrumado e num momento em que a aranha apareceu esta

pisou-a deixando o LA sem ter o que dizer. Após saírem do espaço a auxiliar ainda encostou a mesa aos móveis e arrumou um dos escorredores que ficou esquecido em cima dos móveis.

Na quarta-feira dia 6 de novembro não foi possível obter registos do espaço da casinha, pois estava programado um passeio com toda a instituição. A viagem começou com a partida de autocarro às 8:30h e terminou por volta das 17:30h com a chegada à instituição. A visita demorou um dia inteiro, porque todos foram ver uma peça de teatro a Lisboa, fizeram um piquenique num parque e depois brincaram no parque até ser hora de entrar no autocarro de novo, para voltar para Leiria.

Observação pela investigadora: Ana Sebastião			
Dia: 11 de novembro de 2024 (Segunda-feira)			
Intervalo de tempo: 10:41h às 11:21h (aproximadamente 40 minutos e 15 segundos)	Idades: 3, 4, 5 e 6 anos	Crianças envolvidas: IS (saiu logo no início), DO, SC, PS e o LA (entra após algum tempo).	Informações adicionais: As crianças que foram brincar na casinha estavam a brincar no espaço exterior. Foi-lhes perguntado sobre quem queria ir brincar para a casinha e as crianças envolvidas foram as que disseram querer ir. Sendo que uma delas era O VC que questionou se teriam de arrumar o espaço no final, ao que lhe foi dito que sim e este desistiu da ideia e foi brincar para o exterior. O LA foi para a sala ajudar numa proposta, mas depois quis ir brincar no espaço também.
Tipo de brincadeiras: Limpeza do espaço do tapete e casinha, negociação de joias, experimentação de acessórios, cantores (rock) e confeção de refeições.			
Objetos utilizados: Óculos de sol, comidas e loiças de plástico, mala de plástico, mala de maquilhagem, acessórios de moda (pulseiras, colares, anéis e entre outros), utensílios de limpeza (esfregona, espanador, escova e entre outros).			
Descrição da observação: Ao chegar à casinha cada criança foi para seu canto explorar o que havia na casinha, e o DO foi logo em direção aos óculos de sol, colocou na cara dizendo que era o rei e foi em direção ao PS (que tinha levado a caixa dos acessórios para outro sítio) que lhe fez uma vénia de joelhos. O PS colocou também uns óculos de sol e quis tirar uma fotografia com o DO. O SC pediu para lhe abrir uma mala de plástico, enquanto a IS colocava frutas e legumes num tacho. Devido ao facto de			

algumas crianças terem pedido para tirar fotografias, o grupo que estava na casinha acabou por sair do espaço por alguns instantes para verem a fotografia a ser tirada. Quando voltaram a IS foi explorar mais um pouco outros acessórios, o SC pediu para abrir outra divisória da mala e o PS e o DO foram procurar mais óculos para tirar mais fotografias. O SC ao regressar colocou vários anéis nos dedos e afirmou ao PS que estava rico por possuir anéis. Em seguida todo o grupo saiu do espaço para ver as fotografias e só o PS e o SC ficaram para procurar mais anéis para eles, afirmando que alguns são de menina e que esses ele não queria, só queria os de rapazes por que só podia usar esses. No entanto, o SC chegou à conclusão que o melhor para ser rico seria ele e o PS ficarem com tudo para eles e apoderarem-se de tudo, começando a colocar vários acessórios em si e a rir dizendo que são irmãos. A IS pediu para fazer desenhos na mesa de atividades, por isso saiu da casinha. O DO entrou na casinha, tirou os óculos e começou a explorar o interior da mala de plástico, colocando um legume dentro. O PS e o SC arrumaram algumas das joias e com as restantes fizeram uma refeição num tacho. Em seguida, o DO tentou virar uma folha de alface com um utensílio de cozinha (com orgulho quando conseguiu) e o PS começou a limpar o chão com uma vassoura. Vendo isto, o DO e o SC viram-se motivados para limpar também e desentenderam-se por que queriam os dois a esfregona. O PS emprestou a vassoura ao SC e foi buscar uma escova, começando os três a limpar. Logo pararam para arrumar a casinha, nomeadamente o que tinham desarrumado (as joias, alimentos e utensílios de cozinha) ajudando ainda a FR a procurar um pimento e uma maçã (que estavam dentro da máquina de lavar) para ser levado para a mesa de atividades. O PS ao limpar a casinha colocou-se até de joelhos para limpar por debaixo da cama dos bebés. O SC organizou a mala das maquilhagens enquanto o DO limpava o espaço com a esfregona e o PS varria o tapete. Ao ver que tinham expandido o espaço, a investigadora fez questão de o mencionar e o três acharam muito engraçado. O DO saiu da casinha e começou a limpar o espaço, o SC ainda permaneceu um pouco mais dentro da casinha, colocando colares dentro da mala de maquilhagem enquanto chamavam o PS de amor e ria-se. O SC ainda tentou chamar o PS para a casinha dizendo que ia para a Disney com a mala da maquilhagem na mão, mas este não quis voltar dizendo que estava a limpar o jardim deles os dois e o campo de futebol, no entanto ainda recebeu colares do SC que foi por num tacho. Vendo que o PS voltou o SC pôs uns óculos e fingiu ser um cantor de rock para cantar para o PS. Enquanto o PS limpava o jardim, o SC continuou a chamar pela sua atenção mostrando ao pai (PS) as joias que comprou. O DO lembrou-se do pimento e perguntou por ele parando de esfregar o chão da sala. Em seguida, o PS e SC

limparam o tapete da sala e levaram joias para lá, enquanto o LA entrou na casinha e começou logo a varrer o chão e DO lavava logo a seguir. O SC trouxe a mala de maquilhagem para a casinha e pegou no cesto dos alimentos, por que o PS disse que estava com fome. No tapete o SC e o PS fizeram uma pausa sentados para comer, referindo que a comida estava muito boa. O DO saiu para ajudar numa proposta e simplesmente largou a esfregona, deixando-o cair no chão. Em seguida, o LA parou as limpezas para cozinhar panquecas no fogão (com a folha de alface), saindo para dizer que queria desenhar. Entretanto, o SC entrou na cozinha para deixar a cesta e levar a esfregona. No tapete, continuaram a limpar o chão com a esfregona, vassoura e escova, levantaram os bancos, esfregaram o chão de joelhos por de baixo das cadeiras (do adulto e do chefe do dia), limparam os bancos por cima, o quadro de giz e os calendários de registo, dizendo que estava tudo muito sujo. Os três (SC, PS e LA) foram capazes de dividir tarefas pois, o PS referiu que não queria ninguém a limpar o seu espaço, no entanto partilharam os utensílios de limpeza sempre que necessário. Para além do trabalho de equipa, motivaram-se também uns aos outros para limpar tudo. O envolvimento nesta tarefa de equipa foi tanto que começaram a fazer muito ruído, ao discutir uns com os outros se o espaço era um campo de futebol ou de basquete. Apesar de terem sido avisados por causa do barulho, riram-se muito, começaram a correr com as vassouras e esfregonas de um lado para o outro e a fingir que escorregavam por conta do piso estar molhado, dizendo que estavam a fazer patinagem. Assim que o DO terminou a proposta, foi em direção à casinha para ir buscar um espanador para limpar o espaço do tapete, mas como não tinha arrumado, a investigadora foi chamá-lo para arrumar os seus lápis. Depois pediu ainda ao grupo que arrumassem a casinha por que não estavam a fazer menos barulho como lhes tinha sido pedido, aliás estavam a fazer até mais barulho. Ainda que com alguma pena começaram a arrumar quando perceberam que já tinham perdido a última oportunidade. Assim que se aperceberam que a investigadora estava a olhar, voltaram a ir buscar mais utensílios de limpeza afirmando que era hora de limpar. No entanto, assim que a mesma referiu novamente que era para arrumar, todos colaboraram na arrumação e limpeza do espaço até que o DO e o PS começaram a despejar os alimentos todos dentro do lava-loiça. A investigadora percebeu-se da situação pediu que arrumassem bem o espaço. Após tudo arrumado e limpo, saíram no espaço e foram para o exterior brincar mais um pouco.

Complemento com vídeo: Inicialmente foram todos para onde queriam e a interação que surgiu foi entre o PS e o DO pois o PS referiu que era um cão rico e o DO riu-se do comentário. O SC por não conseguir abrir a mala de plástico foi pedir à

investigadora e o DO foi atrás deste com alguns óculos de sol que colocou na cara e exibiu para a investigadora que disse: “Uau, mas o que é isto! Estás tão giro.”. O comentário da investigadora fez com que o mesmo ficasse contente e quisesse experimentar mais armações para obter mais feedback. O PS que estava a observar diversos acessórios no chão e de óculos escuros na cara saiu do espaço para obter também algum feedback da investigadora., pousando com o DO para uma fotografia. Enquanto os dois estavam fora da casinha para ver o DO e o PS de óculos, a IS ficou sozinha na casinha a explorar os alimentos em plástico e alguns acessórios. O SC regressou para ver o que havia dentro da mala que não conseguia abrir, ao mesmo tempo que entrou no espaço o PS e o DO para irem buscar mais óculos para pousar para mais fotografias. O SC comentou animado com a IS que encontrou um anel dentro da mala, depois comentou com o PS que era muito rico e foi mostrar à investigadora o quão rico estava com tantos anéis nos dedos. Por diversas vezes o DO e o PS foram buscar óculos para mostrar à investigadora e o SC continuava a chamar à atenção do PS, de que eles estavam ricos com tantas joias para brincar com ele. Durante algum tempo não teve sucesso, até que a certo momento o PS se juntou ao SC para ver tudo o que estava virando da caixa das joias no chão. O PS ao ver o entusiasmo do SC pelos anéis refere que os anéis são para meninas ao que este disse: “Os anéis também são para os meninos! Com isto tudo para nós vamos ser ricos.” (rindo-se). “PS isto tudo era nosso.” A IS saiu da casinha para ir desenhar e o DO começou a explorar a mala de plástico que o SC pediu para abrir. A investigadora comentou estar a ver que na casinha estavam meninos a mexer em joias com o intuito de ficar a saber o que estava a acontecer, mas o PS e o SC apenas levantaram a cabeça e não disseram nada, mas estavam a negociar as joias de cada um. O PS começou em seguida a limpar a casa e o DO e o SC sentiram-se tentados a fazer o mesmo, porém escolheram o mesmo objeto para limpar o chão e ninguém queria ceder, tendo a investigadora que intervir para não se magoarem. Rapidamente cederam e cada um escolheu um utensílio de limpeza diferente e ajudaram o PS a limpar a casinha. O SC retirou-se das limpezas para arrumar as joias enquanto os seus amigos continuaram com as limpezas. A certo momento, o PS e o DO começaram a limpar o chão da área do tapete enquanto o SC tenta chamar à atenção do PS referindo que os dois iam para a Disney, com a mala de maquilhagem na mão, como se fosse uma mala de viagem. Como a estratégia não resulta este abriu a mala, mexeu nas joias e disse: “Olhem o que eu comprei!” deixando o DO espantado e o PS com vontade de adquirir algumas joias para si. O LA entrou no espaço e começou logo a limpar também o espaço da casinha e do tapete. Mais tarde o LA entrou sozinho

no espaço da casinha para fazer panquecas para todos, chamando-os e nisto a investigadora disse-lhes que estavam a fazer muito barulho. O SC retira o que não é utensílios de cozinha do tapete e começa a limpar aquele espaço também. O PS ainda afirma que não quer que limpem a parte dele. O DO afirma querer desenhar, então deixa a casinha. O PS e o SC que continuaram a limpar a zona do tapete a certo momento discutem sobre o que é aquele espaço. Depois retomaram as limpezas com entusiasmo o que levou a algum barulho que fez com que a investigadora referisse que se assim continuasse teriam de arrumar tudo e sair. Ao ouvir isto ficaram tristes e disseram que não queriam. O SC retornou a casinha sozinho para arrumar alguns brinquedos. Com o barulho cada vez mais alto a investigadora viu-se obrigada a pedir para arrumarem e estes ainda falaram superaram e falaram mais alto até perceberem que a investigadora estava a falar a sério e então dirigiram-se para a casinha para arrumar. O LA referiu que teriam de arrumar e que depois podiam limpar a casinha antes de irem embora e chamou a IS para ajudar a arrumar. Todos ajudaram a arrumar incluindo a IS, com muita brincadeira à mistura. Posto isto, a investigadora viu-se novamente obrigada e intervir dizendo que se continuassem a gritar iriam ficar um pouco sentado a pensar, antes de irem para a rua. Com a casinha arrumada saíram todos do espaço para irem para a rua brincar.

Observação pela investigadora: Ana Sebastião

Dia: 11 de novembro de 2024 (Segunda-feira)

Intervalo de tempo:	Idades: 4 e 5 anos	Crianças envolvidas: VC, LA, DS, SC, IT	Informações adicionais:
14:26h às 15:13h (aproximadamente 47 minutos e 36 segundos)			As crianças foram brincar no espaço por livre e espontânea vontade.

Tipo de brincadeiras: Limpezas, exploração de brinquedos, imaginar que um brinquedo pode ser outras coisas, médicos e pacientes, aos bebês e a preparar refeições.

Objetos utilizados: utensílios de limpeza, acessórios como pulseiras e colares, óculos sol, utensílio relacionado com a saúde (pinça), bebês e loiças de plástico e alimentos de plástico.

Descrição da observação: Inicialmente foram para a casinha o VC, o LA e o DS, que assim que chegaram foram logo em direção aos utensílios de limpeza para limpar o espaço, mais especificamente fingindo que limpavam a cama dos bebês. Depois pegaram na tábua de passar a ferro para a colocar a bloquear a entrada na casinha. O VC retirou o carrinho de passeio dos bebês do canto onde costumava estar para poder aceder o interior do armário, ficou lá dentro durante algum tempo (dizendo ser um bebé também). O LA empurrou a porta para o VC não sair de lá de dentro, e só saiu por que a educadora disse que se iam entalar. Em seguida, os três foram buscar acessórios para si, que disseram ser valiosos, então VC pegou na vassoura e começou a disparar com esta contra os seus amigos como se fosse uma arma. Enquanto o DS e o LA exploravam os acessórios, a vassoura do VC transformou-se numa guitarra. Com óculos às cores e objetos relacionados com saúde, tanto o DS quanto o LA disseram ser médicos tratando do VC que desmaiou após uma cirurgia. Em seguida, o VC começou a fazer cirurgias aos bebês e o LA lembrou-se de retirar o que estava no armário para se meter lá dentro. Quando saiu de dentro do armário começou, juntamente com o VC e DS, a colocar tudo o que desarrumaram dentro do armário (mais do que simplesmente roupas). Enquanto estão a depositar coisas no armário a FR apareceu a espreitar o que estava a acontecer na casinha e depois saiu. O LA deitou-se na cama tapado pelo lençol (a chorar como um bebé) e o VC examinou-o, enquanto o DS explorava os objetos que estavam pelo chão. O VC deu ao LA carinho e medicação e este recusou. O DS observou a situação pondo-se em cima da cama, mas logo saiu para colocar a toalha na mesa. O SC entrou na casinha e começou a varrer o chão. O DS tentou dormir na cama com o LA e o VC tapou-os, no mesmo momento estava o SC a arranjar as unhas. O DS cansou-se de ser bebé e tirou a esfregona das mãos do SC, que saiu para pôr um chapéu na cabeça, e limpar a sala. O bebé LA saiu da cama e foi para um canto enquanto o VC e o DS tentavam animá-lo já que estava a fazer birra. Em seguida, o SC saiu e todos se deitaram afirmando que o VC foi quem morreu e o DS decidiu morrer também. O VC

saiu da casinha e o LA e o DS começaram a arrumar e limpar tudo o que estava no chão atirando e amarrotando tudo, antes de saírem da casinha. Passado algum tempo em que a casinha esteve sem ninguém, entrou o GR que começou a varrer o chão e a explorar a caixa das maquilhagens vendo tudo o que tinha lá dentro em silêncio até que referiu que estava ali sozinho com uma expressão triste e saiu da casinha. A IT entrou na casinha observou tudo ao seu redor e perguntou à professora Joana Bernardo o que é que a mesma ia querer comer afirmando a professora que queria comer um bolo de chocolate. Ao preparar o bolo começou a dar à professora diversos legumes e frutas enquanto isso dizia o nome destes e que naquele momento estava a fazer uma salada saudável que deu a entender que seria a professora a montá-la. A IT saiu da casinha para mais tarde voltar com o LA e o DS para arrumar no espaço, por que a investigadora os chamou para arrumar o espaço já que estiveram a brincar por lá. O LA e a IT chatearam-se porque ele afirmou que a cama não se fazia por cima dos bebés, esta chateada, saiu da casinha deixando-o a fazer a cama. A arrumar ficou então só o LA e o DS. Aparentemente o espaço pareceu estar arrumado, mas a verdade é que muitas coisas foram atiradas para dentro dos armários e prateleiras sem serem arrumados dos devidos lugares.

Complemento com vídeo: Inicialmente o LA e o DS combinaram limpar a casinha. Quando o VC chegou começou a preparar refeições, em seguida os três combinam que papéis iriam desempenhar, enquanto o VC entrou dentro do armário dizendo que também ele pode ser o bebé e a brincadeira torna-se num abrir e fechar de portas do armário das roupas. Ao ver este cenário a educadora menciona que “Se se entalarem eu não vou levar ninguém ao hospital.”, de uma ponta da sala, fazendo o VC sair de lá de dentro. A discussão de papéis continuou enquanto o VC e o LA procuravam os utensílios dos médicos e o DS se deitava na cama dos bebés inquieto e a participar na discussão que terminou com “Eu ia dar a vacina ao DS. Era vacina da gripe.”. Em seguida, o foco nos médicos terminou e todos começaram a colocar na cama dos bebés acessórios dizendo que há ali muito coisa e por isso precisam de ter cuidado com os ladrões. Nisto o VC pegou na vassoura e fez dela uma arma de fogo que começou a disparar para fora da casinha e depois fez da vassoura uma guitarra, enquanto o LA e o DS separavam as joias valiosas. A certa altura o LA pegou num colar que chamou à atenção do VC que se aproximou e pegou no colar para si, colocou-o ao pescoço e disse ter o braço partido e tanto o DS como o LA colocaram óculos escuros e disseram que seriam os médicos e começaram os dois a tratar do VC com uma pinça. O VC no final do tratamento colocou um garfo na manga do bibe como se fosse o gesso. Mais tarde o LA deitou-se na cama fingindo ser um bebé, enquanto o DS e o VC foram ver se ele estava bem colocando a mão na sua testa. O SC entrou na casinha e juntou-se aos amigos para cuidar do LA. Em alguns momentos o SC acabou por deixar os restantes meninos a cuidarem do LA enquanto ele experimentava acessórios diversos, retificando com regularidade o bebé como sendo o primo. A certo momento, o SC saiu do espaço da casinha e o DS, o LA e o VC deitaram-se no chão a fingirem-se de mortos tirando tudo de cima da cama apesar de só o DS se ter deitado na cama. A dada altura todos se levantaram e chamaram o SC para ajudar a arrumar a casinha, mas este não vem

e o VC saiu. O DS e o LA arrumaram então a casinha e deixaram o espaço. Durante algum tempo o espaço esteve sem ninguém até que entrou o GR e o AS que pensativos exploraram o espaço um pouco antes de decidirem brincar com os bebés. Sozinho na casinha o GR espreitou as gavetas das roupas e depois começou a preparar uma refeição com alimentos que foi buscar de locais diferentes da área. Em seguida limpou a casinha com um espanador e com uma vassoura e pá e abriu a mala da maquilhagem tirou tudo o que tinha dentro e voltou a guarda de forma organizada. A IT entrou na casinha e o GR saiu. Assim que ela entrou a professora Joana perguntou-lhe se havia bolo de chocolate e esta assim que começou a preparar o bolo deixou um prato cair entre o móvel do lava-loiça a máquina de lavar a roupa pedindo ajuda à investigadora e à professora Joana para desviar os móveis para ela conseguir passar e tirar o prato de entre os móveis. A educadora, de outro espaço da sala refere que é preciso arrumar, mas durante alguns instantes a IT continuou a brincar no espaço preparando uma salada para a professora da qual foi enumerando os ingredientes. A IT, entretanto, saiu do espaço tendo a investigadora de a ir chamar para arrumar o espaço, assim como algumas das crianças que anteriormente também brincaram lá, sendo que só regressou para ajudar o LA e o DS que orientaram a IT na organização do espaço. A IT não pareceu ter gostado das indicações e saiu do espaço deixando o DS e o LA a terminarem de arrumar a casinha sozinhos.

Observação pela investigadora: Ana Sebastião**Dia:** 12 de novembro de 2024 (Terça-feira)

Intervalo de tempo: 14:21h às 15:06h (aproximadamente 45 minutos e 10 segundos)	Idades: 3, 4 e 5 anos	Crianças envolvidas: AS, IT, GR, IS, CR e VD	Informações adicionais: As crianças foram brincar no espaço por livre e espontânea vontade.
--	------------------------------	--	--

Tipo de brincadeiras: Preparação de refeições, limpezas, brincar aos bebês, explorações livres, esteticista e cabeleireira.

Objetos utilizados: alcofa dos bebês, talheres e loiças, utensílios ligados à saúde, utensílios de limpeza, mala de maquilhagem e os seus objetos e chapéus de palha.

Descrição da observação: Primeiramente entrou na casa o AS, a IT e o GR. O AS embalou um bebé de uma forma um pouco agressiva, enquanto o GR disse que ia preparar um chá, mas demorou bastante tempo à procura daquilo que precisava referindo que não encontrava nada. Assim que encontrou algo pensava poder usar, porém não sabia o que era e o AS disse-lhe que era uma batata. Então os dois começam a abrir o forno a ver onde conseguiriam encontrar os ingredientes e utensílios para fazer um chá. Enquanto isso, a IT começou a organizar frutas e a oferecê-las à CR que começou a comer uma por uma. O GR afirmou que estava tudo sujo e iniciou uma limpeza muito rápida ao espaço. O AS colocou uma chaleira em cima de um copo no fogão, orgulhando-se daquilo que fez. Em seguida, pôs um chapéu na cabeça tirando-o logo para pentear o cabelo dizendo que comia cerejas em casa. O AS colocou novamente o chapéu na cabeça e o GR voltou a afirmar que estava tudo sujo e passando o espanador na cara da investigadora. Com inspiração o AS foi cozinhar numa panela tentando virar uma folha de alface atirando-a ao ar. Ao se deparar com uma cama de plástico que costuma estar dentro de uma mala, o AS questionou sobre o que é que era aquilo, durante o momento em que estava a explorar o espaço. O GR passou a ferro a alcofa do bebé e depois acomodou um bebé. Ao ver isto, o AS embalou de uma forma um pouco excessiva. A IS entrou na casinha e dirigiu-se logo ao espanador começando por limpar tudo, no mesmo momento em que o AS simulou mudar a fralda do bebé e o GR sentiu-se tentado a fazer o mesmo. Ambos embalaram o bebé com alguma brutalidade. Mais tarde, os dois rapazes, tentaram meter-se dentro do carrinho dos bebês e abanaram-no. Vendo isto, a investigadora alertou-os de que iam partir os brinquedos que são caros e que as outras crianças gostavam deles. De forma sorrateira a IS deixou de fazer limpezas e ofereceu uma refeição à investigadora com alface da qual não desvendou que prato era aquele e depois saiu para observar os dois rapazes a brincar com o carrinho e ficou chateada por estarem a entrar para dentro dele e a movê-lo para a frente e para trás muito rápido. Antes do AS e do GR saírem da casinha o GR agarrou em vários brinquedos e colocou-os todos dentro

do lava-loiças. A IS voltou, encontrou uma seringa e pediu para que a investigadora lhe desse o seu braço, afirmando que iria doer. Depois a CR aproximou-se da casinha mesmo do lado de fora e a IS começou a fazer uma refeição para esta utilizando duas frutas que das quais bateu na ponta da mesa e depois colocou dentro de uma panela fazendo de conta que eram ovos. Posteriormente perguntou à CR se ela não queria entrar na casinha. Esta foi buscar a sua fotografia, um chapéu para pôr na cabeça e entrou para fazer uma salada para ela mesma comer com talheres. Ao ver isso, a IS também quis fazer uma salada de frutas e ainda uma sopa. A CR saiu da casinha e a IS tentou subir ao fogão como forma de fazer com que esta não tivesse essa atitude entrou na brincadeira e disse que o fogão estava quente afirmando esta que o fogão estava desligado apesar de voltar a confirmar esse facto. A IT entrou na casinha e começou a pôr batom à investigadora. A IS lembrou-se de que precisa de uma xícara e começou a procurar. A IT começou a secar o cabelo à investigadora e a pintar-lhe as unhas. Quando a IS encontrou a xícara pediu ajuda à IT para conseguir chegar à mesma, porque o espaço estava muito apertado e ela não conseguia chegar ao armário dos utensílios de cozinha. A IT rapidamente foi ajudá-la e em seguida foi buscar um secador que provocou o choro da IS que queria usá-lo também. A IS preparou mais uma refeição com frutas e alho numa tigela para a investigadora, mas quem lhe deu à boca foi a IT. As duas saíram da casinha voltando a IT algum tempo depois para preparar bebidas e refeições. A VD entrou também para explorar os brinquedos na casinha, nomeadamente a mala das maquilhagens onde lá encontrou a tampa de um tacho e começou a ajudar a IS metendo muitos tachos e alguns alimentos dentro do lava-loiça. A certo momento ficou apenas a VD a arrumar sozinha o espaço, colocando tudo quanto pode dentro do forno. Só após algum tempo é que entrou a SS, a CV, o AS e a IS para ajudar a arrumar colocando os brinquedos no sítio certo.

Complemento com vídeo: Assim que o local da casinha ficou disponível para o grande grupo de crianças o GR e o AS entraram e dirigiram-se logo aos chapéus e à mala das maquilhagens para verem o que tinha dentro. Em seguida, o AS referiu ser o pai e começou a embalar um bebé no carrinho enquanto o GR estava a explorar o interior do armário das roupas. A IT entrou no espaço observou e depois saiu para se sentar ao colo da investigadora e o GR juntou-se ao AS a embalar o bebé. Ao embalarem o bebé o mesmo acabou por cair e o GR quase que o pisou quando se deslocava para a cozinha para preparar refeições. Enquanto preparava uma refeição o GR interagiu com a investigadora perguntando-lhe o que era o que tinha na mão (batata) e se a queria na comida, ao que esta responde que pode ser, ao observar a situação a IT voltou para dentro da casinha para ajudar na refeição e apareceu a CR do lado de fora da casinha para comer uma refeição. O GR dirigiu-se para o fogão com um tacho e o AS seguiu para o ajudar deixando assim os bebés. Com o espaço bastante limitando para todos estarem a cozinhar, o GR muda de função e vai varrer a casa, então o AS e a IT começaram a preparar a comida para investigadora perguntando-lhe o que queria comer. Sem que a IT se apercebesse que a CR estava a despejar as frutas que ela lhe dava, para o chão da cozinha, o AS contornou o espaço e deu-lhe uma palmada na cabeça e fingiu entornar-lhe água na cabeça, o que a deixou com

mais vontade de continuar a deixar tudo cair. O GR então apercebeu-se daquilo que a CR estava a fazer e informou a investigadora com alguma revolta daquilo que ela estava a fazer, ao que a investigadora sugeriu que esta entrasse no espaço se queria brincar e que fosse apanhar aquilo que atirou para o chão. A CR não entrou no espaço e a IT saiu, deixando o GR a preparar refeições e o AS a pentear-se. De joelhos os dois rapazes conversaram e pisaram o bebé que ainda se encontrava no chão. O GR iniciou as limpezas da casinha passando o espanador na cara da investigadora o que fez com que o AS sentisse vontade de fazer o mesmo. Numa tentativa de limpar a cama o AS impulsivamente, saltou para cima da cama e o GR foi buscar o bebé que estava caído no chão para o colocar no carrinho e embalar. O AS retomou as limpezas e referiu que depois ia precisar de fraldas para mudar as fraldas dos bebés. Assim que o GR conseguiu tirar o carrinho do canto, onde estava arrumado o AS dirigiu-se a este embalando o bebé rapidamente, a cantar e a rir juntamente com o GR. A situação fez com que a investigadora alertasse para o valor elevado do carrinho e para a impossibilidade de comprar um novo. Ambos os meninos se acalmaram e começaram a trocar a fralda ao bebé o que fez a investigadora dizer: “Agora é que eu quero ver se sabem mudar a fralda.”. A IS entrou na casinha e sem que se apercebessem começou a preparar refeições. Após a fralda mudada estes voltam a embalar o bebé da mesma forma, foram observados pela IS que não gostou do que viu e voltaram a ser alertados pela investigadora devido à probabilidade de partirem o carrinho. Apesar da IS não ter gostado daquilo que viu, continuou a preparar refeições perguntando à investigadora o que queria comer, mas foi incomodada pelo GR que lhe colocou uma tampa na cabeça o que a deixou chateada. O GR após chatear a IS dirigiu-se ao carrinho para entrar lá dentro e ser embalado pelo AS. Em seguida, o AS começou a atirar objetos para o chão e GR começou a limpar a casa com o espanador enquanto cantava a música de embalar que o AS cantou aos bebés. Os rapazes voltaram novamente a brincar com o carrinho da mesma forma e foram alertados pela IS e pela investigadora para pararem de fazer aquilo. Ao ouvir isto, os dois saíram da casinha e a IS ficou sozinha lá no espaço a preparar refeições para a CR que voltou a pedir comida do lado de fora do espaço. A certo momento a CR entrou na casinha e as duas meninas colocaram na cabeça os chapéus que os rapazes tinham na cabeça. Juntas preparam refeições para a investigadora durante alguns momentos. A CR voltou a sair do espaço e entrou a IT que assumiu o seu lugar na cozinha, mas não o chapéu. A IS saiu da casinha algum tempo depois e a VD entrou para explorar os acessórios que estavam em cima do armário das roupas. Pouco tempo depois a educadora informou todo o grande grupo que teriam de arrumar e cantou a música de arrumar. Ao ouvir que era para arrumar a VD e a IT começaram a arrumar e a IS voltou à casinha para as ajudar também. A VD colocou tudo em cima do armário das roupas a IS arrumou as loiças corretamente no armário e a IT retirou as frutas de dentro do lava-loiça para as colocar no cesto das frutas. A IT e a IS saíram do espaço e a VD ficou sozinha a terminar de arrumar os talheres e frutas atirando-os para dentro do lava-loiça. A pedido da investigadora pede à IS e ao AS para ajudarem a VD mas só vem a IS. Do lado de fora da casinha o LA comenta que a VD precisava de ajuda, então a CV e a SS que não brincaram foram ajudar a

arrumar. O AS entrou por insistências da investigadora e este fiscalizou os brinquedos que estavam colocados nos lugares errados e colocou alguns no lugar certo. A investigadora levantou o lava-loiça e ajudou a IS a arrumar o que estava lá dentro depositado. A IS saiu do espaço.

Na quarta-feira dia 13 não foi possível registar qualquer tipo de brincadeira no espaço da casinha. A manhã foi ocupada com a entrevista ao grupo de crianças sobre o espaço da casinha, uma sessão de educação física relacionada com a temática do projeto dos caracóis e com brincadeira livre no espaço exterior uma vez que o grupo necessitava desse momento. À tarde o grupo reuniu como sempre no tapete para uma conversa sobre o portfólio de grupo e para discutir sobre o espaço da casinha para esta investigação. A mesma conversa teve inclusive de terminar por que as crianças iam ter dança das 14:45h às 15:30h.

De dia 18 ao dia 20, não houve registos de observação, uma vez que na semana correspondente a esses dias, decorreu o período de lançamento das avaliações com uma pausa letiva. Posto isto, o grupo de crianças não foi para a instituição, logo as observações não foram possíveis.

Observação pela investigadora: Ana Sebastião			
Dia: 25 de novembro de 2024 (Segunda-feira)			
Intervalo de tempo: 11:44h às 12:11h (aproximadamente 35 minutos e 45 segundos)	Idades: 3, 4 e 5 e 6 anos	Crianças envolvidas: IT (saiu após algum tempo de permanência no espaço e voltou no final para ajudar a arrumar), KS, MN (que depois abandonou o espaço), AC (que entrou a meio e saiu após algum tempo), VC (entrou a meio da brincadeira como visitante e ficou pouco tempo) SC e VD	Informações adicionais: As crianças foram brincar no espaço por livre e espontânea vontade.
Tipo de brincadeiras: Preparação de refeições, limpezas, brincar aos bebês, médicos, ricos, maus e ladrões.			
Objetos utilizados: Alimentos de plástico, utensílios de cozinha em plástico, acessórios (óculos, colares, anéis, relógios e chapéus), utensílios de limpeza (vassoura, pá e esfregona), balança, carrinho de bebês, bebês de plástico utensílios de médico,			
Descrição da observação: Assim que entrou na casinha a IT viu uns óculos que não estavam arrumados, colocou-os e perguntou à investigadora o que eram. Em seguida, o KS e a MN entraram na casinha e perguntaram à investigadora o que é que esta iria quer comer. O KS pegou nalguns alimentos e colocou-os na balança. A VD entrou no espaço, mas foi avisada de que se tinha esquecido de colocar a sua fotografia do espaço, então esta saiu para ir buscar a fotografia e depois entrou novamente para explorar alguns tachos. A IT volta a perguntar o que é que a investigadora iria querer comer usando um discurso formal: “O que quer comer?”. A MN afirmou que a comida já estava pronta, uma salada composta por vegetais e um colar a fazer de esparguete. O SC entrou na casinha e foi conversar com a MN enquanto esta cozinhava para a outra estudante da sala. Depois o SC explorou alguns acessórios colocando uns chapéus na cabeça e o KS explorou os colares terminando os dois a pentear-se. A AC entrou na casinha e pegou num tacho com alimentos dentro que rapidamente colocou na balança dizendo: “Vamos ver o peso”. Enquanto a VD explorava a casinha, a MN sentiu-se tentada a juntar-se à			

AC a pesar alimentos na balança e lá ficou durante algum tempo. A IS colocou novamente os óculos e serviu mais esparguete à investigadora. Em seguida, a AC viu interesse nos acessórios e deixou de pesar alimentos e a MN sentiu-se tentada a abandonar aquela tarefa também, mas não foi fazer o mesmo que a AC e sim, passear de chapéu e óculos pelo tapete da sala, com um bebé na alfofa. O KS e o SC colocaram também chapéus, óculos e ainda anéis iguais com o objetivo de pousarem para a investigadora. A VD ofereceu à investigadora um ovo e fruta para esta comer, e o VC entrou na casinha como visitante para dar uma injeção à investigadora, equipado com óculos escuros. A IS saiu da casinha e sentou-se ao colo da investigadora. Sozinho e em silêncio o VC preparou refeições e saiu da casinha, enquanto a VD preparava um prato na frigideira. Apesar do KS ter deixado os acessórios o SC foi ter com ele à cozinha e disse “Sou o mais rico de todos”. A MN saiu da casinha mantendo-se do lado de fora a pedir comida e mantendo a sua fotografia na área. O KS e o SC juntaram alguns boiões dos médicos num tacho ao lume e o SC disse: “Somos os maus. Estamos a preparar veneno e “picassão””. Em seguida, os dois pegaram em algumas joias e óculos e levaram os objetos para a perto da porta de acesso à sala do lado e o KS refere, após a investigadora perguntar o que é que estavam a fazer os ricos que: “Somos ladrões”.

Complemento com vídeo: Inicialmente a MN e a IT interagiram por causa de uns óculos que a IT encontrou, mas depois cada uma foi para a zona que quis até a VD chegar e ser-lhe informado de que se esqueceu de trazer a fotografia. O KS entrou no espaço e a MN referiu que ela seria a mãe e o KS seria o pai. Entretanto, não voltaram a falar acerca dos papéis de cada um, mas as duas meninas dirigiram-se à investigadora para a servir, afirmando que na cozinha existia apenas esparguete e tomate, mas não havia almondegas que era o prato que a investigadora queria. O KS colocou alimentos na balança a fim de perceber como esta funcionava. A VD a pedido da MN começou a ajudar esta na cozinha e quando viu que não conhecia o pimento, perguntou à MN que lhe disse o nome do vegetal. Quando o esparguete ficou pronto a MN chamou a investigadora e foi entregar-lhe em mãos: “Ana! Está pronto.”. Até a investigadora acabar de comer a MN não saiu de perto dela e a VD veio ter com as duas, enquanto a IT continua a cozinhar sozinha e o KS começou a limpar o chão com a esfregona e a escova. O SC entrou e de gatas começou a observar o que se passava naquele espaço levantando-se para ir falar com a MN que lhe disse: “Sabes quem é que tu és? O meu filho”, mas ele queria ser dos maus. A IT foi para o colo da investigadora, a MN deu panquecas que preparou à outra investigadora e regressou e o KS e o SC começaram a experimentar acessórios. A AC entrou na casinha e a investigadora sugeriu que os meninos lhe explicassem o funcionamento da casinha, mas a MN apenas comenta que a menina em questão não colocou a sua fotografia no espaço ao que a investigadora respondeu que ela até então não tinha fotografia. A IT, a VD e a AC foram ter com a investigadora com comida e acessórios para ela usar. Após algum tempo a MN aproximou-se da AC e perguntou como é que ela se chamava e se ela queria ser sua amiga (sendo que aquele foi o primeiro dia da AC na instituição). Sem obter resposta a MN voltou a perguntar à AC se seria sua amiga e ela respondeu que não e foi

levar mais comida à investigadora. A certa altura o SC saiu de perto do KS para mostrar o seu look dizendo que era o mais rico e o mais giro. A AC levou a mala de maquilhagem para junto da investigadora. A MN quis sair com o carrinho dos bebés e um bebé, mas devido aos móveis estarem tão próximos esta pediu ajuda para conseguir levar o bebé para o tapete da sala. Do lado de fora a MN contou à educadora que a AC disse que não era amiga dela demonstrando-se triste, ao que esta respondeu que isso não era verdade tranquilizando-a mesma. O VC entrou na casinha mexeu em algumas joias, deu uma injeção à investigadora, entrou na cozinha, cozinhou e saiu. A IT deitou-se em cima das pernas da investigadora. O SC e o KS prepararam juntos veneno. A VD, a IT, o KS e o SC começaram a arrumar assim que a educadora disse o grande grupo arrumar a sala. A IT e a VD arrumaram os utensílios de cozinha e os alimentos, o SC e o KS arrumaram as joias, sendo que uma das caixas onde estavam algumas das joias passou a maior parte do tempo no chão da casinha entornada. A certo momento as meninas param de arrumar e a IT saiu da casinha e deixou a VD a arrumar as loiças sozinha, colocando tudo dentro do forno, assim que a educadora voltou a pedir para arrumarem e cantou a música para arrumar. A pedido da investigadora a IT regressou à casinha para ajudar a VD que apesar de ser a mais nova é a que sempre ficava sozinha a arrumar.

No dia 26 de novembro não existiram registos de observação, uma vez que a manhã foi ocupada com o dia temático do cabelo maluco como pedido pelo grupo para constar no portfólio do grupo. No período da tarde tratou-se da divulgação do projeto de grupo.

Na quarta-feira, dia 27 de novembro também não foi possível obter registos de observação, pois durante a manhã o grupo teve uma saída ao parque de merendas mais perto da instituição, para recolha de recursos naturais para o projeto de grupo. Sendo um parque, o tempo foi gerido entre as recolhas, explorações, brincadeiras livres e deslocações, o que durou a manhã inteira. À tarde as crianças tiveram sessão de dança, logo, não foi possível a nível de tempo brincadeiras na casinha.

O dia 2 de dezembro (segunda-feira) teve a manhã ocupada com a finalização do projeto de grupo e com apresentação e construção do portfólio de grupo, logo não foi possível obter registo de observação. No período da tarde também não foi possível, uma vez que uma das crianças adormeceu e foi levada para a casinha para dormir.

Observação pela investigadora: Ana Sebastião

Dia: 3 de dezembro de 2024 (Terça-feira)

Intervalo de tempo: 11:58h às 12:21h (aproximadamente 23 minutos e 40 segundos)	Idades: 3 e 4 anos	Crianças envolvidas: IS, DO e FR	Informações adicionais: As crianças que foram brincar na casinha estavam a brincar no espaço exterior. Foi-lhes perguntado sobre quem queria ir brincar para a casinha e as crianças envolvidas foram as que disseram querer ir.
--	---------------------------	--	---

Tipo de brincadeiras: Preparação de refeições, brincar aos bebês, mães e pais.

Objetos utilizados: Alimentos de plástico, utensílios de cozinha de plástico, roupas em tecido, utensílios de limpeza em madeira, tecido e plástico, bebês.

Descrição da observação: O FR e o DO entram a discutir e referiram que não queriam ficar o tempo todo, que depois iam embora. A IS entrou na casinha e disse que queria ser a mãe, pegou na chaleira, observou as frutas e vegetais e depois disse que queria ir à casa de banho, então saiu por uns momentos. Com o FR ao pé de si o DO começou a preparar uma refeição colocando uma rodela de tomate para saltear numa frigideira. O FR num tacho colocou uma folha de alface e mencionou que estava a preparar panquecas. A IS entrou na casinha e preparou a mesa de atividades para todos comerem, sendo que primeiro foi para a estudante e depois para os restantes meninos. Na mesa o FR disse “O garfo? Quero um garfo.” Depois de comer o DO refere: “Já acabei de comer, vou comer a sobremesa. Banana!” Ao ouvir isso a IS ofereceu uma laranja à investigadora e foi lavar a loiça e um bebé no lava-loiça. Enquanto isso o DO procurava por toda a sala luva do forno e sem a encontrar desistiu da ideia e vestiu um casaco, afirmou ser o pai e começou a limpar com a esfregona o chão até à área do tapete. A IS dirigiu-se à caixa dos acessórios e explorou o que havia lá dentro, acabando por ficar a pintar as unhas na mesa. O FR após ter observado o DO a limpar, foi vestir um casaco também, afirmou ser o avô, pegou numa vassoura e numa pá e juntou-se ao DO no tapete a limpar. Mais tarde os dois rapazes ampliaram ainda mais o espaço de limpeza e foram para a garagem. A IS deixou os acessórios e retirou a escova de dentro da mala de maquilhagem para se pentear e

pentear a investigadora. No final, a IS acabou por se juntar, com um espanador aos rapazes na limpeza da garagem, quando a investigadora comentou o porquê de os meninos estarem na garagem se estavam na casinha.

Complemento com vídeo: Ao entrarem na casinha a IS referiu que era a mãe e o FR que era o pai e depois que era o avô, por que quem seria o pai era o DO. Ambos os rapazes discutiram para saber quem é que iria trabalhar e saíram da casinha para garagem. Nisto a investigadora confrontou-os com o facto de terem dito que queriam ir para a casinha e o FR disse: “Aqui é o trabalho” e foi retirar a sua fotografia da casinha para pôr na garagem. Enquanto isso, a IS cortava alguns alimentos na mesa e colocava ao lume, pedindo à investigadora que visse o seu cozinhado e em seguida serviu uma bebida do jarro para o copo e saiu para fazer xixi. Durante algum tempo ouviu-se o som daquilo que parecia uma parafusadora, os dois voltaram para a casinha a dizer e a cantar: “Já trabalhámos! Nós vamos ficar a aqui, na na na na na na! os outros não, na na na na na na.”. Colocaram novamente a sua fotografia no espaço, trocando as fotos um do outro o que fez com que a investigadora interviesse para que não se chateassem, o que melhorou os ânimos. No final da guerra com as fotografias o FR disse: “Agora eu fico ao pé do DO”. O DO por não se ter apercebido de que a IS tinha ido à casa de banho retirou a fotografia dela da casinha. O FR e o DO começaram a preparar refeições em dois tachos diferente e a certo momento um legume do FR caiu no chão e depois ele referiu que precisava de água e colocou o legume no lava-loiça por alguns segundos. A investigadora reparou que a fotografia da IS tinha sido retirada e explicou a situação o DO foi buscar a fotografia e a educadora comentou: “Mas agora a IS não pode ir à casa de banho, é isso?” e o DO respondeu que sim, fixando-a novamente no espaço da casinha. A IS regressou e começou a preparar refeições também. O FR fez panquecas com folhas de alface e a IS pareceu não concordar e então pegou numa batata para fazer puré de sopa, que colocou ao lume. O DO enquanto tentava perceber o que queria fazer encontrou uma cereja e perguntou à investigadora o que era. Assim que a comida ficou pronta a IS foi servir a investigadora e o DO assim que viu decidiu fazer o mesmo e depois sentou-se na mesa com os seus dois amigos para comerem. Ao ver isto, a investigadora sentou-se com as crianças à mesa para comerem todos juntos. No início da refeição, o FR e o DO perceberam que trocaram os pratos deles, voltaram a trocar e que se tinham esquecido de talheres e cada um se levantou para ir buscar os seus talheres e começaram a comer. A sobremesa foi fruta para todos, mas o FR fez questão de escolher a mesma fruta que o DO. Quando acabaram de comer todos se levantaram, e o DO perguntou logo pela luva da cozinha. Durante algum tempo tanto ele como os seus amigos procuraram por ela, mas não a encontraram então este mudou de ideias referindo que era o pai, tentando vestir um casaco. Enquanto isso, o FR assistia a IS a dar banho a um bebé no lava-loiça usando um prato como se fosse uma esponja. Assim que o DO conseguiu vestir o casaco, foi mostrar à investigadora que estava muito giro. Ao observar o DO o FR foi ao armário e retirou de lá um casaco para vestir também, mas pediu ajuda à investigadora para o vestir. O DO e o FR foram para a garagem novamente trabalhar, nas limpezas com utensílios de limpeza da casinha. A IS foi

buscar a mala da maquilhagem e começou a pentear a investigadora. Passado algum tempo a IS saiu da casinha também para ajudar nas limpezas. Pouco tempo depois a auxiliar perguntou se os meninos não iam almoçar, então a investigadora pediu que começassem a arrumar. Os casacos foram bastante difíceis de arrumar para o DO e para o FR por isso a investigadora ajudou a arrumar os casacos enquanto eles arrumavam as loiças, alimentos e utensílios de limpeza. No final, acabou por ficar a investigadora a arrumar a maior parte da casinha para que as crianças fossem almoçar.

Na quarta-feira dia 4 de dezembro não foi possível realizar registos de observação, pois durante a manhã foi posta em prática uma proposta educativa que ocupou o período da manhã. À tarde com a sessão de dança também não foi possível.

Os registos de observação na segunda-feira dia 9 de dezembro não foram possíveis, devido às propostas educativas e ensaios para a festa de Natal, que decorreram nesse dia ocupando os dois momentos do dia.

Observação pela investigadora: Ana Sebastião

Dia: 10 de dezembro de 2024 (Terça-feira)

Intervalo de tempo: 14:43h às 15:18h (aproximadamente 35 minutos e 42 segundos)	Idades: 3, 5 e 6 anos	Crianças envolvidas: IT, VC, VD, MN, CR (entrou já a meio da brincadeira), FR (tentou apenas entrar, mas não ficou no espaço) e IS (entrou durante pouco tempo como visitante e depois saiu).	Informações adicionais: As crianças foram brincar no espaço por livre e espontânea vontade.
--	------------------------------	--	---

Tipo de brincadeiras: Preparação de refeições, explorações de objetos e bebês, mães e aos pais e médicos

Objetos utilizados: Painéis de metal, alimentos de plástico, materiais de primeiros socorros (metal, plástico e tecido), tábuas de corte em plástico, rolo de massa em madeira

Descrição da observação: Ao dar às crianças a possibilidade de irem brincar para a casinha, um grupo foi a correr de felicidade para o espaço. A IT assim que entrou foi explorar a caixa de primeiros socorros, o VC foi se deitar logo na cama e a VD dirigiu-se juntamente com a MN às painéis grandes para cozinhar algo lá dentro. Um facto importante e curioso que aconteceu foi a IT e o VC que se descalçaram à entrada na casinha. Em seguida, a IT com ajuda do VC esticou uma manta de emergência que encontrou, de um lado ao outro da casinha, fechado o espaço. Ao observar essa situação o VC referiu: “vou ser operado.” Depois o VC foi brincar com os bebês e tentou vestir um casaco tropa. A VD e a MN agarraram em duas tábuas de corte e a MN perguntou se a VD queria ajuda: “Queres me ajudar?” à VD. A CR entrou na casinha e juntou-se à MN a cortar frutas na mesa central. Após terem cortado todos os alimentos que desejavam, a MN foi buscar uma panela e colocaram tudo lá dentro e ao ser isso a VD demonstrou alguma revolta porque queria também uma tábua para si e teve de se contentar com o rolo de massa.

A IS e o FR entraram passado por baixo da manta, mas o FR logo saiu. A IS sabia que já estavam cinco crianças no espaço e que não podia entrar, os amigos insistiram que ela teria de sair e ela ficou muito triste, mas a investigadora ao observar a situação, pediu ao grupo para aceitar a IS só como visitante como já tinham feito anteriormente com outra criança. No entanto, a IS permaneceu no espaço durante pouco tempo. O VC vestiu o casaco de militar e procurou pelas maquilhagens. A MN começou a preparar uma refeição com cenoura para o Pai Natal, mas a VD disse-lhe que não havia nada para pôr na comida.

Complemento com vídeo: Assim que entraram na casinha a MN mostrou à VD o que estava a começar a cozinhar. A IT e o VC foram ver o que havia dentro do armário das roupas e depois o VC saiu da casinha para perguntar à educadora se podiam descalçar-se e esta respondeu que sim e ele regressou à casinha com a novidade e descalçou-se. Em seguida o VC colocou-se em cima da cama dos bebés e disse à IT: “IT faz de conta que eu sou o filho e tu a mãe.”, colocando os bebés de plástico todos no chão, o que deixou a MN confusa e chateada ao observar a cena. O VC então explicou que depois os iria colocar na cama e a MN voltou para a cozinha para ajudar a VD. Na cozinha ambas conversaram sobre o que iriam cozinhar, mas quem tomou a iniciativa para mexer nos tachos e frigideiras foi a MN que por vezes até afastava um pouco a VD para pudesse se movimentar melhor. Na zona do quarto o VC deitou-se na cama enquanto a IT explorava o que havia dentro da caixa de primeiros socorros. Depois a IT levou a caixa para junto da cama para tratar do VC, mas os dois ficaram intrigados com um saco que encontraram com uma manta de emergência lá dentro. Juntos tentaram abri-la, mas a educadora entusiasmada acabou por ajudá-los a abrir e estes esticaram a manta de um lado ao outro da casinha separando o espaço do resto da sala. Ao ver isto a MN largou o que estava a fazer e referiu que ainda havia espaço para mais alguém que quisesse entrar na casinha. A SS que não estava a brincar naquele espaço protestou que tinham aberto a manta, por achar que não podiam. A investigadora mencionou que a SS deveria então de explicar de que forma é que a manta se usava, já que estava incomodada e esta disse que já tinha explicado e que os colegas não quiseram saber. A investigadora então terminou dizendo que eles já sabiam para que é que servia a manta, mas que a podiam usar para outras coisas também. Neste sentido a investigadora volta a perguntar que brincadeira era aquela, por que anteriormente o VC estava deitado na cama e depois foi esticar a manta, ao que este respondeu: “Isto tem de estar aqui para ninguém ver, por que eu vou ser operado.”. A CR entrou na casinha. A IT e o VC voltaram para a zona do quarto e encontraram outro saco com outra manta e partilham a descoberta com a investigadora que lhes pede para não a abrirem mais uma, mas sim deixarem para depois da outra se estragar. Após ouvir isto a auxiliar dá o conselho à investigadora de apenas colocar uma unidade de cada coisa para que não se estrague tudo de uma vez e para que haja reposição sempre que for necessário. Então a investigadora pediu ao VC que lhe desse a outra manta para guardar. A MN chamou a CR para a brincadeira dizendo que era a mãe e que ela era a filha. O VC interrompeu para dizer que então ele seria o bebé e deitou-se na cama novamente. A certo momento o VC discutiu com a CR sobre quem deveria ser o bebé e começou a mexer em algumas comidas que estavam em cima da mesa, deixando a MN chateada. O VC a IT e a CR foram em seguida explorar a caixa de primeiros socorros e a CR encontrou uma seringa que deixou o VC admirado. Quando a IT viu a seringa foi em direção ao quarto para dar uma injeção ao VC e a CR que estava de gatas (a fazer de bebé) passou para a cozinha, deixando cair sem se aperceber, tudo o que estava na mesa da cozinha, deixando mais uma vez a MN chateada. Enquanto a MN colocava na mesa uma tábua de corte e a VD um rolo de massa a CR apanhou

o que tinha caído ao chão e pôs na mesa. Ao ver o que a MN estava a fazer, também a VD foi buscar uma tábua para esticar massa em cima desta e o cesto da fruta foi colocado em cima do lava-loiça. Após o tratamento realizado pela IT o VC foi à cozinha buscar uma garrafa de refrigerante e deitou-se na cama a beber, questionando a investigadora, pouco tempo depois, o porquê de a garrafa ter água no fundo. Neste sentido, a investigadora respondeu que a água foi de lavar a garrafa e ele perguntou onde seria arrumada a garrafa no final e a mesma respondeu que como é algo frio, o melhor seria ir para o frigorífico que seria preparado ao final do dia. A notícia deixou o rapaz animado que em seguida foi para a cama beber mais. Com os objetos todos apanhados do chão a CR começou a ajudar a MN e a VD na cozinha, sempre de joelhos. O VC decidiu tentar colocar umas botas de bebé nos pés (reclamando para fora do espaço que não lhe serviam), enquanto estava deitado no chão a receber mais tratamentos da IT. Depois a CR levantou-se, tirou a tábua da VD e começou a cortar alimentos que estavam dentro de um tacho, em cima da tábua, juntamente com a MN. O VC e a CR começaram a colocar roupas e chapéus e a manta começou a cair tendo estes em conjunto de a colocar bem de novo. No entanto, perceberam e avisaram os colegas de que a manta estava a começar a rasgar, o que fez a investigadora comentar que a mãe da SS iria ficar triste por que foi ela que trouxe como muito amor e carinho. Outras crianças juntaram-se à manta e ela caiu, deixando o VC triste que ficou durante algum tempo na cama e depois saiu para beber uma bebida sentado na mesa, tentando chatear a MN quando começou a pegar em tudo o que estava na mesa. Assim que viu o seu plano mal sucedido foi vestir o casaco militar e deitou-se na cama. Mais uma vez a manta caiu e a IT que estava a brincar com alguns acessórios, parou o que estava a fazer e foi tentar estender de novo a manta e o FR tentou ajudar do lado de fora, mas como não conseguiu a educadora quis tentar e conseguiram colocá-la de volta. Em seguida a IT voltou a levar a caixa de primeiros socorros para junto do VC e iniciou mais um tratamento, com outra seringa. A manta caiu mais uma vez, mas rapidamente foi levantada pela IT, IS e FR. A IS começou a chorar por que queria ir para a casinha e então esta entrou como visitante do espaço, ficou durante pouco tempo e depois pediu para sair. A VD colocou vários copos na mesa e a MN disse-lhe que não podia por os copos todos e ela retirou alguns. A IT pegou na garrafa de refrigerante e usou-a como um brinquedo para o VC brincar na cama, o que fez com que a investigadora lhe perguntasse se dava esse tipo de bebidas aos bebés, ao que esta respondeu que ele só estava a brincar. A investigadora perguntou à VD o que estava a fazer com o rolo e esta respondeu que nada por que as outras meninas não deixavam, ao ouvir isto a investigadora intercedeu por ela pedindo às restantes amigas que a deixassem brincar com mais coisas. O VC enquanto brincava com a garrafa esta soltou-se da mão da IT e acertou na CR que achou graça e atirou-lhe outra garrafa para cima, rindo-se. O VC riu-se também e depois começaram a atirar o que encontravam, uns aos outros, pedindo a investigadora para pararem senão, não iria trazer mais coisas para a casinha. A IT como tinha ficado sem o VC para brincar foi explorar o armário das roupas e a certo momento encontrou o chapéu do fato militar e tentou colocar na cabeça do VC, o que o fez parar de atirar objetos e à CR também. O VC despiu a roupa e depois começou novamente

a tirar coisas da mesa deixando mais uma vez a MN chateada e o VC fingiu chorar e a CR colocou-se em cima dele para que ele parasse de chorar e ele depois colocou-se em cima dela a uivar. Em seguida, a investigadora afirmou que teriam de arrumar e a MN, a VD e a CR começaram logo a arrumar. A investigadora pela segunda vez pediu para arrumarem e a CR arrumou, mas só depois da educadora cantar uma música para arrumar é que o VC e a CR arrumaram. Tendo mais atenção em relação ao lugar das coisas. O VC e a CR fizeram a cama e a MN ainda ajudou. A VD que tinha saído primeiro acabou por não ajudar os outros meninos dizendo que já tinha arrumado (a sua parte). No final foi o VC ficou mais tempo para arrumar os casacos.

Devido à apresentação das folhas do portfólio, ensaios de preparação para a festa de Natal e à sessão de dança à tarde, não foi possível o registo de observações no espaço da casinha, no dia 11 de dezembro.

Durante a semana de 16 a 18 de dezembro não foi possível a obtenção de registos de observação do espaço da casinha uma vez que essa foi a última semana de ensaios para a festa de Natal e todos os momentos foram aproveitados para ensaiar.


No entanto, apesar do dia 19 de dezembro não corresponder a um dia de prática pedagógica, a investigadora, deslocou-se até à instituição para um último registo de observação da casinha com toda a reestruturação do espaço concluída.


Observação pela investigadora: Ana Sebastião			
Dia: 19 de dezembro de 2024 (Quinta-feira)			
Intervalo de tempo: 12:07h às 12:22h (aproximadamente 15 minutos e 2 segundos)	Idades: 4, 5 e 6 anos	Crianças envolvidas: PS, CV, SC, LA, MN e CR. Como as seis crianças queriam muito ir para a casinha ver o espaço reestruturado deixou-se que fosse mais uma criança.	Informações adicionais: As crianças que foram brincar na casinha estavam a brincar no espaço exterior. Foi-lhes perguntado sobre quem queria ir brincar para a casinha e as crianças envolvidas foram as que disseram querer ir.
Tipo de brincadeiras: Preparação de refeições, limpezas, bebés, médicos, mães e pais e tropas			
Objetos utilizados: Alimentos de plástico, utensílios de cozinha em plástico e metal, micro-ondas de plástico com parte elétrica, esponja, detergente, aspirador de plástico com parte elétrica, Muda-fraldas em tecido, bebê de plástico, primeiros socorros e fatos em tecido.			
Descrição da observação: Assim que as crianças entraram foram explorar o aspirador ao limpar o chão, o LA em específico. A CV foi dar colo a um dos bebés e o SC e o PS foram experimentar o micro-ondas. A MN iria cozinhar e afirmou ter gostado de uma das coisas novas da casinha. O LA limpou com a esponja da loiça a mesa e o sofá da casinha. O PS aspirou também o chão e o SC chamou-o para se vestir de tropa, mas inicialmente só o SC é que se vestiu. A CV usou o muda-fraldas para mudar a fralda do bebê enquanto a MN descobriu como se abria o micro-ondas e uma guerra acontecia no tapete com os tropas PS e SC. A CV levou o bebê para cima da mesa de atividades, explorou a caixa de primeiros socorros e retirou de lá uma gaze para enfaixar a perna do bebê e colocou um penso no braço do mesmo também. Alguns meninos entraram na sala e ficaram como visitantes, enquanto a CV, o LA e o PS cercavam o espaço com a manta de emergência. Na casinha o SC aspirou e depois o PS juntou-se a ele. A brincadeira dos pais e das mães começou quando todos referiram quem seriam. A MN e a CR cozinham juntas no fogão. Pouco tempo depois tiveram de arrumar e algumas crianças entraram só para ajudar. Apesar de haver fotografias para arrumar as coisas, houve ainda alguma dificuldade em colocar as coisas nos locais indicados, uma vez que vieram muitas coisas novas. A investigadora ajudou a arrumar e depois saíram todos da casinha.			

Complemento com vídeo: Ao chegarem à sala as crianças foram a correr tirar os casacos para irem brincar para a casinha. Assim que lá entraram, o LA correu em direção ao aspirador, o PS e o SC em direção ao micro-ondas, e as três restantes crianças observaram o sofá. A investigadora coloca o problema de o número máximo de crianças ter sido ultrapassado e todos ficaram apreensivos. O LA então referiu que deveria de sair a CV por que teria sido a última a entrar no espaço e a MN ainda completa que a CV disse que o último a colocar a fotografia ficaria de fora. Esta então retirou-se do espaço como se fosse embora, mas pega na sua fotografia e acaba por ser a primeira a colocar a sua fotografia, em seguida o La referiu que não seria preciso colocar fotografia (uma vez que não estava mais ninguém na sala). A investigadora comentou que era melhor colocarem para nunca se esquecerem, e logo todos começaram a colocar a avisar uns aos outros para colocarem a fotografia. Depois de todos colocarem as fotografias o espaço ficou cheio, uma pessoa ficou de fora e o LA comenta que a CR (que foi a última a colocar a fotografia) teria de sair, mas lembresse que ela ainda podia ser visita. Vendo isto a investigadora perguntou-lhe se queria ficar na casinha, ao que esta disse que sim e a investigadora então acrescentou: “Olha, não há mais ninguém na sala por isso, por mim podes ser visita então.” e assim permaneceram as seis crianças no espaço. A MN comentou que seria a mãe, o LA que seria o primo, a CR a prima e a CV disse que seria a mana mais velha e que um dos bebés de plástico podia ser o bebé. O LA aspirou o chão, o PS e o SC aqueciam comida no micro-ondas e a MN assistia, a CR ficava no sofá e a CV com um bebé ao colo. A certo momento a MN disse que ia cozinhar e o LA abriu a porta do forno e ficou admirado com as coisas que estavam lá dentro chamando à atenção das restantes crianças que foram imediatamente ver o que lá havia. Depois cada um regressou aos seus postos iniciais comentando que já tinham bolachas do pikachu. A MN ao aproximar-se do fogão reparou e comentou com entusiasmo aos amigos que havia algo “buéda bom” (duas embalagens de molhos). O PS abriu o armário e começou a ver tudo o que de novo lá havia. A CR observou a MN a cozinhar e depois juntou-se a ela também e enquanto isso o LA continuava a aspirar. Algum tempo depois o LA pegou na esponja com detergente que colocou da loiça e começou a esfregar a mesa e depois o sofá, passando a tarefa de aspirar para o PS que queria muito usar o aspirador. O SC que estava a observar uma faca nova aproximou-se do armário e retirou de lá o casaco militar para vestir e colocou o chapéu da farda também. Ao ver o SC já vestido o LA perguntou-lhe: “Vais para a tropa, ou quê?” e ele respondeu: “Eu vou pá tropa.”. Assim que o PS viu o SC vestido de tropa, foi vestir-se também de militar e passou o aspirador à CR que começou a aspirar a casa. A MN a certo momento, quis experimentar o micro-ondas, mas não sabia como abrir a porta, por isso pediu ajuda à investigadora que se aproximou dela dizendo que normalmente existia um botão grande para abrir. A CV que escutou a conversa, aproximou-se e disse que sabia abrir, abriu para a amiga e voltou a mudar a fralda a um bebé, e começou a realizar procedimentos médicos nele com os materiais de primeiros socorros. O SC e o PS saíram da área da casinha para a área do tapete para marcharem como soldados “Tropa. Fogo, nos canhões. Bum bum bum.” O SC regressou à casinha e pegou no aspirador, que tinha sido

arrumado no sítio certo pela CR, e começou a aspirar, ainda vestido de militar. O VC e o GR entraram na sala e perguntaram o que estava a acontecer, a investigadora respondeu que alguns meninos disseram que queriam ir brincar para a casinha e por isso estavam a brincar lá. Ao escutarem isso, os rapazes disseram que também queriam, mas a investigadora viu-se obrigada a dizer que teria de ficar para outro dia, por que a casinha já estava cheia. O micro-ondas fez plim e o GR aproximou-se dizendo que não sabia abrir, então a MN aproximou-se dele e disse que lhe ia mostrar por que já sabia como abrir. O PS regressou à casinha dizendo que já tinha acabado o trabalho. A CV durante os seus tratamentos ao bebé abriu a parte de baixo da caixa e descobriu a manta, logo a estica e com ajuda do PS levantaram uma divisão que separou a casinha do resto da sala. O PS pediu por favor ao SC para lhe emprestar o aspirador de mãos juntas e o amigo cedeu-lhe o utensílio de limpeza e este referiu que seria o pai. Empolgado, com o facto de o espaço ter sido fechado pela manta, o LA deitou-se na cama dos bebés. O SC e a CR ajudam a manter a casa limpa ao limparem a mesa com a esponja com detergente. A CV deixou a casinha. A investigadora aproveitando que havia algumas crianças dentro da sala que queriam ir para a casinha, perguntou se não existira alguma coisa que os meninos da casinha pudessem oferecer aos visitantes. Algumas crianças disseram que podia ser almoço, mas outras disseram que não havia almoço. Enquanto a MN preparava refeições a manta caiu e o LA reclamou com ela. O LA então coloca a manta novamente de pé e a investigadora aproximasse para dizer que era hora de arrumar. O LA ficou triste e disse que não queria arrumar ao que a MN responde que vai arrumar. A investigadora deu então a possibilidade de eles perguntarem à educadora se poderiam continuar a brincar na casinha à tarde. A educadora que estava à espera das crianças para irem lavar as mãos apareceu junto do grupo e o PS perguntou-lhe se podiam ir brincar para lá à tarde ao que a educadora respondeu que podia ser. Todos começaram a arrumar incluindo o GR e o KS que ainda estavam na sala. A manta ficou para arrumar em último, uma vez que ela, segundo eles, protegia as coisas de saírem da casinha. Enquanto arrumavam ficaram por vezes confusos de onde colocar as coisas. A investigadora informou que a casinha já tinha as fotografias que ajudavam arrumar, como tinha sugerido o MN, e por isso seria só olharem para elas para ver onde arrumar as coisas. A MN arrumou e saiu da casinha. O GR ainda passou o aspirador antes de sair e com quase tudo arrumado o SC e o SC tentaram descobrir como é que se mudava a parte de baixo do aspirador, mas como não descobriram arrumaram-no no sítio certo. Como o SC, o PS e o LA ainda estavam um pouco perdidos por que a cada coisa que arrumavam descobriam uma nova a investigadora começou a ajudá-los a arrumar dando indicações específicas a cada um deles.

APÊNDICE 16- COMUNICADO ÀS FAMÍLIAS PARA PEDIDO DE RECURSOS PARA O ESPAÇO DA CASINHA





Assim sendo, pediria a vossa ajuda para colaborar com o que pudessem trazer da seguinte lista:

- 1 mala frutas;
- Algumas embalagens vazias de bolachas, massas, cereais, iogurte, garrafas de plástico, caixa de ovos, detergente de louça e caixa de preparado para panquecas e entre outros;
- Materiais de primeiros socorros (família da área da saúde, com excessão da família da Carolina que já contribuiu anteriormente);
- 2 a 3 fotos/roupas que remetessem para profissões;
- 1 microondas de brincar (Francisca referiu que tinha um em casa que não se importava de trazer para a escola);
- Utensílios de cozinha (2 panelas, 1 frigideira, 4 pratos não quebráveis e talheres).

Obrigada, por tudo!

Nota: Peço que se tiverem algum dos itens da lista que possam trazer, que me informem para saber com o que podemos contar (não gastem dinheiro).
Trazer até dia 9 de dezembro.

Contextualização

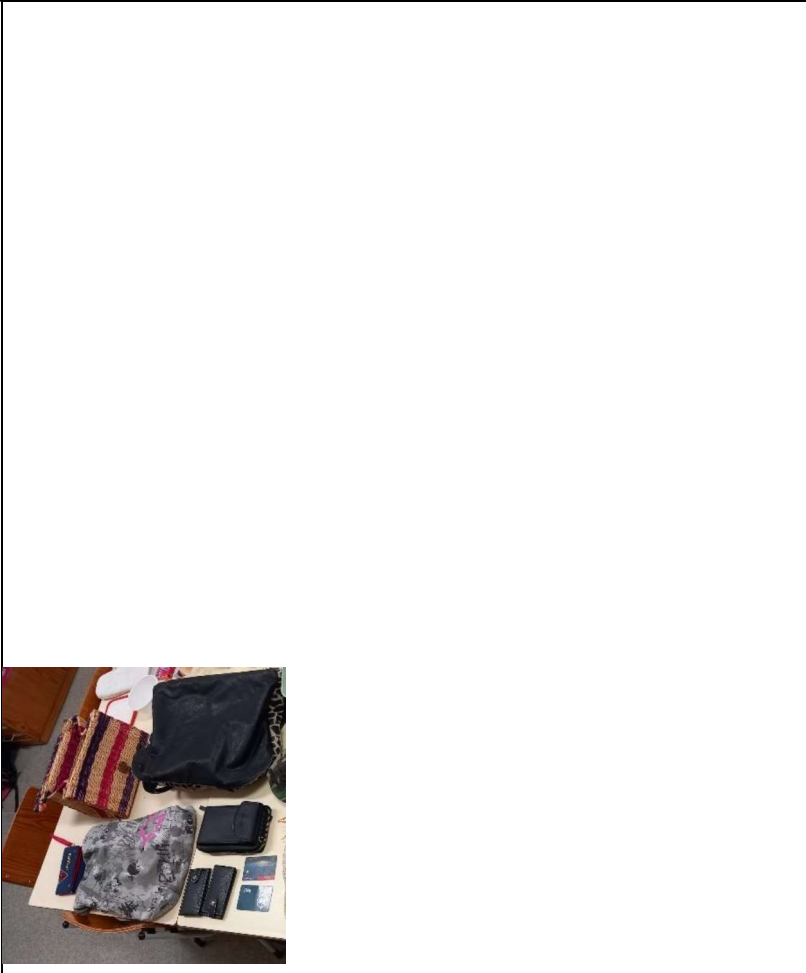
Os pais foram convidados a trazerem materiais para o espaço da Casinha, com o objetivo de melhorar o ambiente de trabalho e proporcionar uma experiência mais rica e significativa para as crianças. Este trabalho é importante para a construção do conhecimento e para a formação de hábitos de organização e limpeza. Esperamos que todos possam contribuir para a melhoria do espaço da Casinha.


Por isso é que pedimos para nos enviarem a espaço nas cozinhas que as crianças mais gostam.


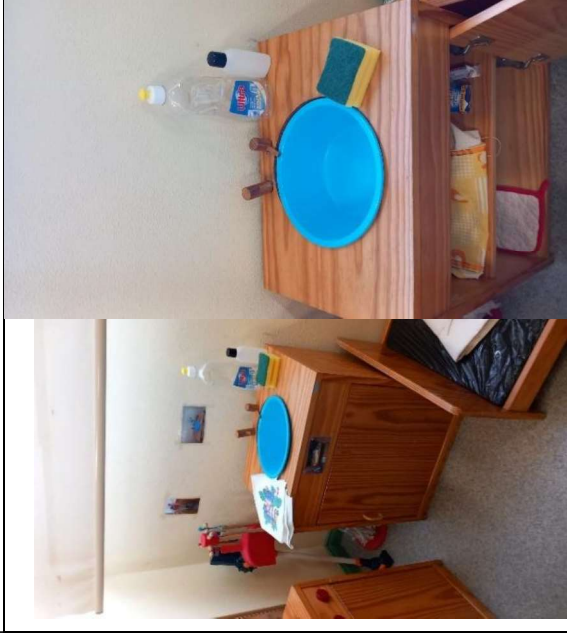
APÊNDICE 18-INVENTÁRIO DO ESPAÇO DA CASINHA (DEPOIS DA REESTRUTURAÇÃO)


Fotos dos espaços	Objetos	Quantidades	Material dos objetos
		<p>1-Armário de roupas; 4-Chapéus; 1-Caixa para óculos; 7-Óculos de sol; 1-Caixa para acessórios; 6-Pulseiras; 5-Colares; 11-Anéis; 1-Gancho para o cabelo; 1-Relógio; 1-Mala de médico; 1-Kit de primeiros socorros (com 1 pinça, 1 gaze, 1 rolo de fita cola e pensos rápidos);</p>	<p>O armário de roupas era em madeira. Os chapéus e a caixa de óculos eram em verga. Os restantes objetos que correspondiam aos acessórios, eram feitos de materiais diversos, como metal, madeira, tecido, resina e ainda de plástico (caixa que os acomodava). A mala de médico e de maquiagem eram de plástico e tudo o que havia no interior da mala de</p>

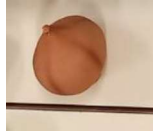
	<p>2- Seringas;</p> <p>1-Manta térmica de emergência;</p> <p>1-Caixa de maquiagem;</p> <p>3-Porta maquiagens;</p> <p>1-Secador de cabelo;</p> <p>1-Espelho;</p> <p>1-Pulseira;</p> <p>3-Frascos de verniz;</p> <p>1-Frasco de perfume;</p> <p>1-Pingente;</p> <p>2-Batons;</p> <p>5-Cabides;</p> <p>1-Bata de médico;</p> <p>2- Casacos de militar;</p>	<p>maquiagem era em plástico também. No entanto, dentro da mala de médicos passaram a existir objetos em metal (piça) e tecido (gaze).</p> <p>As roupas eram de tecido e os cabides de plástico.</p>
--	---	--

	<p>2-Casacos de adulto;</p> <p>9-Peças de roupa de bebê;</p> <p>1-Saco;</p> <p>4-Fraldas;</p>	
	<p>3-Malas;</p> <p>3-Carteiras;</p> <p>2-Cartões;</p> <p>1-Alcofa de passeio;</p> <p>1-Manta;</p> <p>1-Tábua de passar a ferro;</p> <p>1-Ferro de engomar.</p>	<p>A estrutura da alcofa era em ferro, no entanto o revestimento era em tecido e tinha algumas partes de plástico e borracha (rodas).</p> <p>A tábua de passar a ferro era feita em metal e coberta com tecido. O ferro de engomar é em plástico e no interior era</p>

			<p>constituído por uma parte elétrica, uma vez que já tocou música.</p> <p>As malas eram em tecido e verga e dentro de uma delas constavam algumas carteiras e cartões feitos de plástico.</p>
		<p>1-Cama; 1-Colchão; 1-Almofada; 1-Forra de colchão; 2-Lençóis; 1-Cama de passeio; 5-Bebés; 1-Muda-fraldas.</p>	<p>A cama era em madeira. O colchão, os lençóis, a almofada e a cama de passeio eram feitos de tecido e espoja.</p> <p>Já os bebês eram feitos de plástico e tecido e possuíam enchimento.</p>


<p>A forra do colchão é em plástico.</p>			
<p>Móvel era madeira e a cuba em plástico. Outros dos objetos em plástico eram algumas de embalagens, sendo que também houve alguma sem papel. Nem tecido os aventais, luva e pega. O escorredor em metal e por fim a esponja da loiça em esponja.</p>	<p>1-Lava-loiça; 1-Cuba (alguidar); 1-Embalagem de detergente; 1-Esponja da loiça; 1-Frasco; 2-Caixas de papel (para o forno e de alumínio); 2-Caixas de pastilhas para a máquina da loiça; 2-Aventais; 2-Recipientes; 1-Tampa; 3-Pratos; 1-Escorredor; 1-Luva;</p>		

<p>1-Pega.</p> <p>1-Suporte; 1-Vassoura; 1-Pá; 1-Escova; 1-Espanador; 1-Esfregona; 1-Aspirador.</p>		<p>Tanto o suporte quanto os cabos dos utensílios eram de madeira e o restante em tecido (espanador) e plástico (vassoura). O aspirador era de plástico e sistema elétrico a pilhas.</p>



- 1-Armário de Loças e frigorífico;
- 1-Balança;
- 1-Microondas;
- 23-Talheres;
- 2-Espátulas;
- 10-Chavenas;
- 4-frigideiras (2 com tampa);
- 1-jarro;
- 1-Bole com tampa;
- 2-Panela com tampa;
- 2-tachos (1 com tampa);
- 7-Pratos;
- 3-Tábuas de corte;
- 1-Porta talheres;
- 24-Utensílios de cozinha (desde

O armário era em madeira o frigorífico em madeira e cartão. Alguns dos utensílios de cozinha, tachos, talheres, copos e pratos mantiveram-se por isso ainda existiu objetos de plástico, no entanto também foram incluídos objetos em metal, vidro (1 tampa) e madeira (rolo de esticar massa). Dos materiais também alguns permaneceram de plástico, mas foram incluídos ainda outros em papel (caixa de queijos) e em madeira (pizza).

		<p>conchas da sopa e formas para bolos);</p> <p>10-Copos;</p> <p>1-Escorregor;</p> <p>55-Alimentos (de iogurtes a frutas);</p> <p>1-Cesta para alimentos.</p>	
		<p>1-Sofá;</p> <p>O sofá era de espuma.</p>	



1-Mesa;
4-Cadeiras;
1-Toalha;

A mesa e as cadeiras eram em madeira, sendo que os seus pés eram em metal. A toalha era em tecido e todos os alimentos de plástico, incluindo a cesta dos mesmos.